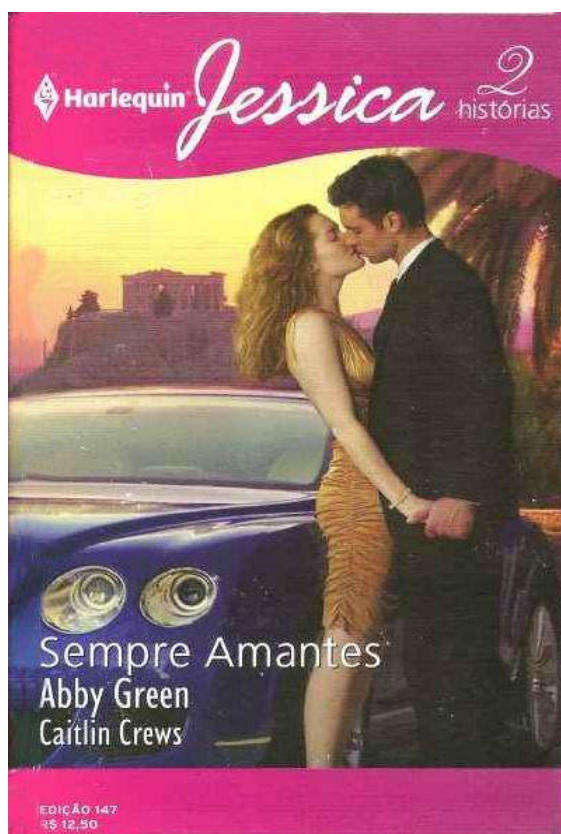


# Direito de amar

In Christofid's Keeping  
**Abby Green**



**Bastou uma noite com Rico Christofides para Gypsy Butler engravidar.**

Mas ela jamais deixaria que seu bebê tivesse uma infância tão infeliz quanto a dela.

Porém, um encontro inesperado com Rico poderia mudar seus planos! Ele jamais esquecerá ou perdoará a mulher que derrubara suas barreiras de concreto. Ao descobrir que seria pai, nada o impediria de reivindicar a guarda de seu filho, nem mesma a rebeldia de Gypsy!

**Digitalização: Tatja**  
**Revisão: Cassia**





**Querida leitora,**

Nesta edição de Harlequin Jessica, Sempre Amantes, duas mulheres arriscam-se em jogos de poder e desejo arrebatador!

Em Direito de amar, de Abby Green, o playboy Rico Christofides descobre que é pai e começa a lutar por seus direitos e desejos inconscientes de paternidade e amor. Gypsy Butler, mãe de sua filha e a única mulher de quem ele nunca se esqueceu, encontra-se em conflitos, envolvida por segredos e sentimentos prestes a serem revelados.

Em Sedução e poder, de Caitlin Crews, o magnata Nikos Katrakis está à procura de uma nova amante. Tristanne Barbery, muito determinada e cheia de vontade, aproveita a chance e se entrega ao poderoso sedutor... O que ela não imaginava era que esse jogo seria tão perigoso e envolvente.

*Equipe Editorial Harlequin Books*

Harlequin

2011

Tradução: Dinah Kleve

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados.

Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título Original: IN CHRISTOFIDF'S KEEPING

Copyright © 2010 by Abby Green

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon Modern Romance

Arte final de capa: núcleo-i designers associados

Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

[www.rrdonnelley.com.br](http://www.rrdonnelley.com.br)

Distribuição exclusiva para bancas de jornal e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

## CAPÍTULO UM

Rico Christofides conteve a sua irritação e tentou recuperar a concentração. O que estava acontecendo com ele? Embora se encontrasse num dos restaurantes mais luxuosos de Londres, jantando com uma das mulheres mais bonitas do mundo, sua sensação era a de que alguém havia baixado o volume do som ambiente, fazendo com que a única coisa audível, no momento, fosse a batida estável do seu coração.

Elena falava e gesticulava com excessiva animação. Seus olhos brilhavam um pouco demais ao jogar o cabelo ruivo por sobre um dos ombros, deixando o outro descoberto.

Rico sabia que ela tentava impressioná-lo, mas o fato é que sua estratégia não estava sendo bem-sucedida.

Ele conhecia todas aquelas artimanhas. Havia visto inúmeras mulheres utilizarem-nas ao longo de anos e até gostado delas. Naquele exato momento, porém, sentia tanto desejo por aquela mulher quanto por um objeto inanimado; chegou mesmo a se arrepender por ter cedido ao impulso de ligar para ela quando soube que passaria alguns dias em Londres.

Curiosamente, ele parecia, na verdade, enfeitiçado por uma antiga lembrança. Havia olhado rapidamente para uma garçonne ao entrar no restaurante e algo no modo como ela se movia se registrara imediatamente em seu cérebro, fazendo-o voltar dois anos no tempo. Rico se flagrou pensando na única mulher diferente de todas as outras que ele havia conhecido. A única que conseguira derrubar as defesas que ele erguera em torno de si e de suas emoções.

Por uma única noite.

Ele cerrou o punho sobre a perna, debaixo da mesa. Aquilo só podia se dever ao fato de ele estar novamente em Londres pela primeira vez desde aquela noite. Rico forçou-se a sorrir em resposta a algo que Elena dissera, embora ela parecesse mais apaixonada pelo som da própria voz do que preocupada se ele a estava ouvindo ou não.

Na noite em que havia conhecido Gypsy, se é que aquele era mesmo o nome dela, Rico estava prestes a lhe dizer o próprio nome ao saírem da boate. Ela, porém, havia colocado uma mão sobre a sua boca.

— Eu não quero saber quem você é. Não esta noite.

Rico ficara na dúvida. Ou ela sabia muito bem quem ele era, já que sua foto havia saído repetidas vezes nos jornais locais antes daquela noite, ou então... Ele se deteve ao olhar para ela. Uma mulher adorável, com tanta juventude, tanto frescor... E autêntica.

Pela primeira vez na vida, ele colocou a suspeita e o cinismo, seus companheiros constantes, de lado e disse:

— Está bem, sedutora... Que tal, então, nós trocarmos apenas os nossos primeiros nomes?

Antes que ela pudesse dizer o que quer que fosse, e acreditando piamente, não sem uma, certa arrogância, que ela não tinha como desconhecer a sua identidade, ele estendeu a mão e disse com um floreio:

— Rico, às suas ordens.

Ela colocou sua mão pequena e macia na dele e hesitou por um longo momento, antes de dizer com a voz rouca:

— Eu sou Gypsy.

Um nome inventado. Tinha que ser. Ele riu. Ainda se lembrava até hoje do quanto havia sido estranho deixar aquela emoção vir à tona.

— Muito bem. Pode manter o seu joguinho, se quiser. Neste exato momento, eu estou interessado em algo bem mais importante do que o seu nome...

Alguém soltou uma risada estridente, despertando Rico de seus devaneios, mas nem mesmo aquilo foi capaz de conter o desejo que corria dentro dele ao lembrar, repentinamente, de dois corações batendo em uníssono, a pele dela, escorregadia de suor, seu corpo enrascado no dele de um jeito tão ardente e apertado que ele chegou a ter dificuldade em manter o controle. Quando os seus músculos começaram a se contrair em torno dele e ela soltou um gemido entrecortado e arfante, ele se deixou levar como nunca havia se permitido antes nem depois de conhecê-la.

— Rico querido — disse Elena, com um beicinho. — Você parece estar á milhas daqui. Não me vai dizer que está pensando em tediosos assuntos de trabalho.

Ele conteve uma careta cínica. Era exatamente aquele trabalho tedioso e todos os milhões que ele lhe rendia que faziam com que mulheres como Elena vivessem à espera do menor sinal de interesse da parte dele. A constatação, porém, não evitou que ele tivesse que se remexer desconfortavelmente em sua cadeira, muito perturbado com o fato de estar tão excitado não pela mulher à sua frente, mas por um fantasma do passado, o fantasma da única mulher que não havia caído a seus pés, em êxtase, por ter sido escolhida por ele.

Pelo contrário. Ela havia tentado fugir dele, e efetivamente o fizera, na manhã seguinte. Não antes, porém, de ele tê-la deixado, esparramada na cama, completamente esgotada. O arrependimento tomou conta, dele, e Rico não se arrependia nunca.

Ele se forçou a sorrir mais uma vez e estendeu a mão na direção da de Elena, excessivamente a seu alcance. Rico estava prestes a dizer alguma banalidade quando a garçonete passou pela mesa, fazendo o seu corpo enrijecer inexplicavelmente em reação à proximidade dela, como se ele tivesse percebido algo que seu cérebro ainda não houvesse registrado. Rico ergueu o olhar e compreendeu que se tratava da mesma garçonete que ele havia notado na entrada.

Será que estava ficando completamente louco? O perfume que pairou no ar após a passagem dela evocou inúmeras lembranças. Tentando parecer casual, ele voltou a olhar para a sua acompanhante e perguntou:

— Que perfume você está usando?

Os lábios de Elena se curvaram sedutoramente ao lhe oferecer o seu pulso.

— Poison... Gosta?

Ele baixou a cabeça, mas antes mesmo de inalar o odor, soube que não era dela o cheiro que o havia inebriado. Atraído por algo, Rico voltou a erguer o olhar e viu as costas

da garçonete. Ela estava anotando um pedido da mesa ao lado... Elena puxou a mão de maneira abrupta, sem disfarçar um suspiro irritado, e se levantou.

— Vou retocar minha maquiagem. Espero que não esteja mais tão distraído quando eu voltar.

Rico ignorou o tom de reprovação em sua voz. Estava arrebatado pela pequena garçonete, a poucos centímetros dele, de dorso estreito e corpo muito bem-formado. Suas nádegas firmes e bem-definidas despontavam sob a saia preta justa que escondia suas pernas até a altura dos joelhos, deixando entrever delgadas, porém bem torneadas panturrilhas e minúsculos tornozelos. Seus pés estavam envolvidos em sapatos pretos de salto baixo. Até aí, nada de excepcional.

O olhar de Rico subiu até alcançar a blusa branca que deixava entrever apenas de leve o sutiã, e seu cabelo castanho escuro, cor de mel, densamente encaracolado, preso num coque firme. Rico, porém, imaginou seus cachos selvagens saltando livres, quase exatamente como os de... Ele balançou a cabeça novamente, resmungando baixinho. Por que aquelas lembranças tão vividas estavam vindo à tona justo naquela noite?

Foi então que a mulher se virou apenas o suficiente para lhe proporcionar um vislumbre de seu perfil. Um nariz pequeno e reto, um queixo determinado e uma boca exuberante, levemente dentuça, da qual ele se lembrava muito bem, como uma adorável imperfeição num mundo obcecado pela perfeição. A certeza o tomou de assalto depois daquele pensamento, tinha de ser ela. Ele não estava ficando louco.

Rico perdeu o fôlego. Tudo, de repente, ficou em câmera lenta, quando ela finalmente ficou de frente para ele. Estava anotando algo em seu bloco, enquanto equilibrava os enormes cardápios sob o braço, e antes que se desse, conta do que estava fazendo Rico se levantou e agarrou o braço da mulher.

Gypsy não compreendeu de imediato o que estava acontecendo. Tudo o que sabia era que alguém a segurava com força. Ela ergueu o olhar, pronta para protestar, quando viu o seu olhar acinzentado e metálico.

Ela parou de respirar, parou de funcionar e piscou repetidas vezes. As palavras morreram em sua garganta. Aquele não podia ser ele. Ela devia estar sonhando, ou, pior, tendo um pesadelo.

Estava olhando para olhos exatamente da mesma cor dos de... Só podia ser ele. O homem que havia assombrado os seus sonhos por quase dois anos. Rico Christofides. Um empresário bilionário, meio grego, meio argentino. Uma lenda.

— É você mesmo — disse ele, dando voz a seus pensamentos naquele tom grave, fazendo o cérebro de Gypsy entrar em colapso.

Uma voz no fundo de sua mente dizia-lhe para fugir dali.

Ela balançou a cabeça. Tudo de que teve ciência naquele momento foi das profundezas escuras daqueles olhos acinzentados e tempestuosos injetados nela até alcançar sua alma, e a mão dele segurando o seu braço com força. O cabelo preto, o nariz levemente torto, as sobrancelhas escuras, o maxilar bem definido... Tudo lhe era muito familiar, mas seus sonhos não lhe haviam feito justiça. Ele era tão alto, e seus ombros tão amplos que ela não conseguia enxergar nada por trás dele.

Logo após o choque, sobreveio, novamente, a mágoa por ele a ter deixado na manhã seguinte, apenas com um bilhete que dizia: O quarto já foi pago. R.



Uma tosse afetada soou perto deles. Ele não se moveu e Gypsy não foi capaz de desviar seu olhar. O mundo que ela havia construído cuidadosamente estava desmoronando à sua volta.

— Alguma coisa errada com o nosso pedido, Rico?

A voz feminina confirmara o que Gypsy não queria saber ao proferir o nome dele em voz alta. Uma voz que pertencia, provavelmente, à ruiva atordoante pela qual ela havia passado há poucos minutos.

Ele, porém, ignorou a mulher e repetiu num fio de voz:

— É você.

Gypsy conseguiu balançar a cabeça e, ao mesmo tempo, miraculosamente, soltar seu braço dos longos dedos dele. Rezou para conseguir dizer algo que fizesse sentido, algo que a tirasse daquela situação e a afastasse dele. Afinal, fora apenas uma única noite, algumas poucas horas. Como alguém como ele poderia se lembrar de alguém como ela? Por que, afinal, ele desejaria ao menos se lembrar dela depois do modo como havia partido? E como aquela terrível e ardente sensibilidade podia estar correndo novamente em suas veias?

— Eu sinto muito. O senhor deve estar me confundindo com alguém.

Gypsy o deixou parado ali e seguiu direto para o banheiro dos funcionários, temendo vomitar. Respirando fundo, debruçada sobre a pia, ela só conseguia pensar em fugir.

Desde que descobrira que havia engravidado depois da noite avassaladora, Gypsy soubera que algum dia teria de contar a Rico Christofides a respeito de sua filha. Uma filha de 1 ano e 3 meses, com olhos exatamente da mesma cor dos de seu pai. Gypsy teve vontade de vomitar, mas se conteve.

Lembrava bem do terror que a havia acometido diante da perspectiva de se tomar mãe, e da instantânea e profunda conexão que estabelecera com o minúsculo bebê que crescia em seu ventre, despertando nela um intenso desejo de proteger seu filho. Gypsy sabia como Rico Christofides lidava com as mulheres que ousavam lhe atribuir a paternidade de seus filhos e não se dispusera a se expor àquela humilhação pública, apesar da certeza de que poderia comprovar a paternidade.

Grávida e sentindo-se extremamente frágil e vulnerável no imaginar como Rico Christofides reagiria à novidade, Gypsy tomara a difícil decisão de criar Lola sozinha.

Havia desejado estar mais forte quando voltasse a entrar em contato com alguém tão poderoso quanto ele, e não trabalhando como garçomete, ainda que num restaurante luxuoso.

O pânico retornou. Gypsy não conseguia ver nem mesmo o próprio rosto pálido refletido no espelho. Se não saísse de lá agora, Christofides certamente se lembraria da mulher que havia se entregado a ele, por uma única noite, cedendo um desejo tão intenso que ainda a despertava, algumas vezes, no meio da noite.

Ciente de que estava agindo movida pelo pânico, mas incapaz de enxergar outra saída, ela jogou um pouco de água no rosto e foi falar com seu chefe.

— POR FAVOR, TOM — implorou Gypsy. Odiava mentir daquele jeito, ainda mais usando a filha, mas não tinha outra opção. — Preciso ir ver a Lola. Aconteceu... Uma coisa.

Seu chefe passou a mão pelo cabelo.

— Nossa, Gypsy, você escolheu a pior hora para isso. Não pode esperar ao menos uma hora, até o movimento ceder um pouco?

Gypsy balançou a cabeça, já tirando o avental.

— Eu sinto muito, Tom. Realmente, pode acreditar.

O rosto dele enrijeceu. Gypsy sentiu um fio de suor escorrer pela sua espinha.

— Eu também, Gypsy. Não queria fazer isso, mas você tem se atrasado quase todos os dias nestas últimas duas semanas.

Ela começou a protestar, mas seu chefe a interrompeu.

— Você é uma boa funcionária, mas há uma fila de pessoas esperando por uma oportunidade que não vão me deixar na mão desta maneira. Se você for embora agora, não terá mais um emprego para o qual voltar Gypsy. Simples assim.

A idéia de voltar ao salão e agir com naturalidade era inconcebível. Ela iria acabar sendo despedida do mesmo jeito por derramar o jantar de alguém em seu colo, de tanto que tremia. Olhou, então, para Tom, e balançou a cabeça novamente, triste, já antevendo a dificuldade que teria em arranjar um novo emprego, e agradecendo silenciosamente aos céus por ter algumas economias que a manteriam por umas poucas semanas.

— Eu sinto muito, Tom, mas não tenho escolha.

— Eu também, mas você não está me dando outra opção.

Gypsy não conseguiu dizer mais nada. Sua garganta estava apertada demais. Ela apenas juntou suas coisas e saiu pela porta dos fundos.

Mais tarde, naquela mesma noite, Rico se encontrava junto à janela de parede inteira de sua cobertura, no centro de Londres, com as mãos enfiadas nos bolsos. Seu pulso ainda estava acelerado e aquilo não tinha nada a ver com a bela mulher a quem ele havia acabado de desejar boa noite de maneira brusca e estéril, e sim com uma bela garçonne que o deixara confuso, desaparecendo repentinamente.

Ela havia feito o mesmo da primeira vez que eles tinham estado juntos, mas Rico só podia culpar a si mesmo por aquilo. Se não tivesse entrado em pânico... Ainda se sentia irritado consigo mesmo por ter baixado á guarda daquela maneira. Lembrava-se muito bem de tê-la observado dormir, esparramada na cama, abismado com a intensidade de seu desejo por ela.

Fora aquilo e uma sensação avassaladora de possessividade que o haviam feito sair do quarto como se tivesse cães ferozes em seu encalço. Ele nunca sentia possessividade alguma em relação às mulheres com quem se relacionava. Assim que a reconhecera, porém, naquela noite, a sensação retornara, tão forte como se o tempo não tivesse passado.

E ela havia fugido, sem que ele tivesse idéia dos motivos que a levaram a fazê-lo.

Rico tirou um pequeno pedaço de papel do bolso. Conseguira obter o nome dela com o gerente e seus homens haviam obtido o seu endereço. Gypsy Butler. Ele sorriu sombriamente. Em breve descobriria o que tinha achado tão intrigante naquela mulher com quem dormira apenas uma única noite, e por que ela havia sentido necessidade de fugir dele.

Na manhã seguinte, ainda abalada com o que havia acontecido na noite anterior, Gypsy voltava do supermercado local, sob uma fina garoa, empurrando Lola, adormecida, em seu carrinho.

Ela havia revisto Rico Christofides e perdido o seu emprego.



As duas coisas que ela mais temia ocorreram, uma atrás da outra. Suas pernas bambearam por um momento ao se lembrar da aparência dele e de como havia sido instantâneo o seu efeito sobre ela.

Alto, forte, devastadoramente poderoso e ainda tão incrivelmente deslumbrante quanto da primeira vez que ela o tinha visto naquela boate lotada, dois anos atrás.

Aquele havia sido um momento completamente atípico em sua vida.

Ela estava no limiar de uma nova vida, libertando-se de uma grande dor. Sentia-se vulnerável e havia sido uma presa fácil para o charme experiente de alguém como Rico Christofides. Naquele momento, porém, ela não tivera a menor idéia de quem ele era, um magnata e playboy internacionalmente conhecido.

Ao vê-lo, tudo o mais que ela já conhecia se tornara pálido e insignificante. Ao contrário dos riquinhos que lotavam o lugar, ele estava usando uma camiseta e uma calça jeans gasta que aderiam encantadoramente aos seus quadris estreitos e às pernas poderosas de uma forma quase indecente. Havia uma aura de perigosa sexualidade em torno de sua devastadora e intensa beleza.

Aquilo, porém, teria feito dele apenas um homem espetacularmente bonito, e Rico era bem mais que isso. A intensidade de seu olhar absolutamente hipnotizador focado nela á havia detido no meio da pista onde ela dançava sozinha.

Gypsy tinha sido tomada por um impulso de soltar o corpo, ao atravessar a porta da boate, pouco antes, e ouvir a batida forte da música. Aquela era uma espécie de celebração primitiva por ela ter finalmente se libertado de seu falecido pai e todo o seu legado sujo. A morte do homem que jamais demonstrara algum afeto genuíno por ela, ocorrida seis meses antes, havia lhe causado mais vazio que tristeza.

Quando aquele lindo desconhecido, porém, começou a se mover na sua direção, cheio de más intenções, todos os seus pensamentos e lembranças desapareceram como que por encanto. Ele abriu caminho com relativa facilidade por entre a multidão e Gypsy se viu tomada de pânico. Era bonito demais, intenso demais, sexy demais... Para alguém como ela. E o modo como a olhava à medida que se aproximava á deixou apavorada.

Como se estivesse presa no lugar por um feitiço, Gypsy não conseguira se mexer, permanecendo com os olhos fixos nos dele e com a boca seca, até ele se deter diante dela.

Alto e proibitivo, sem nenhum sorriso sexy que facilitasse as coisas. Eles não haviam estabelecido contato algum antes e mesmo assim aquele homem parecia a estar reivindicando como sua.

— Por que parou de dançar? — perguntou ele, elevando a voz grave para se sobrepor à batida ensurdecadora, que não impediu, contudo, de discernir o seu inconfundível sotaque.

Ele era estrangeiro. Como se a sua aparência já não tivesse deixado aquilo evidente.

Um frisson a fez estremecer ao notar os olhos acinzentados de aço dele, contrastando com sua pele morena. Ela balançou a cabeça, como que para afastar aquela loucura de sua mente, mas naquele exato momento alguém esbarrou nela, lançando-a diretamente nos braços daquele homem, nas mãos que a seguraram protetoramente contra seu corpo firme.

Um calor instantâneo se espalhou por todo o corpo dela ao entrar em contato com a sua intensa sexualidade. Ela olhou para cima, totalmente perplexa, e temeu, não por sua

segurança, mas por sua sanidade mental. Tomada de pânico, Gypsy tentou empurrar o peito dele e dar um passo para trás.

— Eu já estava indo embora...

As mãos grandes dele agarraram com mais força seus braços descobertos, uma vez que ela estava usando uma blusa sem mangas. Seu casaquinho estava amarrado na cintura e a bolsa cruzada sobre o peito.

— Você acabou de chegar.

Ele a estava observando desde a sua chegada. Gypsy sentira as pernas fraquejarem ao se lembrar de como tinha dançado como se ninguém a estivesse olhando.

E então ele disse:

— Se insiste em ir embora, eu irei com você.

Gypsy ofegara diante de sua arrogância.

— Mas você nem me conhece.

— Dance comigo, então, e eu a deixarei ir embora...

O fato de ele não estar flertando com ela como um bêbado havia tornado as suas palavras excessivamente persuasivas.

Depois de dançar com ela tão proximamente, a ponto de o corpo dela ter ficado todo molhado de suor e desejo, ele se inclinou para sussurrar junto ao seu ouvido:

— Ainda quer ir embora sozinha?

Para sua crescente vergonha e mortificação, ela havia balançado a cabeça, lenta e fadidamente, com os olhos grudados nos dele, fascinada. Desejara-o com uma fome que ela jamais havia experimentado em toda a sua vida.

Havia deixado que ele a tomasse pela mão e a conduzisse para fora da boate, vendo nele uma espécie de símbolo dos acontecimentos avassaladores daquele dia em que ela havia finalmente se, libertado de tudo o que ainda a unia a seu pai.

Deixara-se seduzir... Para então ser sumariamente descartada como lixo na manhã seguinte. Ela se lembrou de quando encontrou o breve bilhete que ele havia deixado, e do quanto tinha se sentido vulgar, como se só estivesse faltando um maço de notas sobre a cômoda.

Soltando um som inarticulado de nojo ao lembrar que havia permitido que um homem poderoso, exatamente como seu pai, a seduzisse, Gypsy atravessou a rua a passos largos assim que o sinal abriu para ela. Com um pouco de sorte, Rico Christofides teria se distraído com o exemplo de perfeição que estava jantando com ele na noite anterior e se esquecido dela. Qualquer outra mulher sentiria uma enorme satisfação ao saber que um homem como ele não a havia esquecido, mas Gypsy estava apavorada. Por que um homem como ele se lembraria de alguém como ela?

Uma sensação familiar de desespero se apoderou dela, ao chegar à sua rua, repleta de casebres e jovens insatisfeitos que vadiavam sem rumo. Por mais que estivesse deleitada com a liberdade que conquistara depois da morte do seu pai, e que não se importasse em morar num lugar como aquele, se estivesse sozinha, ela se incomodava muito com o fato de a primeira casa de sua filha se situar numa área tão abandonada de Londres. Até mesmo a praça das crianças havia sido depredada e estava fora de uso, restando apenas um último e patético balanço.

Ela suspirou profundamente, consciente da ironia de tudo aquilo, mas para se libertar de seu pai, ela teria morado em bairros até piores. Sabia que jamais poderia viver do dinheiro dele, mas também nunca tinha imaginado que engravidaria logo depois de uma aventura passageira com um sedutor impiedoso...

O coração de Gypsy congelou dentro do peito.

Os gângsteres que controlavam aquela área só podiam sonhar em ter um carro luxuoso como aquele veículo preto e reluzente, de vidro fumê, estacionado em frente à sua casa.

A porta de trás se abriu e o coração dela acelerou, a ponto de quase saltar pela boca, ao ver a figura forte e morena que saiu de dentro dele, como uma pantera se espreguiçando ao sol.

Rico Christofides.

## CAPÍTULO DOIS

Gypsy sabia que não tinha como escapar daquela situação. Por que ele estava tão determinado a encontrá-la? Bastava que ela se comparasse à mulher que o havia acompanhado no jantar de ontem para perceber que o contraste entre as duas era risível.

Ela estava usando a sua costumeira calça jeans, excessivamente larga, comprada em um brechó local, vários suéteres surrados sobrepostos para se proteger do frio, um par, de tênis, uma jaqueta de segunda mão e um gorro de lã enfiado sobre as orelhas e cabelo excessivamente selvagem. Já ele, era o estereótipo do magnata bem-sucedido, usando um, sobretudo longo e preto que parecia muito caro, deixando entrever um terno impecável.

Gypsy viu os seus olhos acinzentados cor de ardósia se estreitar quando ela se aproximou. Não havia dúvida de que ele estava arrependido de sua decisão impetuosa de ir ao seu encontro. Ela ficou toda arrepiada ao ver o olhar dele baixar em direção ao carrinho de bebê, onde Lola dormia preservada pela cobertura que a protegia da chuva.

A filha dele. Oh, meu Deus, será que Rico sabia?

Ela se tranqüilizou, dizendo a si mesma que não havia como ele saber aquilo. Por que ele suporia, por um segundo que fosse que Lola era sua filha? Bastaria que ela tirasse proveito de seu óbvio arrependimento por ter ido atrás dela e se livrasse dele o mais rápido possível.

Gypsy sabia que ele moveria mundos e fundos para provar que Lola não era sua filha, como ela já o havia visto fazer muitas outras vezes. E então, quando a sua paternidade fosse comprovada, ele tentaria controlar a vida de sua filha, exatamente como seu pai havia feito com ela quando se vira obrigado a reconhecê-la.

Rico vinha do mesmo mundo de seu pai, um mundo de homens poderosos e implacáveis. Homens que dominavam todos ao redor.

Seu próprio pai havia lhe falado amargamente de Rico Christofides em mais de uma ocasião:

— Se você acha que eu sou implacável, espere até cruzar com Rico Christofides. O homem é uma máquina fria. Se pudesse exterminá-lo, eu o faria, mas o desgraçado não descansaria até ressurgir das cinzas e acabar comigo.

A lembrança daquela admiração quase invejosa a havia impedido de procurá-lo até aquele dia.

O melhor que Gypsy podia esperar era que aquele não fosse o dia fatídico e que ela talvez conseguisse fugir com Lola para algum lugar longe de Londres, até poder se recompor e decidir o que era melhor para ambas.

Chegara a ficar feliz por sua aparência deselegante. O próprio Rico Christofides já devia estar inventando alguma maneira de escapar daquela situação. Ela o ajudaria, concordando que ele a devia estar confundindo com outra pessoa, e então ele voltaria para o seu carro luxuoso e para a sua vida longe dela, até que Gypsy um dia voltasse a procurá-lo, quando estivesse pronta para isso.

Rico observou a mulher que vinha em sua direção e hesitou por um momento. Seria realmente ela! A mulher que se aproximava lentamente parecia completamente desinteressante à distância, sem nenhuma maquiagem ou artifício. Pálida. Seu corpo estava completamente deformado por causa das muitas roupas sobrepostas.

E havia uma criança. Aquilo era uma complicação a mais. Ele já estava tentando inventar alguma desculpa para ter ido até lá, quando ela se aproximou e todos os pensamentos a respeito de crianças e complicações o abandonaram. Seu corpo foi tomado por uma onda incontrolável de desejo. Aquela era ela.

Ele agora podia ver a intensidade daqueles enormes olhos verdes, emoldurados por longos cílios pretos, sua delicada estrutura óssea, sua boca sensual e seu cabelo, com cachos rebeldes despontando para fora do gorro. Aquilo fez com que ele se lembrasse da primeira vez que a havia visto, naquela boate. Estava se maldizendo por ter ido até lá, quando a viu entrar, usando uma calça jeans e uma blusa sem manga, completamente diferente das outras mulheres, excessivamente arrumadas, que freqüentavam o lugar. A expressão em seu rosto era intensa, como se ela estivesse sendo tomada de assalto por seus demônios internos, assim como Rico.

Seus seios firmes despontavam claramente sob o tecido fino da blusa, e ele observou, encantado, enquanto ela seguia diretamente para o centro da pista de dança para começar a dançar com graça e desinibição. Ele já havia visto mulheres mais belas, tanto vestidas quanto despidas, mas havia algo naquela pequena figura ágil, esbelta e sensual, mais tentador que qualquer gazela que ele já tivesse conhecido. Com seu cabelo ruivo e encaracolado, ela parecia selvagem e livre, e havia provocado algo de muito intenso dentro dele para ser ignorado...

Ela parecia ter perdido peso desde então. Rico sentiu um misto de alívio por tê-la encontrado e uma raiva irracional por constatar que ela morava num bairro tão perigoso como aquele. A sensação o surpreendeu. As mulheres não costumavam despertar seus instintos protetores. Ele havia notado a presença de alguns marginais quando batera à porta e não obtivera resposta. Eles o haviam tentado intimidar quando Rico voltou para o

carro, a fim de esperar por ela, mas bastou um olhar seu para que eles reconhecessem o perigo que ele representava e mantivessem uma distância respeitosa.

Gypsy decidiu fingir que não sabia quem ele era que não havia acabado de revê-lo na noite anterior. Sabia que aquilo era uma tremenda covardia, mas contava com o fato de ele também estar à procura de uma maneira de escapar daquela situação.

— Com licença, você está impedindo a minha passagem.

Ele não se moveu. Aqueles olhos acinzentados penetrantes estavam injetados nela com uma intensidade enervante e Gypsy sentiu um calor percorrer o seu corpo em reação à proximidade. Ela estava lutando para conter as imagens que ameaçavam vir à tona a todo o momento. Imagens de dois corpos molhados de suor, movendo-se ritmadamente, um contra o outro, ávidos por chegar ao clímax...

— Por que você fugiu de mim ontem à noite?

A voz profunda dele invadiu as imagens perturbadoras.

— Eu tive que vir para casa por causa da minha filha — mentiu ela, maldizendo-se, logo em seguida, por não ter negado que havia fugido.

A chuva engrossou, dispersando os adolescentes ao redor.

— Deixe-me ajudá-la com o carrinho — disse Rico.

Apavorada, Gypsy protestou, não querendo que ele se aproximasse nem de sua casa, nem de Lola.

— Não é preciso...

Enquanto ela falava, porém, Rico Christofides pegou o carrinho e o ergueu como se ele não pesasse mais que um pacote de açúcar. Ela teve que ceder para não transformar a situação numa batalha.

A chuva estava ficando mais forte, fazendo com que o cabelo dele grudasse em sua cabeça. Gypsy podia sentir as gotas de água escorrendo-lhe pelas costas. Diante do gesto dele, ela não teve outra, alternativa a não ser se adiantar para abrir a porta, e em questão de segundos lá estava ele, em seu minúsculo apartamento de apenas um quarto.

Ele pousou o carrinho com uma delicadeza que a comoveu, para logo em seguida fechar a porta. Depois, olhou ao redor e perguntou:

— Você tem uma toalha?

— Uma toalha? — repetiu Gypsy estupidamente, sabendo que estava em estado de choque.

— Sim — disse ele lentamente. — Uma toalha. Você está encharcada, assim como eu.

— Uma toalha — repetiu ela mais uma vez, para finalmente despertar de sua inércia.

— Uma toalha... É claro. — Arranje logo uma toalha para que ele se seque e vá embora daqui!

Gypsy seguiu com dificuldade em direção ao minúsculo quarto que compartilhava com Lola e voltou com uma toalha que entregou a Rico Christofides, tentando não prestar atenção em como ele parecia enorme naquele lugar tão pequeno.

Ele franziu a testa e devolveu a toalha a ela.

— Você primeiro, está ensopada. Certamente tem mais de uma, não é?

— É claro. Fique com esta. Eu pego outra para mim — disse ela, tentando não deixar transparecer a sua impaciência.

Por que ele não vai embora de uma vez?



Ao voltar para a sala, ela o encontrou secando o cabelo. Havia tirado o, sobretudo e pendurado sobre uma cadeira. O terno impecável estava grudado em seu corpo forte, fazendo a garganta dela secar.

Rico se virou para encará-la, com seu cabelo curto sensualmente despenteado. Ele exalava vitalidade e saúde, fazendo Gypsy se sentir cada vez mais, pálida e sem graça.

— Você precisa tirar o casaco e o gorro... — disse ele, olhando em volta. — Há algum aquecedor por aqui?

Relutantemente, Gypsy tirou o gorro e começou a desabotoar o casaco, sabendo que ele estava certo. A última coisa de que ela precisava agora era adoecer. Ela balançou a cabeça quando aqueles olhos acinzentados se injetaram nela outra vez, à espera de uma resposta, e enrubesceu quando eles baixaram imperceptivelmente ao notar a sua roupa gasta assim que ela tirou o casaco. Gypsy teve a exata noção de como o seu cabelo devia estar crespo depois de ter apanhado chuva.

— Nosso aquecedor quebrou esta manhã. A empresa responsável pela calefação virá consertá-lo daqui a algumas horas.

Rico Christofides pareceu chocado.

— Você não tem aquecedor? Mas e quanto à sua filha... Está congelando lá fora.

Gypsy corou, ferida em seus brios de mãe.

— Ele só quebrou hoje...

Ela se deteve ao se dar conta de que suas economias não seriam suficientes para cobrir os gastos de um novo aquecedor.

Gypsy olhou para Rico Christofides e percebeu, desolada, que ele não tinha a menor pretensão de ir embora. Foi com extrema relutância que ela ofereceu, finalmente:

— Gostaria de um chá ou um café?

Seus olhos se estreitaram ao focar nela mais uma vez. Um esboço de sorriso curvou o canto de sua boca perversamente sensual ao reconhecer a sua capitulação.

— Eu adoraria um café, por favor. Forte e sem açúcar.

Exatamente como ele, pensou Gypsy, ao colocar a chaleira no fogo. Tudo o que ela podia esperar agora era que Lola não acordasse e que Rico Christofides satisfizesse qualquer que fosse a sua bizarra curiosidade á seu respeito, e fosse embora. Logo.

Rico avaliou seu apartamento precário enquanto Gypsy estava na cozinha e teve que conter um tremor de repugnância. Longe dela, seu cérebro parecia voltar a funcionar com mais clareza. Ele voltou a se questionar quanto à sua sanidade mental ao se dar conta de que havia ido até ali, atrás dela, especialmente depois de seus olhos terem pousado sobre aquele carrinho de bebê já gasto, apoiado contra a parede. Ele procurou uma justificativa plausível, como perguntar a ela por que estava tão determinada em fingir que não o conhecia, mas sabia que havia um impulso ainda mais intenso convencendo-o a ficar, mesmo que houvesse uma criança envolvida naquela história.

A única conclusão a que ele conseguiu chegar foi que a filha dela era muito pequena, e que, portanto, Gypsy certamente a tivera depois de seu encontro com ele, e mesmo sabendo que não tinha o direito de sentir raiva por isso, foi exatamente o que ele sentiu.

O simples fato de vê-la arrancar aquele gorro e casaco pouco lisonjeiros, para dizer o mínimo, tinha mexido com ele a ponto de quase se esquecer de que estava na presença de uma criança. O movimento rápido de suas mãos pequenas havia feito com que ele se



lembrasse de como fora senti-las sobre o seu corpo, afagando-o na parte mais sensível de sua anatomia até ele ter que implorar que ela parasse... Rico franziu as sobrancelhas. Por que ela estava tão decidida a negar que o conhecia? Ele sabia que aquela noite á havia abalado tanto quanto a ele. Seu olhar chocado de admiração depois de explodir de prazer em torno dele lhe dera a certeza disso.

Sabia, sem falsa modéstia, que era um bom amante, mas aquilo que tinha compartilhado com Gypsy naquela noite superara tudo o que já havia vivido antes, ou desde então. A experiência mexera profundamente com ele. Será que tinha sido por isso que sentira necessidade de vê-la outra vez? Para recapturar aquele momento? Para checar se tudo não havia sido fruto de sua imaginação? Aquela noite com Gypsy o havia deixado com um desejo insatisfeito que só crescera desde então, impregnando tudo a seu redor e corrompendo as poucas relações que ele tivera com outras mulheres naquele meio-tempo.

Ele se virou para pegar o café que ela lhe estendia, evitando olhá-lo nos olhos.

Procurando algo com que se ocupar, ela foi dar uma olhada em Lola que, para seu alívio, continuava dormindo tranqüilamente, com a face corada e a boca em forma de botão de rosa curvada num pequeno sorriso. Os longos cílios pretos repousavam acima de suas bochechas roliças de bebê. O coração de Gypsy inchou dentro do peito, como acontecia toda vez que ela olhava para a filha, e uma onda avassaladora de culpa se apoderou dela por saber que estava negando ao seu pai o direito de conhecê-la.

Ela reprimiu aquele pensamento, dizendo a si mesma que o fazia por um bom motivo, e se aprumou, cruzando os braços defensivamente. Para a sua surpresa, porém, viu que Rico Christofides tinha pegado uma panela na cozinha e a colocado num canto, onde, para sua consternação, ela notou que ele tinha encontrado uma goteira.

Assim que ele se ergueu, ela disse de maneira mais cáustica do que havia pretendido:

— O que você quer de mim?

Rico Christofides se sentou tranqüilamente no sofá e com um gesto indicou que Gypsy fizesse o mesmo. Sem conter uma bufada, que era, na verdade, mais de medo que de impaciência, ela se sentou na cadeira em frente a ele.

— Gostaria de saber por que você parece tão determinada a fingir que nós nunca nos vimos, quando, na verdade, nos conhecemos intimamente.

Gypsy corou até a raiz dos cabelos com a maneira como ele disse intimamente.

Sabendo que era inútil continuar fingindo, ela disse tensa:

— Sei muito bem que já nos vimos antes, mas não tenho nenhum desejo de me tornar íntima de você.

Rico avaliou-a por um momento desconfortavelmente longo e então disse:

— Você pode não acreditar, mas eu me arrependi muito pelo modo como a deixei naquela manhã.

Gypsy pressionou os lábios para conter a emoção. Tinha certeza de que aquela era apenas uma artimanha da parte dele. Era bem mais provável que ele jamais tivesse se detido para pensar nela, um segundo sequer, mas que ao revê-la na noite anterior tivesse suposto que seria fácil seduzi-la novamente.

— Bem, mas eu não. E você está se esquecendo de que me deixou um bilhete bastante informativo e gentil.

O rosto dele se contraiu.

— Ao contrário do que você pode ter pensado, eu não tenho o hábito de levar mulheres que eu tenha conhecido em boates para o hotel mais próximo em busca de uma noite de sexo casual.

Gypsy estava ardendo por dentro, mas deu de ombros, fingindo indiferença.

— Que me importa isso, afinal? Este não é um assunto ao qual eu dedique muita atenção.

Ele lançou um olhar em direção ao carrinho de Lola, e disse amargamente:

— Pelo que vejo, esse tipo de aventura parece ser um hábito seu.

Gypsy arfou com a afronta e se empertigou na cadeira.

— Como ousa. Eu nunca tinha tido uma aventura desse tipo antes de conhecer você.

Rico arqueou uma sobrancelha.

— Mas mesmo assim — disse ele com uma fala arrastada —, você pareceu excepcionalmente ansiosa para se lançar nessa experiência, Gypsy Butler.

O coração dela parou. Ele sabia o seu nome completo. É claro que sabia; afinal, ele a havia encontrado. Seria capaz de encontrá-la agora, aonde quer que ela fosse.

— Quer dizer, então, que esse é realmente o seu nome?

Gypsy assentiu, desejando ainda mais que ele fosse embora.

— Minha mãe tinha verdadeira obsessão por Gypsy Rose Lee, por isso esse nome — disse ela, sem mencionar que não havia sido chamada pelo seu primeiro nome por um bom período de sua vida, uma parte de sua vida que havia acabado com a morte de seu pai.

Esforçando-se por afastar aquelas lembranças de sua mente, ela disse secamente:

— O que você quer, afinal? Eu estou ocupada.

Ele lhe lançou um olhar contundente.

— Ocupada tentando se livrar de mim, por algum motivo. — Os seus olhos se estreitaram nela e Gypsy se sentiu como uma minúscula presa em frente a um predador, sem nenhuma chance de fuga. — E a um preço muito alto, já que o seu sumiço de ontem lhe custou o seu emprego...

Gypsy conteve uma arfada, mas disse tremulamente:

— Como você soube disso?

— Os garçons foram extremamente indiscretos. — Logo em seguida, pegando-a de surpresa, Rico Christofides perguntou, como se a idéia tivesse acabado de lhe ocorrer: — Onde está o pai da criança?

Sentado à minha frente, pensou ela, já histérica, mas contendo a sua expressão e erguendo o queixo num gesto inconsciente de desafio.

— Nós estamos por nossa conta.

— Você não tem mais nenhum parente?

Gypsy balançou a cabeça e tentou ignorar a sensação de vulnerabilidade que as palavras dele haviam lhe causado.

— Isso comprova o meu argumento, não acha? Você dormiu comigo e pelo menos com outro homem logo depois, já que eu não posso imaginar que você tenha deixado um bebê pequeno aos cuidados de um estranho enquanto estava comigo, naquela noite.

Gypsy balançou a cabeça, incomodada com aquela idéia.

— Eu jamais faria uma coisa dessas. Agora, se não se importa, Sr. Christofides, eu gostaria que se retirasse.

Foi só ao perceber as suas sobrancelhas intensamente arqueadas e o modo como ele ergueu a cabeça abruptamente que Gypsy se deu conta do que havia dito.

Ele se levantou lentamente e olhou para ela.

— Você sabe quem eu sou. Quer dizer, então, que também o sabia naquela noite?

Gypsy balançou a cabeça, assustada com as possíveis implicações daquela declaração.

— Não... Eu não sabia. Foi somente na manhã seguinte... Quando o vi no noticiário...

Aquilo ocorrera logo depois de ela ter lido o seu bilhete e se dar conta de que ele tinha ido embora. Ele certamente havia deixado a TV ligada antes de partir. Para sua enorme surpresa, Gypsy o havia visto, de barba feita e terno impecável, quase parecendo outra pessoa, descendo os degraus de um tribunal, cercado de fotógrafos. Ela havia aumentado o volume e observado com um horror crescente.

— E mesmo assim você nunca me procurou...

Gypsy sabia que eram raras as mulheres em seu mundo que não tirariam proveito de uma aventura passageira com um homem como ele.

Ela negou vigorosamente.

— Eu entendi perfeitamente qual era a sua posição quando despertei e descobri que você já havia ido embora, deixando um bilhete que me fez sentir uma verdadeira garota de programa, e para ser bastante honesta não tenho o menor interesse em discutir mais a esse respeito. Eu gostaria que você fosse embora, agora. Por favor.

Naquele exato momento, para completo horror e pânico de Gypsy, ouviu-se um choramingo vindo do carrinho. Lola havia acordado e exigia a sua atenção.

## CAPÍTULO TRÊS

Dividida entre dar atenção à filha e fazer com que ele fosse embora, Gypsy esbravejou:

— Essa não é realmente uma boa hora. Por favor, deixe-nos em paz.

Por favor, deixe-nos em paz.

Algo naquelas palavras fez com que Rico decidisse não arredar o pé de lá. Havia algum motivo maior para ela querer que ele fosse embora. Era evidente que ela estava se sentindo ameaçada.

Para a sua enorme surpresa, o choro da criança não estava lhe provocando o desejo habitual de sair correndo na direção oposta. Ele queria saber por que Gypsy ansiava tanto que ele fosse embora, e um bebê chorão não seria o suficiente para detê-lo.

Aquilo mexeu com ele, uma vez que sua única experiência com crianças era o contato que tinha com sua sobrinha de 4 anos e seu sobrinho ainda bebê. Ele não tinha a menor

intenção de ter seus próprios filhos tão cedo, depois da infância que ele e seu irmão haviam tido que enfrentar...

— Não acha que devia cuidar da sua filha? — disse ele abruptamente, tentando conter aqueles pensamentos.

Obviamente consternada com a teimosia dele, Gypsy foi até o carrinho e tirou dele a criança, que parou imediatamente de chorar.

O apelo de Gypsy ressoou em sua mente. Todo o seu corpo enrijeceu subitamente e sua respiração ficou suspensa, como se ele estivesse prestes a testemunhar algo de grande vulto...

Gypsy ergueu a filha ainda sonolenta, e apesar de tudo não foi capaz de conter um sorriso instintivo. Lola era uma garotinha muito feliz que raramente ficava mal-humorada, e sorria quase o tempo todo, sendo praticamente impossível não retribuir o gesto.

Ela começou a tirar automaticamente o casaco que Lola havia usado para sair, pois a menina devia estar com calor depois de sua soneca, tentando ignorar o fato de que Rico Christofides estaria, naquele exato momento, olhando pela primeira vez para uma criança que, era sangue do seu sangue.

Uma criança exigindo atenção não era exatamente a situação mais propícia para se discutir uma aventura passageira. Ele, certamente, havia se dado conta de que "ela não estava mais no mercado". Seu sexo, porém, se contraiu de desejo, como que negando aquela afirmação.

Já sem o casaco, Lola se sentou nos braços de Gypsy, um pouco mais desperta, e olhou timidamente para Rico, inclinando-se mais em direção à sua mãe e levando o polegar à boca.

Relutante, Gypsy seguiu o olhar de sua filha, sabendo para quem ele estava olhando naquele exato momento: um bebê de traços delicados, com grandes olhos cor de ardósia, emoldurados por longos cílios levemente mais escuros que a sua pele, e cachinhos dourados que se recusavam a ser domesticados.

Lola tirou o polegar da boca, olhou para Gypsy, e apontou para Rico, com toda a convicção de ter proferido algo perfeitamente inteligível.

Ela se contorceu nos braços da mãe, que não teve outra opção a não ser colocar a menina de pé e observá-la caminhar, ainda um pouco trôpega de sono, na direção de Rico, certa de que seria bem-vinda. Ao ver que ele só a olhava com uma expressão levemente chocada, Gypsy pressentiu uma ameaça pairando no ar.

Lola olhou de Rico para Gypsy e então insegura com a falta de reação da parte dele, voltou a estender os braços para Gypsy, que a pegou novamente e a segurou apertado contra o peito.

— Como você disse mesmo que era o nome dela? — perguntou Rico, depois de um momento interminável de tenso silêncio.

Gypsy quase fechou os olhos de desespero. Ele sabia. Teria que ser cego para não ter percebido. Eles tinham exatamente a mesma cor excepcionalmente acinzentada de olhos, e agora que havia visto ambos juntos, Gypsy também tinha notado que os dois tinham o mesmo queixo determinado... E a mesma testa também. Ela era uma miniatura dele, na versão feminina, de modo que não podia haver dúvida alguma quanto à paternidade.

— Lola — respondeu Gypsy, num fio de voz.

Como que se forçando a fazer a pergunta, sem tirar os olhos de Lola, ele disse com a voz rouca.

— Quantos anos ela tem?

O peso do destino e da inevitabilidade dos fatos se abateu sobre Gypsy.

— Um ano e três meses...

— Eu não ouvi — disse ele, rápida e bruscamente.

Gypsy estremeceu diante do tom de sua voz, e repetiu:

— Um ano e três meses.

Os olhos dele cruzaram os dela pela primeira vez e Gypsy pôde ver o que ardia em suas profundezas acinzentadas, cada vez mais tempestuosas. Suspeitas, conclusões, choque, horror...

— Mas — disse ele cuidadosamente, cuidadosamente demais, até — isso é impossível, pois, a menos que você tenha dormido com alguém logo depois de mim, ela seria... Minha, e como você não entrou em contato comigo desde então, eu só posso supor que ela não é minha filha.

A respiração de Gypsy ficou ainda mais superficial. A culpa voltou a tomá-la de assalto. Ela não podia negar aquilo a ele, independentemente de quem ele era.

— Eu não dormi com mais ninguém. Não estive com mais ninguém... Desde você. — Ela teve vontade de morrer, mas precisava dizê-lo. — E também não estive com ninguém imediatamente antes de... Você.

Mais uma vez com excessivo cuidado, Rico Christofides disse lentamente:

— Está me dizendo, então, que eu sou o pai de sua filha? Que esta garotinha é minha filha?

Gypsy assentiu abruptamente. Ela começou a suar e sua pele ficou toda arrepiada.

Foi então que numa impecável sincronia, claramente entediada por não estar recebendo a devida atenção, Lola começou a se contorcer em seus braços e a se queixar.

— Ela está com fome. Eu preciso alimentá-la — disse Gypsy, aproveitando para fugir para a cozinha, como uma covarde.

Ela colocou a filha no cadeirão e começou a tagarelar, dizendo coisas absurdas, à beira de um ataque histérico.

Rico nunca havia sido pego tão completamente de surpresa em toda a sua vida. Todo o autocontrole que ele acreditava ter desde que completara seus 16 anos de idade havia caído por terra.

Tudo no que conseguia pensar era em como aquela simples frase — Por favor, deixem-nos em paz — o detivera. Tudo no que conseguia pensar era em como tinha sido olhar nos olhos daquela garotinha pela primeira vez, e ter tido a nítida sensação de que algo lhe havia escapado.

Seu coração saltou dentro do peito quando ela havia caminhado na sua direção. Sua sensação fora a de ter caído no abismo daqueles olhos acinzentados, exatamente do mesmo tom raro dos seus, e que ele, por sua vez, herdara de seu pai. Parecia que uma parte perdida de sua vida havia finalmente retornado ao seu lugar, embora ele jamais tivesse se dado conta de sua ausência até então.

Aquilo foi demais para ele. Guiado por um instinto cego, ele foi até o carro, pegou uma garrafa de uísque e tomou um enorme gole, diretamente do gargalo.

Aos poucos, Rico pôde voltar a pensar com clareza. Aquela mulher o havia traído da pior maneira possível.

Ele tinha passado toda a sua infância acreditando que seu pai biológico tinha lhe dado as costas, quando, na verdade, tudo não passara de uma manobra de sua mãe e seu padrasto.

E agora, lá estava Gypsy Butler repetindo a mesma história, criando sua filha sozinha, sangue do seu sangue, sem a menor intenção de informá-lo a respeito de sua existência!

Rico havia jurado que nunca mais voltaria a ficar vulnerável ou impotente diante de qualquer situação. Uma jura que havia se tornado o seu lema de vida ao finalmente encontrar o seu pai e descobrir como sua mãe e seu padrasto havia mentido para ele durante anos.

Ele estremeceu ao pensar no frágil acaso que o havia feito escolher aquele restaurante, na noite anterior, percebendo o quão próximo estivera de jamais saber da existência da própria filha. Ele voltou a olhar para aquele arremedo de casa, e, decidido, jogou a garrafa de uísque novamente no carro.

Um instinto primário tomou conta de Rico, fazendo com que ele soubesse que jamais poderia deixar que Gypsy ou sua filha ficassem longe de suas vistas outra vez. Uma possessividade feroz e uma necessidade de punir Gypsy pelo que ela lhe havia feito ardiam implacavelmente dentro dele.

Tremendo dos pés à cabeça, Gypsy tentou se acalmar para terminar de alimentar Lola. Como ele podia rejeitar a própria filha daquela maneira?

Tomada por um instinto protetor em relação à Lola, ela maldisse Rico Christofides, apesar de ter que reconhecer que já havia imaginado que aquela poderia ser uma de suas possíveis reações.

Tentou convencer a si mesma de que aquilo seria melhor para elas; afinal, ela havia aplacado a sua consciência contando a Rico Christofides que ele tinha uma filha, e, pelo menos por um bom tempo, ambos permaneceriam bem longe um do outro. Ao menos, ela poderia contar à filha, no futuro, quem era o seu pai, e explicar a ela que as coisas não deram certo entre eles. A culpa a tomou de assalto outra vez ao pensar no que sua filha acharia da disparidade entre as condições de vida de ambos, mas ela se tranqüilizou, dizendo a si mesma que o fato de ser um bilionário não garantia que homem algum fosse um bom pai.

Sua própria vida tinha virado de cabeça para baixo quando sua mãe, doente e sem dinheiro, pedira a seu pai que a acolhesse. Ele era o proprietário da empresa onde Mary Butler trabalhava como faxineira. Um homem muito rico que havia tirado proveito de sua posição e levado a funcionária para a cama, enchendo-a de promessas, para depois abandoná-la e demiti-la assim que ela lhe contou que estava grávida. Incapaz de conseguir outro emprego, nem pagar o aluguel de sua casa, ela, em pouco tempo, se transformou numa sem-teto.

Gypsy passara seus primeiros meses num abrigo para mulheres, para onde sua mãe havia ido depois de dar à luz. Sua mãe se reergueu lentamente, assumindo trabalhos mais domésticos até conseguir um apartamento para ambas, num bairro pobre de Londres, por meio do conselho.



Ela compreendeu desde muito cedo que sua mãe tinha problemas mentais e aprendeu a detectar os sinais para poder cuidar dela. De ambas, na verdade. Até um dia em que chegou da escola e encontrou a mãe desmaiada no sofá, com um frasco de remédios vazio a seu lado.

O serviço de emergência conseguiu salvar a sua vida por pouco. A única coisa que os impediu de entregar Gypsy, na época com 6 anos de idade, diretamente para um abrigo, foi a garantia de sua mãe de que ela a enviaria para morar com o pai. Foi assim que Gypsy acabou indo viver com o pai que nunca a havia querido, e jamais mais voltou a ver sua mãe. Foi só bem mais tarde que ela compreendeu que seu pai a tinha afastado terminantemente de sua vida.

Fazendo força para afastar, aquelas lembranças tristes de sua mente ela se assegurou de que Lola estava segurando o seu copo de plástico com firmeza e se levantou, para fechar a porta, ainda aberta.

Ao colocar a mão na maçaneta, porém, ela ouviu passos pesados. Ele estava voltando.

— Achou que iria ser tão simples assim se livrar de mim?

## CAPÍTULO QUATRO

Ela o ficou observando, com a garganta seca, enquanto Rico Christofides fechava a porta com estranha delicadeza, mantendo seus olhos acinzentados e zangados injetados nela, com uma expressão extremamente severa.

A raiva que sentira havia pouco por achar que ele tinha rejeitado a filha se dissipou diante de uma ameaça muito mais potente.

Ela lutou contra o medo que estava se apoderando dela e disse, por entre lábios entorpecidos.

— Eu não o quero aqui, Sr. Christofides. Jamais quis que soubesse...

Rico soltou uma risada brusca.

— É óbvio que você não pretendia me contar a respeito. Foi mesmo muito oportuno que eu tivesse escolhido aquele restaurante, ontem à noite, entre os milhares dos restaurantes de Londres.

Sua boca sensual enrijeceu e ele parecia capaz de estrangulá-la, mas Gypsy não teve medo.

— O meu sangue gela só de imaginar como estive perto de jamais saber disto.

— Você não me deixou concluir. Eu não pretendia que você soubesse deste jeito. Eu pretendia lhe contar... Em algum momento.

Ele arqueou uma sobrancelha, com uma expressão de escárnio.

— Quando ela completasse 10 anos, talvez? Ou quem sabe aos 16? Quando ela já fosse uma moça, ressentida, depois de ouvir a vida toda que seu pai a havia abandonado? Certamente era isso o que você planejava fazer, não era?

Gypsy balançou a cabeça. Estava ficando nauseada com o tom de condenação na voz dele.

— Eu não planejei nada disso. Ia contar a ela... E a você... Eu juro.

Aquilo pareceu muito frágil até mesmo aos seus ouvidos. Podia ver o esforço que ele estava fazendo para não sacudi-la, ou algo até pior. Pela primeira vez, ela sentiu medo e deu um passo para trás.

Rico notou o movimento com irritação.

— Não se preocupe. Você e suas juras são tão desprezíveis para mim que eu não me daria ao trabalho de tocá-la. Se você fosse um homem, porém...

Ele não precisou terminar a frase.

Gypsy conteve o impulso de explicar que havia querido se empregar como psicóloga de crianças, sua graduação, antes de procurá-lo para lhe dar a notícia. Sabia que se sentiria indefesa diante de alguém como ele se não pudesse demonstrar que era bem-sucedida e independente.

Mesmo naquele momento, ela estava incrivelmente consciente de sua presença física.

O modo como o seu terno aderiu à figura poderosa e as mãos dele pousavam em seus quadris atraíram o seu olhar. Ela se lembrava muito bem de ter deslizado as mãos por aqueles quadris, enquanto ele a penetrava tão profundamente a ponto de algumas vezes ela ainda despertar, no meio da noite, abalada por sonhos perturbadoramente reais...

Zonza com o choque e com aquela onda inadvertida de desejo, Gypsy afundou numa cadeira atrás dela. Rico Christofides apenas olhou para ela, sem um pinga de compaixão ou preocupação, apesar de ela ter certeza de que havia ficado pálida. Chegou a ter medo de desmaiar, mas evocou toda a força interna com a qual havia contado por anos para lidar com o seu pai dominador e se ergueu outra vez, ainda que trêmula.

Um grito queixoso soou na cozinha, e ambos se viraram no ver Lola olhando ora para um, ora para outro, com seus enormes olhos acinzentados e lábios trêmulos. Gypsy percebeu que ela estava ficando abalada com a sua ansiedade e foi até ela, para pegá-la no colo e abraçá-la.

Com Lola firmemente segura junto ao seu quadril, Gypsy olhou para Rico Christofides.

— Por favor, deixe-nos em paz. Você já sabe de tudo agora... Sabe onde nos encontrar. Eu não quero nada de você. Nós não precisamos de nada seu.

Ele desviou o olhar de Lola e o voltou na sua direção, praticamente chicoteando Gypsy com seu olhar de condenação.

— Temo que isso não seja suficiente, pois eu quero alguma coisa de você, minha filha, e até que ela possa falar por si, eu vou determinar do que ela precisa ou não.

O tom autoritário dele provocou um arrepio em Gypsy.

— Eu sou a mãe dela. Qualquer coisa que diga respeito ao seu bem-estar é uma decisão minha. Eu escolhi tê-la sozinha. Sou uma mãe solteira.

— Você deve ter levado as pessoas a acreditar que eu me recusei a reconhecer a minha própria filha. Meu nome, por acaso, consta na certidão de nascimento?

Gypsy enrubesceu ao se lembrar de como havia mentido, ainda na maternidade, quanto a conhecer ou não a identidade do pai de sua filha, dizendo a si mesma, mais de uma vez, que se não o tivesse visto no noticiário naquela manhã, não teria descoberto, necessariamente, quem ele era.

Ela balançou a cabeça rapidamente e se encolheu visivelmente quando ele fez um movimento na sua direção. Chegou a pensar, por um segundo, que ele arrancaria a filha de seus braços e a levaria embora, naquele momento.

Rico se deteve e disse, com o rosto pálido de raiva:

— Como ousa se recusar a me nomear como pai de minha própria filha? Você sabia quem eu era.

Gypsy estava tentando não tremer e acalmar Lola ao mesmo tempo, mantendo sua voz cuidadosamente calma.

— Eu a estava protegendo, protegendo a nós duas.

Como se também tivesse se conscientizado da aflição de sua filha, ele surpreendeu Gypsy baixando o seu tom de voz.

— Protegendo do quê? Você não tinha o direito de tomar essa decisão.

— Eu o vi no noticiário — balbuciou Gypsy —, saindo do tribunal depois de ter reduzido aquela mulher a pó, tudo porque ela havia tentado provar que o bebê que estava esperando era seu.

— Você não sabe nada a respeito daquele caso — esbravejou ele. — Eu estava tentando transformá-la num exemplo para que nenhuma outra mulher se sentisse inclinada a tentar tirar proveito de mim daquela maneira.

Gypsy ergueu o queixo.

— Como pode me culpar, então, por não ter, ido correndo lhe contar a respeito da minha gravidez? Primeiro você deixa bem claro que não quer mais me ver, e depois eu vejo como você lida com uma mulher que alega ser mãe de um filho seu...

Rico conteve a vontade de dizer a ela que havia se arrependido de ir embora daquele jeito. Que tinha ligado para o hotel assim que saíra dos tribunais, na esperança de que ela, talvez, ainda não tivesse ido embora. Mas ela já havia saído e ele não iria revelar tal fraqueza justa naquele momento.

A voz de Rico estava gelada quando ele voltou a falar.

— A diferença é que, neste caso, eu sei que nós dormimos juntos. Eu só havia me encontrado com aquela outra mulher socialmente. Como rejeitei os seus avanços e ela dispunha de algumas evidências circunstanciais para fazer parecer que nós havíamos compartilhado alguma intimidade, ela tentou provar que o bebê que estava esperando era meu. Eu insisti num exame de DNA e a justiça acabou me dando razão.

Gypsy estremeceu. Ele era tão implacável quanto o seu pai lhe havia dito.

— Mas você arruinou a reputação daquela mulher, arrastando-a para os tribunais.

O rosto dele parecia de pedra.

— Foi ela mesma quem provocou tudo isso. Estava convencida de que eu não me arriscaria à exposição pública para provar que não era o pai da criança. Eu ainda lhe dei à oportunidade de evitar tudo àquilo, mas ela recusou, acreditando que eu seria uma presa fácil e lhe daria um bom dinheiro para mantê-la de boca fechada. Acredite-me, ela não merece a sua compaixão.

Como aquela mulher podia ter se iludido tanto, pensou Gypsy. Qualquer um podia ver que Rico Christofides não era homem de ceder a pressões. Ela tentou não se deixar abater pela explicação, mas tinha que admitir que estivesse surpresa.

— E mesmo assim você acredita que Lola possa ser sua filha?

Os olhos de Rico procuraram os de Gypsy, e o que ela viu flamejando em suas profundezas fez o seu rosto arder.

— Acredito, não só porque você me disse isso, mas também porque me lembro muito bem que o preservativo que eu usava aquela noite estourou. Eu acreditei em você quando me disse que estava protegida.

As palavras dele ecoaram no vácuo que haviam causado. Para o horror de Gypsy, tudo de que ela conseguia se lembrar era do momento em que ele se detivera para colocar a proteção, deixando-a aflita.

— Por favor, Rico... Não pare agora. Por favor.

Ela provavelmente também havia sido culpada pelo fato de o preservativo ter estourado pelo modo como o tinha apressado. Acreditara piamente que não corria nenhum risco de engravidar, mas não havia levado em consideração o fato de seus ciclos menstruais terem se tornado extremamente irregulares logo depois da morte de seu pai...

— Como ousa me perguntar uma coisa dessas depois de fugir de mim na noite passada, sabendo que eu era o pai de sua filha? — prosseguiu Rico, invadindo as suas lembranças. — Como pode me perguntar uma coisa dessas quando olhar para ela é o mesmo que olhar para mim no espelho? — A boca dele se contorceu. — Mas não se preocupe. Eu não sou tão ingênuo a ponto de abrir mão de um teste de DNA. Sua insistência em afirmar que não deseja nada de mim só me leva a pensar justamente o contrário. Afinal, você não vai querer que eu acredite que consegui engravidar a única mulher no mundo que não quer um centavo de minha fortuna, não é?

Ele não permitiu que ela o interrompesse.

— Talvez pretendesse me procurar quando ela já tivesse idade suficiente e estivesse bem magra e desnutrida, para obter o máximo de efeito junto à opinião pública com a sua história. Ou, quem sabe, talvez estivesse apenas nutrindo um prazer sórdido de negar à própria filha a sua herança paterna?

Gypsy agarrou Lola com mais força, protegendo-a inconscientemente das garras de Rico.

— Acha mesmo que eu escolheria criar a minha filha num lugar como este só para arquitetar algum plano diabólico para extorquir o seu dinheiro? Eu sou uma boa mãe, e apesar das circunstâncias, nunca deixei que faltasse coisa alguma a Lola. Ela está bem alimentada, bem cuidada e é muito amada. É uma criança extremamente feliz e segura.

Rico olhou para os enormes olhos verdes e brilhantes de Gypsy. Havia escurecido lá fora e a chuva agora era torrencial.

Ele não conseguia compreender aquela mulher. Por que ela não o havia chantageado desde o momento em que se descobrira grávida, especialmente depois de saber quem ele era?

— Por que não me contou?

Gypsy desviou o olhar e mordeu o lábio inferior.

— Porque eu quis proteger minha filha e fazer o que era melhor para ela.

Rico balançou a cabeça, sem conseguir compreender.

— Do quê você tinha tanto medo?

— Disto — disse ela simplesmente.

— Você não está dizendo coisa com coisa. Como poderia dar uma vida melhor a Lola do que aquela que eu poderia ter lhe proporcionado?

Rico se pôs a imaginar como as coisas poderiam ter transcorrido. Depois de um choque inicial por descobrir que Gypsy estava grávida, ele teria se entendido com ela e poderia tê-la tido em sua cama por todo aquele tempo, até se faltar dela. Uma estranha sensação de perda se apoderou dele diante daquela idéia.

Eles poderiam ter entrado num acordo a respeito da criação de Lola... Ele sabia, contudo, que jamais teria se contentado com uma guarda compartilhada ou algo do gênero. Mas as coisas haviam ido muito, além disso. Gypsy estava em dívida com ele. Rico havia perdido 15 meses da vida de sua filha, que o olhava como a um total estranho.

Rico lutou para não se deixar distrair pela admissão de Gypsy de que não havia dormido com mais ninguém desde a noite que tinha passado a seu lado, e que ele havia sido sua única aventura passageira daquele tipo. Ele realmente a achara um tanto desajeitada e inocente naquela noite, e tão apertada em torno dele... Praticamente uma virgem. Aquela lembrança o trouxe numa onda de desejo.

Gypsy ergueu o queixo e Rico precisou lançar mão de todo o seu autocontrole para conter o impulso de ir até ela, tomar a sua boca de assalto e acariciar o seu rosto.

— Muitas pessoas sobrevivem com bem menos que eu. Dinheiro não é tudo, e eu não estava disposta a enfrentar um tribunal, nem ter a minha foto estampada em todos os jornais para provar que você era o pai da minha filha. A decisão de ter Lola foi minha, de modo que ela é de minha inteira responsabilidade.

Rico conteve as inúmeras perguntas que lhe vieram à mente. Sabia que havia muito mais por trás daquilo tudo, mas naquele exato momento o que ele tinha a fazer era tirar as duas daquele lugar miserável. Teria tempo de sobra depois para questionar os motivos de Gypsy.

## CAPÍTULO CINCO

Gypsy não estava gostando nada do olhar determinado no rosto de Rico, nem do silêncio excessivo de Lola.

Ao virar a cabeça, ela descobriu que a filha estava apenas olhando para Rico, com seus grandes olhos bastante atenta e o polegar enfiado na boca.

— Junte suas coisas — disse Rico. — Vocês vêm comigo.

Gypsy virou a cabeça tão rápido que quase se machucou.

— O quê?

— Você ouviu muito bem — disse ele com voz de aço. — Quero que pegue tudo de que possa precisar para deixarmos este lugar agora.

Ela entrou em pânico, apesar da perspectiva de sair daquele apartamento ser inegavelmente alentadora.

— Eu não vou a lugar algum com você. Nós não vamos a lugar algum com você.

Rico cruzou os braços.

— Por quê? Por acaso tem que ir trabalhar mais tarde? — Ele estalou os dedos como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. — Oh, mas você deixou o seu emprego ontem à noite. Não foi uma atitude muito responsável para uma mãe solteira...

Gypsy enrubescceu. Havia se esquecido daquilo por um momento.

— Quem estava cuidando de Lola ontem à noite? — perguntou ele abruptamente.

— A Sra. Murphy — respondeu ela, na defensiva. — Ela mora nesta mesma rua. É uma babá aposentada muito qualificada que toma conta de Lola à noite para ganhar um dinheiro extra.

Rico eriçou-se.

— Você deixa a minha filha com uma estranha, nesta rua?

— A Sra. Murphy não é nenhuma estranha — retrucou Gypsy com um, certo peso na consciência —, e, além disso, é ela que vem para cá, porque Lola, geralmente, já está dormindo quando eu saio para trabalhar.

— Quando você saía para trabalhar — corrigiu Rico. — Aqui ou lá, pouco importa. Esta rua é um verdadeiro antro e eu não quero que vocês passem mais uma única noite aqui.

Tremendo dos pés à cabeça ao ver os seus piores pesadelos se transformarem em realidade, Gypsy disse:

— Você não pode chegar aqui e virar tudo de cabeça para baixo deste jeito.

— Está se referindo à vida organizada e perfeita que leva aqui? — zombou ele. — Este lugar não serve nem para um cachorro, que dirá para uma criança. Vocês vêm comigo e vão passar esta noite em minha casa.

Lola tocou o rosto de Gypsy, fazendo com que ela percebesse o quanto suas mãozinhas estavam geladas. As coisas estavam ficando bem mais sombrias que o habitual sem a calefação. O ambiente estava gelado e úmido, havia uma goteira no canto e Lola tinha acabado de sarar de um grave resfriado.

Rico Christofides não poderia ter escolhido um momento pior para enfrentá-la. Ou melhor, á compreendeu amargamente.

— O que há com ela? — perguntou Rico, com os olhos fixos em Lola, quando Gypsy a sentiu pesar em seus braços.

— Ela não dormiu bem ontem à noite e só cochilou agora a pouco, no carrinho.

A expressão dele ficou ainda mais determinada.

— Eu as levarei à força daqui, se for preciso, Gypsy, não duvide disso. Você me deve isso e eu me recuso a permanecer aqui mais um minuto sequer.

Para sua imensa vergonha, Gypsy se viu ceder.

— Para onde está propondo nos levar?

— Para o meu apartamento, na cidade. Ele é infinitamente mais confortável que aqui. Tenho uma governanta que pode tomar conta de Lola enquanto conversamos.



Sentindo-se como se estivesse sendo carregada pela situação com excessiva rapidez, ela disse com extrema relutância:

— Está bem. Nós iremos com você.

Tudo transcorreu numa rapidez assustadora. Gypsy colocou Lola em seu carrinho enquanto reunia as coisas mais essenciais.

Quando finalmente terminou, notou que Rico recolocara o seu, sobretudo e aguardava por ela. Havia lhe perguntado a respeito de uma cadeira para conduzir Lola no carro e Gypsy tinha lhe explicado que o assento do carrinho cumpria as duas funções.

Tinha ainda falado ao celular, parecendo emitir algumas ordens em grego. Agora, olhava para ela com frieza. Muito diferente daquele homem sedutor com quem tinha dançado naquela boate, apesar de seu efeito sobre ela não ser menos poderoso agora.

Ela afastou aquela lembrança da mente. Suas mãos estavam repletas de bolsas.

Antes que ela fosse capaz de dizer o que quer que fosse, ele se adiantou:

— Eu a pegarei. Você tranca a porta.

Rico retirou o assento como se tivesse feito aquilo á vida toda e então o ergueu com uma facilidade de causar inveja. Gypsy teve vontade de arrancar a filha dos braços dele, sentindo, ao mesmo tempo, os seus olhos se encherem de lágrimas. Ela, porém, as conteve, sabendo que não podia demonstrar qualquer tipo de fraqueza diante de Rico Christofides.

Rico deixou que Gypsy entrasse no carro primeiro, sob a chuva cada vez mais intensa, acompanhada de seu solícito motorista, que segurava um guarda-chuva sobre a sua cabeça. Ele colocou as bolsas dela na mala antes de ajudá-la a entrar. Assim que ela se acomodou, Rico entrou com Lola, protegendo-a com o seu, sobretudo. Já dentro do veículo, ele a entregou a Gypsy. Lola estava completamente seca e chupando o seu dedo, satisfeita.

Assim que o motorista deu a partida, ela se lembrou:

— O carrinho!

Rico ignorou-a, checando se o seu cinto de segurança estava fechado. Gypsy teve vontade de afastar as mãos dele quando as sentiu roçar a sua coxa, odiando o calor que invadiu seu baixo ventre diante daquele contato. Seu perfume almiscarado e excepcionalmente masculino a envolvia, ameaçando trazer de volta todo tipo de lembranças. Aquilo era extremamente humilhante, uma vez que ela sabia que ele não sentia o mesmo por ela.

E quem poderia culpá-lo? Gypsy sabia que estava parecendo praticamente uma sem-teto. As únicas roupas melhores que possuía eram as de trabalho, que havia se tornado inútil agora...

Ele se apurou e disse severamente:

— Quando chegarmos ao meu apartamento haverá um novo à nossa espera.

Gypsy tentou não deixar que o luxo do carro a seduzisse.

— Você não pode fazer isso simplesmente porque é o pai dela.

Ele lançou um olhar abrasador para Gypsy, que tentou não se acovardar.

— Eu tenho tanto direito sobre a minha filha quanto você, e agora que sei da existência dela, moverei céus e terras para me assegurar de que ela cresça sabendo da minha também.

Depois se virou e ficou olhando pela janela, com um perfil austero e o maxilar tenso.

Gypsy calou a boca. Sabia que não valia á pena discutir agora. Homens como Rico Christofides e seu pai simplesmente não ouviam o que não queriam ou não esperavam ouvir.

Ela se virou também, sentindo seu estômago revirar. Tudo o que esperava era que quando Rico se desse, conta do que era a realidade de conviver com um bebê, mesmo que por algumas poucas horas ele se dispusesse a lhe pagar o que quer que fosse para que ela voltasse para a sua casa.

Em pouco tempo, eles chegaram a uma área bem mais salubre de Mayfair. Ruas limpas, carros luxuosos e pessoas mais luxuosas ainda. Havia parado de chover, quase como se eles tivessem deixado uma nuvem negra para trás. Gypsy estava enojada. Seu pai tivera um apartamento naquela mesma região, onde hospedava suas diversas amantes.

O carro de Rico parou diante de um belo edifício e o porteiro se apressou em lhes abrir a porta. Gypsy tirou Lola, que havia adormecido, de dentro do carro, com a sensação de ter sido transportada para outro planeta, esperando, em parte, acordar a qualquer momento e descobrir que tudo aquilo não havia passado de um pesadelo.

Sem dizer uma única palavra, nem lhe dirigir um olhar sequer, Rico pegou as suas bolsas e as levou até o elevador.

A porta do elevador se abriu e uma mulher de meia-idade os recebeu junto à porta, enquanto orientava vários homens que transportavam caixas dos mais diversos tamanhos.

Rico puxou Gypsy para frente, com a mão em suas costas, ela carregando Lola nos braços.

— Gypsy, esta é a Sra. Wakefield, minha governanta.

O calor em seu tom de voz fez Gypsy conter um suspiro. Aquilo a fez lembrar-se de como ele a havia seduzido facilmente. Evitando olhar para ele, ela sorriu um tanto tensa, para a mulher claramente curiosa que olhava agora para Lola.

— Mas que gracinha! Vocês devem estar cansados e famintos. Achei mesmo que ela poderia adormecer durante o trajeto de carro, por isso improvisei uma caminha na sala, caso queiram acomodá-la ali, por enquanto.

Um tanto atordoadas, Gypsy a seguiu docilmente em direção a uma ampla sala decorada em tons cinza e pastéis.

Prometendo voltar logo com chá e sanduíches, ela os deixou sozinhos naquela sala imensa. Gypsy se ocupou de Lola por alguns segundos, a fim de evitar olhar para Rico.

— É normal que ela durma deste jeito? — perguntou ele.

Gypsy finalmente se levantou e cruzou os braços.

— Ela sempre cochila um pouco à tarde.

— Como eu podia saber disto?

Gypsy apenas olhou para ele, reprimindo a sua sensação de culpa, e observando-o tirar o, sobretudo com movimentos abruptos, antes de jogá-lo sobre as costas de uma cadeira. Rico começou a andar de um lado para o outro e Gypsy percebeu o quanto estava esgotada.

Tentando estabelecer alguma distância entre eles, ela se afastou e olhou em volta. As janelas que iam do teto ao chão proporcionavam uma vista panorâmica de Londres.

— Nós não podemos permanecer aqui por muito tempo. Este apartamento é um verdadeiro perigo para uma criança pequena — disse ela, apontando para uma mesinha de vidro. — Há pontas e bordas por toda parte. Lola vai acabar se machucando.

Rico estava de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos focados em Gypsy, que sentiu um rubor subir pelo seu peito em direção ao rosto.

— Dentro de 24 horas este apartamento se transformará no lugar mais seguro para uma criança. Você vai ter que arranjar um pretexto melhor para me deter, Gypsy.

— O que aqueles homens estavam trazendo? — perguntou ela, desconfiada.

Rico enumerou:

— Um carrinho de bebê, um berço, uma mesa dobrável... Pedi à minha assistente que providenciasse todos os itens fundamentais. Avise-me se estiver faltando alguma coisa.

— Mas... Eu só vim conversar com você... É apenas por uma noite... Nós vamos para casa amanhã. Eu tenho que conseguir um novo emprego e Lola tem a sua rotina. Você não tem o direito de supor coisa alguma. Nós não precisamos de tudo isso para uma única noite.

Rico avançou na direção de Gypsy com um olhar quase selvagem, e ela teve que se concentrar para não agarrar Lola e sair correndo.

— Eu já perdi 15 meses de convivência com a minha filha, 15 meses do seu desenvolvimento. Ela nem sequer sabe que tem um pai. Não importa que seja muito pequena para entender a importância disso agora; eu entendo. Ouça bem, Gypsy Butler: de hoje em diante, eu faço parte da vida dela e da sua, e, sem trabalho e morando naquela choupana, você definitivamente não se encontra em posição de questionar os meus desejos.

— Está me dizendo que, se eu decidisse sair daqui com Lola, agora mesmo, você lançaria mão de todo o seu poder para nos recapturar?

Um músculo saltou no maxilar dele. Seus olhos ficaram tão escuros que mais pareciam negros.

— É exatamente isso o que eu estou dizendo. O único modo de você sair daqui agora seria; sozinha, mas tendo em vista a sua determinação de manter Lola toda para si, não creio que você venha a tomar essa atitude.

A implicação de que ele a deixaria partir de bom grado mexeu com as entranhas de Gypsy.

— Eu jamais abandonaria a minha filha. Você tem razão. Nós estamos, realmente, numa situação vulnerável e não temos como lutar contra você. Conheço muito bem o modo de agir de homens como você, Rico Christofides. Não têm o menor pudor de esmagar qualquer tipo de oposição, contanto que possam satisfazer os seus caprichos do momento. Nós vamos nos curvar aos seus desejos por agora, já que não temos escolha, mas eu estou certa de que assim que se der conta do que é montar uma casa para uma criança pequena, você nos mandará de volta para o lugar de onde viemos para poder prosseguir em paz com a sua existência auto centrada e seu desejo de dominar o mundo. Eu não vejo a hora de esse momento chegar.

Gypsy se calou. Sabia, por experiência própria, que seria totalmente inútil lutar contra alguém como ele. Era melhor satisfazer a sua vontade e deixar que ele desempenhasse o papel de pai até que se entediasse.

A Sra. Wakefield retornou à sala, trazendo o chá e os sanduíches, e Lola despertou.

Gypsy se apressou em ajudá-la a sair do sofá e automaticamente a afastou da perigosa mesinha de vidro, mas ela logo se libertou de suas mãos outra vez, seguindo com seu passo trôpego em direção à imensa janela, fascinada com a vista.

Apontou, então, para um pássaro e exclamou:

— Piu piu!

A Sra. Wakefield terminou de servir o chá e estendeu a mão a Lola.

— Por que não vamos explorar um pouco a casa enquanto deixamos a mamãe e o Sr. Christofides tomarem o seu chá?

Antes que Gypsy pudesse protestar, Lola já estava saindo alegremente da sala com a Sra. Wakefield, sem nem se preocupar em deixar a mãe para trás. Apesar de ficar orgulhosa de sua filha, já que aquilo provava que Lola era uma criança feliz e segura, Gypsy também ficou um tanto magoada.

Ao se virar, Gypsy viu Rico puxando uma cadeira para ela, junto à mesa maior, e dizendo num tom levemente jocoso:

— Não se preocupe. Ela não vai seqüestrá-la.

Gypsy se sentou sem dizer coisa alguma. Estava se sentindo frágil demais para ter certeza de que conseguiria manter a calma e a racionalidade. Muito a contragosto, ela tirou, por fim, o casaco, sabendo que não voltaria tão cedo para sua casa.

Rico serviu um pouco de chá e empurrou a bandeja de sanduíches na direção de Gypsy. Era óbvio que ela estava projetando nele algo profundamente arraigado dentro dela. Talvez se tratasse da mesma coisa que a havia impedido de lhe contar a respeito de sua gravidez. Mas o que poderia ser?

Ele jurou para si mesmo que iria investigar a vida de Gypsy Butler meticulosamente à procura de pistas.

Observou-a comer os sanduíches com deleite e se perguntou há quanto tempo ela não fazia uma refeição decente. Suas roupas largas e disformes pendiam sobre a estrutura pequena do seu corpo, e aquela leve robustez de que ele se lembrava tão bem havia desaparecido, o que, no entanto, reconheceu Rico, relutantemente, não diminuía em nada o seu poder de atração, nem o desejo que ele sentia por ela.

Ele se levantou num rompante, com a xícara nas mãos, e foi olhar pela janela. Não gostava nada do que ela conseguia provocar nele com tamanha facilidade, nem do fato de ele ter se preocupado, ainda que por um momento, por ela ter emagrecido.

Rico virou-se para encará-la e a encontrou olhando-o com uma expressão receosa, do mesmo modo como Lola havia olhado para ele, ainda no apartamento delas. Ela estava segurando a sua xícara com força e havia uma minúscula migalha no canto de sua boca. O cabelo encaracolado pendia solto sobre os ombros, lembrando-o da imagem que ela havia evocado nele a primeira vez que a vira. Aquilo ô fez pensar, por um momento, que talvez ela realmente não se deixasse influenciar pela sua riqueza.

Ele se obrigou a lembrar do que ela havia feito com ele e foi tomado por um misto de repugnância e nojo por aquele tipo de mulher como a sua mãe. Gypsy podia não ser uma interesseira qualquer, tendo em vista sua relutância em informá-lo da existência de Lola, mas algo muito pior. Ela era o tipo de mulher que não hesitaria em se casar com outro homem e fazer com que ele acreditasse que Lola era sua filha.

## CAPÍTULO SEIS

Você sabe que eu jamais a perdoarei por isso, não é?

As palavras ressoaram na mente de Gypsy, deitada agora na cama mais macia do mundo, tarde da noite. Ela havia levado uma eternidade para fazer com que Lola dormisse depois de tê-la alimentado, banhado e trocado sua roupa. Aquela cobertura era algo excitante demais para ela, sem falar na atenção, não apenas de Rico, mas também da governanta.

Gypsy havia sentido um aperto no peito ao ver Lola correr pela casa, pensando em como ela devia se sentir, limitada no antigo apartamento...

A Sra. Wakefield havia lhe mostrado todas as dependências e á levado a seus aposentos, onde haviam sido colocados um berço e uma cama king size. O quarto de vestir fora transformado num quarto de bebê improvisado. Um enorme banheiro completava o conjunto.

A governanta tinha lhe ensinado como se virar na cozinha, e lhe mostrado onde estava tudo. Gypsy ficara boquiaberta ao perceber que a geladeira e os armários já estavam repletos de tudo de que Lola poderia necessitar. Havia até rádios para que Gypsy pudesse manter um consigo enquanto circulava pelo apartamento, caso não ouvisse Lola despertar.

Lola dormia agora a seu lado, e Gypsy podia ouvir a sua respiração lenta e tranqüila.

Aquele som costumava acalmá-la, mas ela continuava com os nervos à flor da pele. Já estava assim desde que havia visto Rico, na noite anterior. Na noite anterior. Era difícil acreditar que naquele breve espaço de 24 horas ela fora acomodada em seu apartamento.

Sua consciência, porém, não a deixava em paz. Embora fosse tão controlador quanto seu pai, ela não podia negar que Rico, ao contrário dele, só havia mostrado sinais de aceitação para com Lola.

Ele havia ido até a cozinha, onde ela estava preparando um chocolate quente para si mesma depois de colocar Lola para dormir, e dito calmamente:

— Meu médico virá pela manhã para colher amostras minhas e de Lola. A paternidade poderá ser comprovada dentro de uma semana — e sem lhe dar chance de retrucar, prosseguiu implacável: — Não vejo razão para vocês irem a lugar algum até obtermos os resultados, de modo que passarão esta semana aqui. A primeira coisa que faremos, assim que ficar comprovado que eu sou o pai de Lola, será acrescentar o meu nome na certidão de nascimento dela. Agora, se me der licença — disse ele, num tom distante e frio —, tenho muita coisa a fazer no meu estúdio. Suponho que já saiba se orientar pela casa, não é?

Gypsy assentira, intimidada.



— A Sra. Wakefield já me deu as coordenadas.

— Ótimo — respondeu ele, e sem dizer mais uma única palavra, deixou a cozinha.

Gypsy, então, ouviu um som no rádio. Ela aguçou os ouvidos e compreendeu que só podia se tratar de Rico, que havia ido dar uma olhada em Lola. Seu coração vacilou diante daquele gesto. Houve um longo silêncio. Ela ouviu a respiração dele, e então algo indistinto que parecia ser uma fala, em espanhol.

Estremecendo, Gypsy compreendeu que ainda que a atitude inicial de Rico em relação à Lola não fosse a mesma que a de seu próprio pai em relação a ela, o resultado seria o mesmo. Rico estava decidido a não permitir que sua filha fosse afastada dele. Tinha jurado que faria Gypsy pagar pelo que fizera, assim como seu pai havia feito com sua mãe, embora por motivos diferentes.

O pai de Gypsy não tivera outra, alternativa a não ser reconhecê-la, graças à intervenção do Serviço Social, mas havia se assegurado de que Gypsy nunca mais voltasse a ver a mãe. Ela só foi descobrir muitos anos depois que a mãe havia morrido sozinha, num hospício, alguns anos após aquele dia terrível.

Ela sempre suspeitara que a mãe não tivesse nada além de uma tendência à depressão, que poderia ter se agravado com o seu nascimento e as circunstâncias em que elas haviam passado a viver. Tinha uma tendência ao pessimismo, e não era muito forte, mas nada que um pouco de apoio não pudesse ter ajudado a tratar.

Seu pai havia eliminado Mary completamente da vida de Gypsy e, apesar de ter notícias dela, jamais a havia tentado ajudar. Deixou que ela se perdesse no labirinto dos serviços da saúde mental, até finalmente morrer. Após a morte de seu pai, Gypsy encontrou uma carta de sua mãe, de cortar o coração, implorando pela sua ajuda, e por uma chance de rever Gypsy.

Ela suspirou profundamente e fez o melhor que pôde para não pensar mais naquilo.

Será que ela se sentia atraída por homens poderosos e implacáveis, apesar do que seu pai havia feito a sua mãe?

Gypsy suspirou outra vez. Seu pai já havia morrido, e embora estivesse naquela situação insustentável com Rico agora ela não era igual à sua mãe. Não permitiria que a afastassem tão facilmente de sua filha. Ela era infinitamente mais forte e contava com mais recursos.

Rico estava na cozinha, na manhã seguinte, tomando seu café. O Financial Time não conseguia atrair o seu interesse. Ele olhou em volta e fez uma careta, enxergando, pela primeira vez, aquilo que Gypsy já havia percebido na noite anterior. Aquele lugar era, realmente, um perigo para uma criança.

Seu coração se contraiu dentro do peito ao se lembrar da vibrante energia com que Lola havia corrido pela casa e a rapidez com que ele se dera conta de que seria capaz de esmagar qualquer um que a olhasse de maneira estranha.

Ela era linda, mais linda que qualquer outra coisa que ele pudesse imaginar. Era brilhante, perspicaz, curiosa. Ele tinha que reconhecer, ainda que relutantemente, que todas as evidências mostravam que Gypsy era uma boa mãe.

O encontro com Gypsy na cozinha, na noite anterior, fazendo chocolate quente, o havia desnortado. Ela parecia combinar com aquele ambiente doméstico. Era quase como se ele não pudesse se lembrar mais de quando aquela cobertura em Londres era apenas o



lugar para onde ele convidava suas amantes. A sensação de triunfo o incomodara, fazendo com que ele soasse mais cáustico do que havia pretendido ao informá-la de seus planos para aquela semana.

Ao checar como estava Lola, ele fora tomado por uma emoção que nunca havia sentido antes. Sua mão tinha tremido ao afagar a sua pele macia como uma pétala de rosa e ele soube, naquele exato momento, que estava se apaixonando pela primeira vez em sua vida.

Quanto à mãe dela... Tudo o que ele sentia por Gypsy era um irritante desejo singular, que ele odiava reconhecer, e uma necessidade de vingança. Queria que ela se curvasse à sua vontade. Queria puni-la por não ter lhe revelado a existência de sua filha.

Foi então que ele ouviu o choro de Lola através do rádio que Gypsy certamente havia esquecido na cozinha na noite anterior. Rico enrijeceu. Por que Gypsy não estava dando assistência à sua filha? Será que havia algo errado?

Tomado de pânico, ele já estava prestes a subir até o quarto quando ouviu a voz macia, rouca e ainda sonolenta de Gypsy:

— Bom dia, minha querida... Você dormiu bem, meu amor?

Lola arrulhou em resposta e Rico ouviu o som de beijos. Um calor percorreu todo o seu corpo.

— Quem é a minha menininha linda?

Com um movimento abrupto, Rico desligou o rádio. Lola agora também era a sua menininha linda, e quanto mais cedo Gypsy se convencesse disso, tanto melhor.

Rico tomou um último gole de café e seguiu para o seu estúdio, a fim de fazer algumas ligações.

Gypsy estava acabando de dar o café da manhã a Lola quando Rico entrou na cozinha. Seu coração começou a bater acelerado e ela se sentiu insegura, com sua calça jeans larga, sua camiseta velha e seu cabelo preso no alto com uma presilha.

Lola sorriu alegremente ao vê-lo, espirrando comida pela cozinha, enquanto agitava a sua colher e tagarelava ininteligivelmente. Consciente de como Rico parecia impecável em comparação a ela, com sua calça escura e sua camisa branca, Gypsy se levantou para pegar um pano e limpar o chão.

— Largue isso. A Sra. Wakefield dará um jeito.

Gypsy corou, mas voltou a se sentar.

— Eu não quero dar mais trabalho a ela.

Rico sorriu.

— Embora sua preocupação seja louvável, devo lhe dizer que a Sra. Wakefield dispõe de um verdadeiro exército de faxineiros, portanto não há com que se preocupar.

Ele se recostou na geladeira e olhou com tamanha ternura para Lola que Gypsy sentiu dificuldade de respirar. Sua expressão, no entanto, assumiu um ar bem mais frio, ao olhar para ela.

— Você dormiu bem?

— Muito bem. Lola nunca teve problemas para dormir e estava muito cansada ontem à noite.

— Mas você parece cansada — disse ele abruptamente, notando, ao erguer o olhar, que ela havia corado como se estivesse zangada por ele o ter notado.

Gypsy deu de ombros, sentindo-se ainda mais insegura e abatida.

— Estou trabalhado muito... Estava pelo menos.

— Você estudou na Universidade de Londres? — perguntou ele, referindo-se aos dizeres de sua camiseta.

Gypsy tratou de se ocupar limpando Lola, que estava se contorcendo para sair do cadeirão. Odiava ter de contar o que quer que fosse de sua vida para ele.

— Eu estudei Psicologia, e me especializei no trabalho com crianças.

— Quando foi que você se formou?

— Há dois anos. — Duas semanas, apenas, antes de conhecê-lo naquela boate. Não que ela fosse mencionar aquilo a ele.

Rico finalmente foi até a cafeteira, e Gypsy pôde relaxar por um momento.

— Vou ter de sair para comprar algumas coisas para Lola. Preciso de fraldas e alguns outros itens — disse ela, aproveitando para olhar para as suas costas largas.

Rico se virou, apoiando-se no balcão, com a xícara na mão.

— Eu tirei o dia de folga. Meu médico estará aqui em aproximadamente uma hora. Depois disso, poderemos sair juntos. Compraremos o que você precisar e levaremos Lola para brincar um pouco num parque, perto daqui. Vamos ter que ficar fora por algum tempo, de qualquer jeito, já que o apartamento sofrerá mudanças para se adequar a Lola.

Gypsy ficou surpresa com a rapidez com que Rico estava se adaptando à nova realidade. Ela não se lembrava de seu pai ou sua madrasta terem tirado um dia sequer de folga para ficar à seu lado, nem mesmo no dia em que ela havia se mudado. Ela, porém, não disse coisa alguma. Não queria que ele soubesse o quanto a estava surpreendendo.

— Estaremos prontas assim que eu limpar Lola e trocar a roupa dela.

Rico pousou a xícara no balcão e, por um momento, Gypsy teve a impressão de enxergar algo extremamente vulnerável em seu olhar.

— Está bem — respondeu ele, vendo o maxilar de Gypsy enrijecer.

Ela ergueu Lola para tirá-la do assento e Rico teve que se controlar para não se oferecer para ajudá-la. Sentia um desejo enorme de conhecer melhor a filha, ficar a par de sua rotina, observar o que Gypsy fazia com ela, mas se forçou a lembrar que se não tivesse encontrado Gypsy naquele restaurante, ainda não saberia que era pai.

Gypsy entrou no quarto, mais tarde, naquele mesmo dia, completamente exausta, cedendo, por um momento, à tentação de se sentar na cama. Assim que o médico se foi, Rico vestiu uma calça jeans e um suéter grosso e saiu com elas, sem permitir que permanecessem longe dele.

Eles foram até as lojas locais, onde Gypsy comprou tudo de que precisava, insistindo em pagar, para desgosto de Rico.

Depois seguiram para um parque, onde Rico a ignorou quase que completamente, voltando sua atenção apenas para Lola, que desfrutou alegremente de sua companhia.

A certeza incondicional de Rico de que Lola era sua filha ainda a deixava atordoada, e o fato de que Lola estava, naquele momento, na sala, brincando alegremente com Rico, causava-lhe uma sensação muito estranha.

Reunindo novamente suas forças, ela foi ao quarto de Lola para pegar uma fralda para a hora do jantar. Ao abrir a porta, ela ofegou em voz alta, lembrando-se, tarde demais, do olhar contundente de Rico para suas roupas, naquela manhã. Ela o ouvira fazer

algumas ligações ao longo do dia, mas não tinha dado muita atenção ao assunto, até agora...

Chocada, ela notou o que devia corresponder a milhares de libras em roupas, para ela e Lola, penduradas ou guardadas nas gavetas. O quarto de bebê temporário havia sido deslocado para uma pequena sala de espera, antes do banheiro, e equipado com ainda mais acessórios.

Uma lembrança vivida de seu pai fez a sua visão se turvar de raiva. Ela havia ficado hipnotizada com a quantidade de belas roupas que ele lhe comprara quando ela completara 13 anos, até perceber que eram todas grandes ou pequenas demais e que ela só as deveria usar nas ocasiões sociais, ao lado dele. Ele a havia forçado a usá-las e interpretado o seu intenso embaraço como falta de gratidão.

E agora Rico havia feito praticamente a mesma coisa, tentando comprar mãe e filha.

Gypsy reuniu algumas roupas de bebê, com suas ostensivas etiquetas, e foi até a sala de estar.

— O que significa isso? — perguntou ela duramente, deixando algumas peças caírem no chão.

— Vocês duas estão precisando de roupas novas e eu tenho condições de lhes proporcionar isso.

— Eu já lhe disse que nós não precisamos nem de você, nem do seu dinheiro. Gastar dinheiro com roupas caras desse jeito é pura extravagância. Há roupa suficiente aqui para vestir vários bebês. Lola vai crescer antes mesmo de ter tido a chance de usar a maioria dessas peças.

O rosto de Rico enrijeceu e Gypsy se sentiu uma cretina completa por tê-lo magoado.

— Eu vou providenciar o sustento de minha filha e isso não está em discussão. E enquanto morar sob o mesmo teto que eu, você não vai sair por aí toda desmazelada.

— Deus nos livre — murmurou Gypsy causticamente — de envergonhar o grande Rico Christofides. — Ela pousou o restante das roupas e estendeu os braços em direção a Lola. — Já está na hora de ela jantar.

Depois de um momento de enorme tensão, Rico finalmente a entregou a Gypsy, dizendo:

— Vou ficar no meu estúdio pelo resto da noite. Separe as roupas que acha que não vai precisar e eu as devolverei.

Algumas horas mais tarde, Gypsy se encontrava ao lado do berço de Lola, acompanhando a sua luta contra o sono, e sentindo as próprias pálpebras cada vez mais pesadas. Gypsy ainda lutava contra o seu sentimento de culpa. A imagem de Lola nos braços de Rico, um pouco mais cedo, ainda estava muito clara em sua mente, e ela sabia que a sua reação agressiva às roupas que ele havia comprado tinha muito mais a ver com uma lembrança dolorosa do seu passado que com a situação atual.

Rico, por sua vez, falava ao telefone, em seu estúdio.

— Gypsy Butler. Quero que descubra tudo o que puder a seu respeito. Dinheiro não é problema.

Ele colocou o fone no gancho, tomou outro gole de uísque e passou a mão no rosto.

As mulheres não costumavam preocupá-lo. Havia sempre muitas disponíveis para que ele escolhesse a mais bela e mais experiente. Até aquela noite, quando tudo o que ele achava que sabia havia se desfeito em mil pedaços...

Nenhuma mulher, jamais, havia lhe despertado um desejo de estrangulá-la e beijá-la ao mesmo tempo. Sua boca se curvou num sorriso selvagem. Beijar Gypsy certamente ajudaria a apaziguar o desejo que ardia em seu íntimo, mas ele já podia imaginar a resistência que ela certamente lhe ofereceria. Ela enrijecia cada vez que ele se aproximava, mas Rico podia enxergar claramente os sinais de sua atração por ele.

Dominar aquela mulher estava se tornando uma verdadeira obsessão em sua vida.

Seria infinitamente doce dominar a sua natureza rebelde de maneira lenta e sensual... Pela primeira vez, o trabalho estava ficando em segundo plano. Já fazia muito tempo que ele não saía para fazer compras. Aquilo o fizera lembrar a noite em que havia conhecido Gypsy e corrido para uma farmácia 24 horas a fim de comprar preservativos, como um adolescente descontrolado.

Rico se sentiu desconfortavelmente exposto quando ela o acusou de estar mimando demais a filha. Como ele podia explicar a Gypsy que queria dar a Lola tudo o que ele não havia tido até agora?

Assim que descobrisse qual era a fraqueza de Gypsy, ele a manipularia a fim de alcançar seus objetivos. O mais importante, agora, era estabelecer vínculos os mais fortes possíveis, tanto com Gypsy, quanto com Lola.

Gypsy caminhava de um lado para o outro da sala, na noite seguinte, louca de raiva.

A Sra. Wakefield tinha ido para casa, e Lola estava dormindo.

Rico havia lhe deixado um bilhete, pela manhã.

Passarei o dia no escritório. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

O número constava logo abaixo. Gypsy havia soltado um suspiro de alívio, mas por um momento sentira algo suspeito e desconfortável como uma espécie de decepção, invadir seu ser.

Foi só mais tarde, ao guardar a última das bolsas com as roupas novas que havia decidido devolver, que ela viu as revistas.

A Sra. Wakefield havia lhe confessado que elas eram o seu fraco, e que Rico se assegurava de que elas lhe fossem entregues todos os dias. Uma foto dela, Rico e Lola, no parque, no dia anterior, chamaram sua atenção.

Rico estava com Lola nos braços e Gypsy ao lado, sorrindo. Ela nem mesmo se lembrava de ter sorrido. A manchete alardeava: A família secreta do magnata Rico!

Borbulhando de raiva, Gypsy tentou ligar para ele, mas não conseguiu ultrapassar a barreira de sua secretária.

— Sinto muito, mas o Sr. Christofides não pode ser incomodado no momento, se não for algo urgente. Quer deixar um recado?

— Diga ao Sr. Christofides que a sua família secreta gostaria de falar com ele.

Rico devia ter planejado tornar público o fato de que tinha uma filha para que elas não pudessem mais dar um passo sem serem seguidas pela imprensa.

O porteiro havia confirmado que a portaria estava repleta de fotografos. E pensar que ela ficara surpresa com a aparente disponibilidade de Rico em passar algum tempo com elas...

A porta do apartamento se abriu e Gypsy se virou com os punhos cerrados.

— Muito obrigada por ter retornado a minha ligação — disse ela num tom sarcástico.

Os olhos dele ardiam, mas não havia expressão alguma em seu rosto.

— Eu recebi o recado.

Gypsy começou a tremer diante da sua falta de reação.

— Sabia que eu teria sido atacada por uma legião de fotógrafos se tivesse descido inadvertidamente com Lola? Manter uma criança trancafiada o dia inteiro num apartamento, por maior que ele seja não é uma experiência muito agradável.

Rico tirou a gravata, jogando-a sobre o sofá, para em seguida abrir o botão superior de sua camisa. Gypsy quis recuar, mas não pôde, pois já estava junto à janela.

— Havia seguranças lá fora. Você estava protegida.

Gypsy lançou as mãos para o céu.

— Oh, eu sinto muito. Como foi que eu não adivinhei? E de que adiantariam os seguranças com um bando de paparazzi tirando fotos minhas e de minha filha?

Ele se aproximou, e Gypsy pôde ver o lindo tom de sua pele morena, aquela estrutura óssea atordoante e o nariz levemente torto que fazia pensar num passado violento. Apesar de sua aparência refinada, havia algo nele que exalava periculosidade.

Os lábios dele estavam comprimidos.

— Eu não liguei de volta porque estava envolvido em negociações importantes que não podiam ser interrompidas.

Gypsy sorriu amargamente.

— Oh, tenho certeza disso. Nada pode ser tão importante quanto ganhar o seu próximo milhão!

Os olhos de Rico brilharam diante daquele comentário, mas ele disse apenas:

— Eu sabia que você e Lola se encontravam segura. Se achasse, por um momento sequer, que você estava ligando por algum motivo sério...

Gypsy arfou.

— Mas era sério! Nossa segurança estava comprometida, e nós fomos forçadas a permanecer dentro de casa como verdadeiras fugitivas. Sem mencionar o fato de que nossas fotografias estão estampadas em todas as revistas de fofoca da cidade e todo mundo quer saber quem é a sua família secreta.

Gypsy estava aterrorizada diante da perspectiva de sua história de vida ser investigada. Temia que Rico usasse as informações obtidas contra ela, caso descobrisse quem fora seu pai, e o que ela havia feito quando ele morreu, para provar que ela não podia ser uma boa mãe para Lola. Se descobrisse a respeito da instabilidade mental de sua mãe, então...

— Eu vou embora amanhã de manhã e levarei Lola comigo para o nosso apartamento. Tenho direitos sobre ela como sua mãe. Eu lhe dei uma chance de vê-la, mas não vou deixar que faça o que bem quiser de nossas vidas.

Ela tentou passar direto por Rico, mas ele segurou o seu braço com força.

Gypsy olhou para ele, tentando não se deixar impressionar com a sua altura.

— Solte-me.

— Você não vai a lugar algum, Gypsy. Nós ainda não recebemos os resultados do teste de DNA, e aquela turma lá fora irá persegui-la até descobrir todos os detalhes da sua vida.

— Exatamente como planejou, não é? Espera mesmo que eu acredite que você não sabia a respeito das fotos?

Aquele era um dos métodos preferidos de seu pai: — a manipulação da mídia.

— É claro que não — exclamou Rico, parecendo ofendido. — Admito que me desse, conta de que os paparazzi estavam à espreita ontem, e que a idéia da publicação de algumas fotos não me incomodou tanto assim, mas eu não previ todo esse interesse.

A mão dele continuava em seu braço, provocando todo tipo de reações em Gypsy e fazendo com que ela se esquecesse, por um momento, por que se sentia tão zangada, afinal. Rico estava tão perto... Perto demais. Ela tentou se afastar, mas ele a segurou com mais força e seu desespero aumentou.

— Solte-me, Rico. Você não tem o direito de nos expor desse jeito. Eu vou levar Lola embora amanhã e nós, deixaremos Londres, se for preciso.

Rico girou-a tão rápido que ela perdeu o equilíbrio e só permaneceu de pé porque ele a agarrou pelos braços. Ele olhou para ela e Gypsy ficou hipnotizada com seus olhos. Rico balançou a cabeça, e passou, inexplicavelmente, a segurá-la de forma mais meiga, ainda que silenciosamente lhe dissesse que se recusava a deixá-la ir. Seus olhos vagaram pelo rosto dela e a boca de Gypsy formigou, traiçoeiramente, onde os olhos dele se demoraram por mais tempo.

Para seu completo horror, Gypsy voltou no tempo, e estava novamente olhando para Rico pela primeira vez.

As mãos dele á puxaram para mais perto e Gypsy sentiu os seus pés se moverem contra a sua vontade.

Rico se esqueceu da pontada de culpa que havia sentido com a acusação de Gypsy.

Embora não tivesse pretendido que elas fossem perseguidas pela imprensa, ele efetivamente previra algumas vantagens no fato de permitir que o mundo soubesse que ele tinha uma filha.

A voz dele estava rouca e profunda. As palavras pareciam estar sendo puxadas de dentro dele.

— Droga! Eu ainda a desejo. Jamais consegui esquecê-la, por mais que tentasse. Foi por isso que fui atrás de você.

Gypsy lutou contra o clamor de seu pulso. Sua ira havia submergido completamente sob uma onda de desejo tão intensa que a fazia tremer. Ela lutou para não ceder à atração que Rico exercia sobre ela e disse de modo contundente:

— Você pensou em mim mesmo quando dormiu com aquela mulher, na outra noite? Ele sorriu perigosamente.

— Está com ciúmes, Gypsy? Isso só prova que você também não me esqueceu.

— Vá para o inferno, Rico — disse ela trêmula.

— Se eu for para o inferno, você irá comigo.

Ele a puxou para junto de si, contra o seu longo corpo enrijecido. Um tremor de pura excitação a atravessou quando a cabeça dele desceu em direção à sua. Gypsy ainda tentou



articular uma recusa, mas as suas respirações já estavam se misturando e então a boca de Rico se inclinou sobre a dela, com uma precisão experiente. E ela se perdeu...

Ela voltou no tempo, para a saída da boate, depois de ter colocado a mão na boca de Rico por não querer saber o seu nome. Não queria que nenhum tipo de realidade interviesse naquele momento. Ele a havia puxado para junto de si e a beijado pela primeira vez.

O beijo, tanto então como agora, fora o ápice de uma excitação crescente. A boca de Rico era firme, mas suficientemente suave para fazer com que ela se derretesse inteira e ansiasse por mais, arqueando todo o corpo contra o dele, admitindo todo o seu desejo.

Rico soltou um gemido do fundo da garganta e aprofundou o beijo, tomando a boca de Gypsy de assalto até encontrar sua língua e afagá-la com erótica maestria. As mãos dele haviam deslizado em direção aos seus quadris, escavando a sua cintura com a ponta dos dedos. Ela se agarrou aos ombros largos dele e sentiu o seu cabelo se soltar do coque e lhe cair sobre os ombros.

Gypsy ardia entre as pernas. O desejo que sentia por ele havia dois anos estava ficando mais agudo a cada segundo que passava, diante da sedutora promessa de ser saciado. Como se tivesse lido a sua mente, Rico a puxou para mais junto de si e espalmou as mãos enormes sobre as nádegas dela, erguendo-lhe levemente o corpo e aninhando-a as suas virilhas.

Suas bocas mantiveram-se o tempo todo coladas uma à outra. Um desespero se intensificava com o aprofundar do beijo, como se ambos, de repente, tivessem compreendido a intensidade da paixão pela qual eles vinham ansiando havia anos. Gypsy ficou na ponta dos pés e enterrou os dedos no cabelo sedoso de Rico, mantendo a cabeça dele junto à sua, para não permitir que ele escapasse...

Com outro gemido gutural, Rico puxou impacientemente a camiseta de Gypsy e deslizou a mão pela cintura e barriga dela até alcançar um de seus seios. Sem conseguir se conter, ela ofegou e afastou a boca da dele para olhar em seus olhos atordoada.

Um gritinho soou no rádio. Ambos enrijeceram e se detiveram. O nevoeiro vermelho de excitação se dissipou na mente de Gypsy, dando lugar, novamente, à realidade. Ela estava enrascada ao corpo de Rico como um cipó e a mão dele pairava intimamente sobre o seu sutiã rendado.

Nenhum outro som se fez ouvir, mas Gypsy aproveitou a oportunidade para se desvencilhar abruptamente de Rico, que ficou ali, parado, todo despenteado e absolutamente deslumbrante, com o rosto corado e os olhos tão escuros que mais pareciam negros. Havia mais botões abertos em sua camisa agora. Gypsy foi tomada de horror. Fora ela quem fizera aquilo?

Ela deu um passo para trás e esbarrou na janela, grata por encontrar um apoio.

— Eu não sei... — começou ela, hesitante. — Isso foi...

— Isso — disse Rico severamente, parecendo totalmente recomposto — foi algo que nós retomaremos em breve, sem interrupções.

Gypsy balançou a cabeça e estremeceu quando Rico foi até ela e a prendeu contra a vidraça, apoiando cada uma das mãos de um dos lados de sua cabeça.

— Acabamos de provar que este desejo não morreu. Se eu quisesse seduzi-la aqui e agora, poderia fazê-la enroscar as pernas em torno da minha cintura e possuí-la aqui mesmo, contra esta janela.

Aquelas palavras explícitas fizeram Gypsy corar intensamente. Ela apenas balançou a cabeça outra vez, pateticamente.

Rico deslizou um dedo pela sua bochecha, passando pelo seu maxilar, até alcançar o decote em V de sua camiseta e se deter ali. Seus olhos encontraram os dela.

— Vocês não vão à parte alguma Gypsy. Não até que eu o queira. E se o fizer, eu a encontrarei. Você e Lola são minhas agora, e eu nunca abro mão do que é meu.

O rádio voltou a dar sinal de vida, emitindo um pranto queixoso que fez Gypsy saltar.

— Mamãe...

— Eu o odeio Rico.

Ele sorriu, mas a expressão não alcançou os seus olhos.

— Eu também a odeio, Gypsy, mas parece que o nosso desejo resiste muito bem à nossa antipatia mútua.

Gypsy finalmente conseguiu se afastar de Rico e deixar o lugar com as pernas bambas, perigosamente à beira das lágrimas, a fim de cuidar de Lola.

## CAPÍTULO SETE

Rico se jogou no sofá assim que Gypsy saiu. Suas pernas estavam bambas. Seu coração batia acelerado e, apesar da frieza que havia tentado aparentar, o sabor de Gypsy, seu cheiro e a sensação do seu corpo contra o dele haviam causado um efeito mais poderoso que todos os afrodisíacos. Sabia que se não tivesse sido interrompido por Lola, ele certamente estaria agora arrancando as próprias roupas e as de Gypsy para mergulhar em seu calor úmido, ali mesmo. Rico ardia com um desejo que só sentira antes uma única vez na vida, na noite em que a conheceu.

Algo no modo como ela lhe dissera que pretendia partir havia desencadeado sentimentos de possessividade e desejo tão intensos dentro dele que o haviam deixado pasmo.

Pelo rádio, ele ouviu o choro de Lola diminuir e a voz rouca de Gypsy dizer:

— O que foi querida? Você acordou?

Rico enrijeceu novamente e a maldisse em voz alta. E então o rádio silenciou, de repente, como se Gypsy tivesse se dado conta de que ele a poderia estar ouvindo e o desligado.

Rico não perdeu tempo em lhe informar, na sexta-feira de manhã, sem meias palavras, que já estava com os resultados positivos do teste de DNA em mãos.

Você poderia ter poupado o seu precioso dinheiro, pensou ela, mas não disse nada, desligando depois que ele lhe disse que iria para casa a fim de conversar com ela.

A Sra. Wakefield deu o almoço a Lola, enquanto Gypsy caminhava de um lado para o outro na sala, tensa. Tinha feito o possível desde aquele beijo, há três dias, para evitar ficar sozinha com Rico o que parecia diverti-lo sobremaneira. Seus olhos acinzentados a seguiam com as pálpebras baixas sempre que eles estavam juntos, o que não fora muito freqüente, uma vez que ele havia trabalhado até tarde quase todos os dias.

Gypsy estava se sentindo ainda mais vulnerável que antes, uma vez que era evidente que sua mente não conseguia exercer controle algum sobre o seu corpo, e o seu corpo queria Rico com tamanha intensidade que ela chegava a sonhar com ele quando dormia, e ansiava por ele quando acordada.

Ela ouviu o som inconfundível de Rico chegando, em casa e foi vê-lo aproximar-se da porta da cozinha, encontrando Lola brincando alegremente com a Sra. Wakefield, provocando um pequeno círculo de destruição em torno do seu cadeirão. Seu olhar fez o coração de Gypsy se contrair dentro do peito.

— Sra. Wakefield, eu gostaria de lhe apresentar a minha filha, Lola.

A governanta sorriu afetuosamente.

— Eu já o havia concluído por conta própria. Vocês se parecem muito.

Como se tivesse acabado de se dar conta da presença de Gypsy, Rico virou a cabeça e sua expressão calorosa desapareceu por completo. Ela estremeceu. Rico a odiava.

Ele se voltou novamente para a Sra. Wakefield e perguntou:

— Se importaria de levar Lola para passear quando acabar aqui? Eu tenho alguns assuntos pendentes para tratar com Gypsy.

A Sra. Wakefield concordou prontamente e Rico voltou a olhar para ela, dizendo bruscamente:

— No meu estúdio, agora.

Sentindo uma imensa vontade de bater o pé e se negar a ir, Gypsy respirou fundo e o seguiu.

Sentindo intensamente o efeito que Gypsy exercia sobre ele, e não gostando nem um pouco da idéia, Rico se sentou na ponta de sua mesa e cruzou os braços.

Gypsy olhou para ele com aquela conhecida expressão de desafio e receio e parte dele sentiu necessidade de acalmá-la, protegê-la, confortá-la. Ela parecia incrivelmente jovem e inocente, sem maquiagem alguma, seu cabelo puxado para cima num rabo de cavalo de cachos rebeldes que ele ansiava por soltar, para fazer com que caíssem sobre os seus ombros.

Era isso o que o desejo fazia com as pessoas. Obscurecia a capacidade de raciocínio, de enxergar a realidade, e a realidade era que Gypsy não era inocente. Ela podia não ser uma mercenária no que dizia respeito a dinheiro, mas era, sem dúvida, uma mercenária no tocante há algo muito pior.

Uma raiva amarga e inútil veio à tona outra vez quando ele pensou em tudo o que havia perdido, mas Rico a conteve. Tinha que manter a calma e não deixar que pairasse nenhuma dúvida a respeito de quem detinha o controle da situação.

Ele a viu erguer o queixo quase imperceptivelmente.

— Queria conversar comigo?

Ele inclinou a cabeça levemente.

— Como já lhe disse antes, eu agora tenho provas de que sou o pai de Lola.

Gypsy cruzou os braços, erguendo inadvertidamente os seios. Rico conseguiu, a muito custo, não baixar o olhar, mas se remexeu, inquieto, na mesa.

— E...? — perguntou Gypsy, com toda a arrogância de uma rainha.

Rico conteve um sorriso relutante. Ele tinha que reconhecer a sua bravata. Ninguém o enfrentava como ela o fazia e ele a admirava por isso, embora não gostasse de admiti-lo.

— E isso significa que eu vou passar a exercer os meus direitos como pai dela: cuidar dela, sustentá-la e protegê-la, como minha legítima herdeira.

— Você pode fazer o que bem entender. Apenas permita que sigamos com nossas próprias vidas. Nós podemos chegar a um acordo quanto à guarda dela.

— Acha mesmo que eu vou permitir que você volte para aquela pocilga com a minha filha? Eu não quero saber de nenhum acordo quanto à custódia dela, nem quero ser obrigado a permanecer no Reino Unido para poder dirigir até aquele gueto, duas vezes por mês, para ver a minha filha por algumas poucas horas.

— Eu vou processá-lo. Você não pode fazer isso.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Posso saber como pretende pagar o seu advogado? Com o restante das gorjetas, talvez? Acha mesmo que algum juiz vai dar a guarda de uma filha a uma mãe que a impede propositadamente de conhecer o próprio pai sem um bom motivo para isso?

Rico viu como ela empalideceu e oscilou por um momento e quase não conteve a tentação de ir até ela para ajudá-la a se recompor, mas decidiu ir com tudo.

— Você não tem um emprego, nem perspectivas de conseguir um, apesar da graduação que diz ter. Vai precisar de uma babá se quiser trabalhar, mas para pagá-la terá que trabalhar...

Com os lábios brancos e os olhos verdes arregalados, Gypsy esbravejou:

— Diga logo o que você quer.

Rico saboreou o momento antes de falar. Tinha Gypsy exatamente onde queria.

— Quero os 15 meses que você me deve. Quero que você e Lola vivam comigo por exatos 15 meses, de modo que eu não perca mais nem um dia do seu desenvolvimento.

Daquela vez, Gypsy realmente cambaleou e Rico se adiantou, chegando bem a tempo de conduzi-la até uma cadeira e acomodá-la. Voltou, logo em seguida, com um cálice de conhaque. Ela, porém, o afastou com um gesto.

— Eu não bebo...

Ele pousou o cálice, mas permaneceu junto dela, contendo a sua vontade de sacudi-la. Ela estava fingindo, tinha que estar. Toda aquela vulnerabilidade não podia ser real.

Afinal, o que poderia haver de errado em passar 15 meses no maior luxo?

Ela olhou para ele com um brilho de esperança no olhar.

— Quinze meses... E então nos deixará ir embora?

A cólera borbulhou dentro dele. Por que a sua ansiedade em se ver livre dele o deixava daquele jeito?

— Mais ou menos, mas eu estou disposto a ajudá-la a conseguir um emprego depois desse período, ajudá-la a encontrar um lugar para morar, ajudá-la a se reerguer, enfim. Contanto, é claro, que eu tenha total acesso a Lola e possa decidir a respeito do seu futuro.

A boca de Gypsy se contorceu e suas mãos se cerraram sobre o colo.

— E nesse meio tempo você pretende nos arrastar ao redor do mundo, com você? Isso não é vida para uma criança pequena. Ela precisa de uma rotina, Rico, e não de um pai playboy bilionário. Ou por acaso está planejando nos deixar num apartamento estéril como este e nos visitar sempre que quiser?

— Pelo contrário — respondeu ele, friamente. — Minha base principal fica na Grécia, entre Atenas e a ilha de Zakynthos. A maior parte dos meus negócios é gerenciada de lá. Esta, na verdade, é a primeira vez que eu volto a Londres em... Dois anos.

O modo como ele havia proferido aquelas palavras, como se estivesse se lembrando daquela noite, fez com que o ar crepitasse entre eles. Sem fôlego, Gypsy balbuciou antes que pudesse se conter:

— Você não vai exigir... Que nos casemos?

Rico olhou para ela e arqueou uma sobrancelha. Eles estavam perto demais um do outro.

— É isso o que você quer Gypsy?

Antes que pudesse dizer que aquela era a última coisa no mundo que ela queria, ele prosseguiu:

— Por mais estranho que possa parecer, eu não tenho a menor vontade de me casar com alguém que acha que pode brincar de Deus com a vida de uma criança. A mulher que eu escolher para minha esposa terá que compreender os conceitos de honestidade e confiança.

Profundamente incomodada com o fato de ele ter dito que não tinha a menor vontade de se casar com ela, Gypsy se levantou e esbravejou:

— Homens como você nem sequer conhecem o significado dessas palavras. Se eu tivesse que voltar no tempo, tomaria a mesma decisão outra vez.

Ela esperou que Rico recuasse para lhe dar espaço, mas ele não o fez, e em vez disso a segurou pelos braços. Gypsy tentou se desvencilhar, mas ele a segurou com mais força ainda.

Suas palavras haviam conseguido atingi-lo. Seus olhos brilhavam e seu maxilar estava tenso.

— Eu ainda não lhe disse o que mais eu quero.

O corpo de Gypsy enrijeceu por inteiro em reação à proximidade de Rico. Eles estavam praticamente se tocando. Tudo que ela precisava fazer era respirar fundo e os seus seios roçariam o peito dele. A raiva por sentir e querer isso fez com que ela dissesse de maneira insolente:

— Não acha que já pediu o bastante? O que mais eu posso lhe dar?

Ele a olhou por um longo momento, com seus olhos acinzentados fixos nos dela, e então disse com uma simplicidade devastadora:

— Você.

Ela levou algum tempo para compreender o que ele havia dito para então sentir um terrível calor correr pelas suas veias e ventre e começar a se debater nos braços dele.

— Não... Não. Eu não vou aceitar isso. Eu não quero isso.

Rico, porém, apenas continuou a segurá-la e disse:

— Pare de mentir para si mesma, Gypsy.

Ele levou as mãos até o rosto dela, enrascando os dedos em sua nuca. Para seu completo horror, ela ouviu a própria respiração arfante e colocou as suas mãos sobre as dele, como se pudesse afastá-las.

— Rico... Por favor, não faça isto.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso deixar de fazê-lo.

Ele baixou a cabeça em direção à dela e tomou seus lábios de assalto num beijo surpreendentemente doce e intenso. Era como se toda a tensão e animosidade entre eles não passasse de uma ilusão.

Gypsy emitiu um som entre um gemido de capitulação e um lamento quando Rico a puxou para ainda mais perto dele e soltou o seu cabelo.

Sua boca continuava colada à dela, que se abria cada vez mais para ele. Rico acariciou a língua dela com a sua, e Gypsy sentiu suas pernas bambearem.

Em poucos segundos, o mundo virou de pernas para o ar e Gypsy se flagrou montada sobre Rico na cadeira, encarando-o. As mãos dele ainda estavam segurando a sua cabeça, impedindo que ela se recompusesse e retomasse suas defesas. Com um gemido, Gypsy teve que colocar as mãos no peito dele para não cair para frente, mas aquela ação fez a batida forte do coração de Rico reverberar por todos os seus ossos.

As mãos dele deslizaram em direção à cintura dela, até encontrar uma área de pele descoberta entre o seu jeans e a blusa e afagá-la sensualmente. Gypsy tinha consciência de que arqueava as costas, mas não podia evitá-lo. Estava em outro mundo, onde o tempo e a realidade não existiam.

Depois de um breve momento de hesitação, Gypsy ergueu os braços quando Rico começou a tirar sua camiseta. Uma nova urgência penetrou no ar carregado de desejo quando ele a puxou para si e beijou o seu pescoço, até alcançar o vale entre os seios.

Gypsy agarrou a cabeça de Rico, tremendo dos pés à cabeça, ávida por se aproximar mais dele, e como se tivesse ouvido o seu apelo silencioso, Rico se moveu sutilmente, fazendo com que o ápice das coxas dela entrasse em contato direto com a sua crescente excitação.

Ela arfou e se afastou, percebendo, somente então, que Rico, de algum modo, havia conseguido abrir o seu sutiã e o estava puxando pelos seus braços, expondo os seus mamilos rosados ao seu olhar.

— Tão belos... — disse ele, respirando fundo. — Eu nunca os esqueci... Sonhei com eles...

As palavras dele fizeram com que Gypsy se derretesse por completo e, com as mãos espalmadas sobre os ombros dele, tudo o que ela pôde fazer foi suspirar de puro prazer quando ele tomou um dos seus seios na mão e o levou à boca, de modo a poder lambar provocante mente a aréola, antes de passar a língua pelo bico enrijecido.

A pele descoberta dos seus ombros estava incrivelmente sensibilizada pelo contato com seu cabelo, e antes que se desse, conta do que fazia ela começou a arrancar a gravata de Rico e abrir os botões de sua camisa com mãos frenéticas, enquanto a boca dele a conduzia cada vez mais perto de uma deliciosa sensação.



Finalmente, depois de lhe abrir a camisa, Gypsy espalmou as mãos no peito amplo dele, deleitando-se com sua força nata. Rico se afastou do seio dela e, com as pálpebras pesadas, Gypsy olhou para o rosto másculo, maravilhada por ele a desejar tanto assim.

Uma crescente sensação de algo muito semelhante à ternura se apoderou dela, desorientando-a por um momento. Ela havia sentido o mesmo na noite em que eles tinham se conhecido, mas o bilhete, na manhã seguinte, fora como um; tapa no rosto.

Ele, porém, não lhe deu chance de pensar mais naquilo. Puxando-a para junto de si outra vez, tomou novamente a sua boca e a beijou até que ela ficasse zonzinha. Uma de suas mãos deslizou pela barriga macia dela até alcançar o zíper do seu jeans. Ela arfou junto à boca de Rico. Sua outra mão deslizou-lhe entre o jeans e as nádegas, acariciando a carne e puxando-a para ainda mais perto, de modo que ela sentisse como ele estava excitado. Ele impeliu o seu corpo para cima e, apesar da barreira da roupa, a simples lembrança do tamanho e potência de sua virilidade fez com que explodissem estrelas por trás dos olhos de Gypsy.

Os quadris dela se moveram instintivamente, em busca de mais fricção. Ele continuava beijando-a impiedosamente, deslizando sua boca quente pelo corpo dela com paixão até encontrar o seio e começar a sugá-lo. Uma mão apertou as suas nádegas, puxando-a mais para perto, enquanto a outra mergulhou na abertura do jeans em direção ao ápice de suas pernas, sob a sua calcinha, onde um dedo encontrou o centro úmido de seu desejo e o acariciou, para frente e para trás, enquanto ele impelia ritmadamente, o seu corpo contra o dela.

Quase chorando por saber que ele só estava exibindo o controle que detinha sobre ela e mostrando o quanto ela era fraca, Gypsy não pôde deixar de se entregar à rendição final.

Com um grito, ela sentiu o seu corpo enrijecer então desfalecer, antes de ser sacudida por espasmos tão intensos de prazer que suas mãos se enterraram nos ombros de Rico como se ele fosse a sua âncora em meio à tempestade.

Ao recuperar lentamente a sua sanidade, ela percebeu, para seu absoluto horror, que seu corpo ainda sacudia. Ela estava seminua, no estúdio dele, e havia sido conduzida ao orgasmo pela primeira vez, em dois anos, com apenas algumas carícias mais ousadas.

Chocada, Gypsy afastou as mãos de Rico e saiu cambaleante de cima dele. Seu jeans estava aberto, meio caído. Seus seios latejavam, seu corpo doía e Rico continuava lá, num abandono sensual, com a camisa aberta e o cabelo despenteado.

Ela viu sua camiseta no chão e a vestiu apressadamente, sem se importar se estava do avesso ou de trás para frente, nem em colocar o sutiã. Com um grito estrangulado de algo que ela não era nem sequer capaz de articular, saiu correndo do estúdio.

Tudo o que ela ouviu atrás de si foi um risinho intenso e irônico.

Ela correu para o seu quarto, trancou-se no banheiro, ligou a água quente e se enfiou debaixo do chuveiro. Foi só quando se viu sob o forte jato de água, que ela cedeu às lágrimas de humilhação e raiva. Rico havia provado a sua teoria. Ele detinha todo o controle sobre a situação, sobre Lola, e, o pior, sobre ela. Se não conseguia se manter imune a Rico, como poderia proteger a si e a Lola quando ele inevitavelmente perdesse o interesse em ser pai e rejeitasse a ambas?

Depois de se sentir recomposta e ter se trocado, Gypsy prendeu o cabelo, ainda úmido, no alto da cabeça. Respirando profundamente, ela voltou para a sala de estar,

onde, para sua consternação, encontrou Rico olhando pela janela, sem nenhum sinal da Sra. Wakefield, nem de Lola.

Rico se virou para encará-la, com as mãos nos bolsos, e Gypsy maldisse o fato de ele não ter voltado para o trabalho. Absolutamente frio, sem o menor vestígio de que tivesse acabado de fazer amor com ela numa cadeira, em seu estúdio, Rico lhe estendeu um pedaço de papel.

Ela teve que se aproximar para pegá-lo e quase o arrancou de sua mão.

— O que é isto?

— Um comunicado à imprensa.

Gypsy o leu.

Após uma breve interrupção em seu relacionamento Rico Christofides e Gypsy Butler gostariam de anunciar a sua feliz união, juntamente com sua filha, Lola.

Ela ergueu o olhar, trêmula.

— Isto é realmente necessário?

Ele assentiu.

— Totalmente. Eles vão fuçar até descobrir tudo sobre você e Lola. Se lhes dermos isto e uma foto posada, eles nos deixarão em paz...

— Acha que eles não vão nos investigar se lhes dermos isto? — perguntou Gypsy, tentando disfarçar seu medo de que as pessoas descobrissem o seu passado e seu horror e que Rico pudesse usar aquelas informações para se fortalecer ainda mais.

Ele balançou a cabeça.

— Eles continuarão nos perseguindo, mas com bem menos intensidade...

Gypsy lhe devolveu o papel.

— Está bem, então. Vá em frente.

Rico disse suavemente:

— Eu já enviei.

Os olhos de Gypsy se chocaram com os dele.

— Como eu pude esquecer? Você age primeiro, e depois pergunta.

Rico deu de ombros.

— Eu sei o que quero e corro atrás. Meu motorista está lá embaixo — disse ele, olhando para o relógio —, esperando para levá-la ao seu antigo apartamento, para que você pegue o restante de suas coisas. Traga somente o que puder carregar. Eu pedirei à minha assistente que encaixote todo o resto e o despache para a minha casa, em Atenas.

— E quanto ao apartamento?

Os lábios de Rico se curvaram.

— Minha assistente tratará de tudo com o proprietário.

Gypsy conteve o seu protesto, sabendo que ele de nada adiantaria.

— E depois?

— Depois... — disse Rico, aproximando-se de Gypsy, mas ela se afastou incomodada com o frio em sua barriga

— Nós viajaremos para Buenos Aires, para o batizado do meu sobrinho, daqui a alguns dias. Eu vou ser o padrinho. Também terei que tratar de alguns negócios durante a nossa estada.

Intrigada, Gypsy perguntou:

— Você tem um sobrinho?

— Ele é o filho mais novo do meu meio-irmão. Lola tem primos — disse ele, num tom quase acusador. — Beatriz, de 4 anos, e Luis, de 6 meses. Meu irmão Rafael e sua esposa, Isobel, estão ansiosos por conhecer você e Lola.

Era estranho descobrir, de repente, que ele tinha uma família. Lola talvez jamais tivesse sabido disso. Aquilo era algo com que Gypsy sempre havia sonhado: um irmão ou irmã ou até mesmo primos, mas tanto seu pai quanto sua mãe haviam sido filhos únicos, e ela fora a filha única de ambos também.

Um tanto atordoada, Gypsy deixou que Rico a conduzisse até a sala. Ela vestiu o seu casaco e foi até o carro. Permaneceu em silêncio durante todo o trajeto e também enquanto ela arrumava seus poucos pertences. Finalmente, ela olhou ao redor e suspirou. O apartamento lhe pareceu ainda pior depois de ter passado uma semana na cobertura de Rico.

Ela verificou tudo para se assegurar de que havia pegado o que era importante: uma caixa velha cheia de recordações de sua mãe; fotos e cartas que havia encontrado no estúdio de seu pai depois da morte dele. Nada mais lhe interessava.

Gypsy afundou numa cadeira por um instante, sentindo uma emoção brotar dentro de si, inexplicavelmente triste e temerosa por perceber que, apesar de todos os seus esforços, Lola receberia o mesmo tratamento que ela havia recebido do próprio pai.

Ela, porém, tinha de reconhecer que, apesar de ter sido um choque para Rico descobrir a respeito da existência de Lola, ele não a havia rejeitado, nem ignorado, mesmo antes de obter os resultados do teste de DNA.

Gypsy não se parecia com seu pai, e ele também havia insistido em fazer um teste de DNA, depois de ter sido obrigado a acolhê-la, apesar de já saber de sua existência. Ao obter a prova de que ela era realmente sua filha, ele apenas olhou para ela e balançou a cabeça, dizendo:

— Seria mais fácil olhá-la se você se parecesse com os Bastion, mas não há semelhança alguma entre nós. Você é igualzinha à idiota da sua mãe irlandesa, pobre e louca, com esse cabelo de menina maltrapilha...

Gypsy afastou aquela lembrança de sua mente, voltando a focar a atenção no momento presente. Pelo menos Lola se parecia com Rico. Talvez por isso ele tivesse conseguido estabelecer um vínculo com ela mais facilmente.

Com um último olhar à sua volta, ela deixou o apartamento. A perspectiva de encarar Rico e o futuro que ele havia esboçado para ela e Lola, a caminho da cobertura, fez com que as emoções em seu peito parecessem muito mais ambíguas do que ela gostaria de admitir.

No dia seguinte, depois de ter embarcado no luxuoso avião particular de Rico, Gypsy se pôs a pensar novamente naquela manhã. Em meio às preparações frenéticas para a viagem à Argentina, Rico havia se lembrado de lhe pedir que reunisse os documentos necessários para acrescentar o seu nome à certidão de nascimento de Lola e depois lhe dissera, sem maiores cuidados, que os paparazzi estariam lá fora, à espera deles.

— Eles vão querer tirar uma foto do nosso embarque, por isso, eu gostaria muito que você usasse uma das roupas que eu lhe comprei. Também terei vários compromissos sociais em Buenos Aires, sem mencionar o batizado...

Em outras palavras, pensou Gypsy, enquanto fazia as malas, irritada, deixando suas roupas gastas para trás, ela deveria se vestir de acordo com o papel que iria representar dali para diante.

Ela se virou para ele, já dentro do avião, com Lola no colo, quando estavam para decolar, mas ele pareceu absorvido em sua papelada.

Contendo um suspiro, Gypsy olhou pela janela, vendo a Inglaterra ficar para trás.

Algumas horas mais tarde, depois de já ter explorado todo o comprimento e largura do avião e ter sido alimentada e trocada, Lola estava adormecida num dos assentos inclinados, perto de Gypsy, com o cinto de segurança preso firmemente sobre o seu cobertor e o polegar enfiado na boca.

Gypsy ficou olhando alternadamente para Lola e para Rico e corou quando ele a flagrou fazendo-o.

— Está sugerindo que apareçamos em público juntos... Como um... Casal? — dissera ela, sem pensar.

Ele estreitou os olhos.

— Eu redigi uma nota para a imprensa dizendo que estávamos... Juntos, portanto, sim, pretendo fazer pleno uso de sua presença a meu lado. Preciso aparecer acompanhado em público e não tenho mais ninguém para cumprir essa função.

O coração de Gypsy bateu acelerado.

— Aquela ruiva não era adequada para isso?

Rico sorriu, parecendo ano mais jovem e despreocupado... Meu Deus pensou Gypsy, lembrando-se de quando ele havia sorrido para ela daquele jeito, na noite em que tinham se conhecido.

— Você se interessa exageradamente por essa ruiva.

Gypsy resmungou deselegantemente, mas não conseguiu desviar o seu olhar do dele. Será que ele havia dormido com ela?

— Eu não estou nem um pouco interessada nela — mentiu Gypsy, cerrando os punhos. — Só gostaria de saber como espera que eu me apresente a seu lado.

— Como a mãe da minha filha e a mulher que compartilha a minha cama. E se isso lhe serve de algum consolo, eu não dormi com a ruiva naquela noite. Rever você me deixou praticamente impotente.

Gypsy corou e se esforçou por conter a sua reação àquela admissão.

— Eu não vou dormir na mesma cama que você.

Ele deu de ombros e a libertou do seu olhar, voltando a tratar do seu trabalho.

— Nós dois sabemos que se eu comesse a beijá-la agora, poderia levá-la para a cama, nos fundos desta cabine, em questão de minutos, mas em respeito à nossa filha, eu vou abrir mão de provar isso a você.

Gypsy não respondeu, mas não conseguiu deixar de imaginar Rico se aproximando de seu assento, prendendo-a nos braços e se inclinando sobre ela para beijá-la, antes de pegá-la no colo e carregá-la para os fundos do avião... Onde tudo o que ela podia imaginar era um entrelaçamento de membros e uma pele morena em contraste com outra mais clara...

O que havia de errado com ela? Gypsy soltou o seu cinto de segurança e foi até o banheiro. Somente depois de se trancar lá dentro e jogar um pouco de água fria no rosto,

ela conseguiu fazer o seu pulso finalmente retomar um ritmo normal. Olhou para os seus olhos arregalados no espelho. Estava aterrorizada com a perspectiva de dormir com Rico e deixar todas as suas preciosas defesas caírem por terra...

Ela era jovem demais para conseguir lutar contra o controle de seu pai, mas tinha que lutar contra Rico, agora, para preservar a si mesma e a Lola.

Gypsy despertou com um toque suave, abriu os olhos e deu de cara com os grandes olhos acinzentados de Lola fixos nela, ao lado de Rico. Ele estava agachado á seu lado, abraçando-a.

Lola sorriu para ela, deixando entrever seus dentinhos brilhantes.

— Mamãe... Voar!

Gypsy sorriu, tentando esconder sua momentânea desorientação ao perceber que Rico havia tomado conta de Lola e a vira dormir. Gypsy estendeu as mãos para pegar a filha, mas Rico a colocou no colo.

Gypsy notou que ele havia guardado a papelada.

— Nós vamos aterrissar em breve. Afivele o seu cinto.

Rico estava ficando cada vez mais confiante no trato com Lola, sem demonstrar qualquer receio de pegá-la ou brincar com ela. Ele a tinha protegido das câmeras dos paparazzi quando eles deixaram a cobertura, envolvendo-a nos braços. Aquele era decididamente um lado dele que ela não havia esperado.

— Você sempre quis ter filhos? — perguntou Gypsy, num impulso.

Rico olhou rapidamente para ela, com suas mãos enormes em torno de Lola, provocando uma pontada no peito de Gypsy.

— Quero dizer... Você parece muito à vontade com Lola...

Rico sentiu o corpo roliço e firme de sua filha acomodado confiantemente ao seu e teve a certeza de que seria capaz de dar sua vida por ela. Gypsy estava olhando para ele com aqueles seus olhos enormes e o cabelo caído em glorioso abandono sobre os ombros.

Sua pergunta o tinha abalado. Ele jamais desejara ter filhos.

Desde o dia em que havia visto Lola pela primeira vez, porém, ele soubera instintivamente o que fazer. Aquela experiência estava fazendo com que ele sentisse ainda mais a dor pela perda de seu pai e o ódio pelo modo cruel como o seu padrasto o havia tratado. Podia odiar Gypsy por ter lhe negado o direito básico de conhecer sua filha, mas o fato é que não conseguia associar aquele sentimento à mulher que estava sentada diante dele, à mulher que ele tinha observado enquanto dormia, parecendo tão inocente. Tivera que usar de todo o seu autocontrole para não a pegar no colo e carregá-la até o quarto a fim de satisfazer seu desejo. Ele odiava desejá-la tão ardentemente. Queria ser capaz de controlar seu desejo, ser imune aos seus encantos, insensível à sua beleza selvagem.

Rico controlou a sua expressão, temendo que ela pudesse perceber o turbilhão que se agitava dentro dele.

— Se eu quis ou não ter filhos, isso agora não é mais relevante. Eu tenho Lola, e o motivo pelo qual me sinto à vontade com ela é porque ela é minha filha sangue do meu sangue, e eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para protegê-la.

## CAPÍTULO OITO

O fervor das palavras dele ainda ecoava na mente de Gypsy, a caminho da casa do irmão de Rico, pelas alamedas largas de Buenos Aires. Um fio de suor escorreu por entre os seus seios, apesar do ar-condicionado.

Rico a havia prevenido a respeito do calor que ela iria enfrentar, mas até mesmo a sua calça e camisa de linho pareciam inadequadas para aquele clima. Felizmente, havia alguns vestidos de verão e roupas leves entre as novas peças de roupa de Lola, que no momento estava usando um vestido deslumbrante de bolinhas, com sandálias e calcinha combinando.

Sentada numa cadeira de bebês, ela apreciava a vista pela janela com seus grandes olhos, sorrindo de vez em quando para Gypsy, ou apontando e exclamando intermitentemente "carro!" ou "au, au!".

Rico estava na frente, ao lado do motorista, conversando em espanhol.

— Muito bom mi nenita...

Gypsy engoliu em seco e se virou para olhar a paisagem. Ficou imaginando se algum dia Rico também olharia para ela sem aquele ar de censura e ficou desesperada ao perceber o quanto desejava que aquilo acontecesse.

O carro diminuiu a velocidade, e os portões se abriram, revelando um longo caminho que conduzia a um pátio bastante amplo e a uma casa deslumbrante.

Gypsy viu uma bela mulher delgada, de cabelo escuro, nos degraus, segurando um bebê rechonchudo de cabelo igualmente preto, ao lado de um homem alto que se parecia muito com Rico e só podia ser Rafael, seu meio-irmão. Por entre as pernas dele, dançava uma menininha morena, usando um short surrado e uma camiseta, de pés descalços.

Eles saíram do carro. Lola ficou tímida diante de tantos rostos novos e se recostou em Gypsy, enfiando o polegar na boca.

Rico se posicionou á seu lado, pousando uma mão em suas costas, e Gypsy se sentiu levemente consolada. Eles seguiram em frente e qualquer tipo de aflição desapareceu imediatamente diante do enorme sorriso estampado no rosto da esposa de Rafael ao se adiantar para cumprimentá-los, abraçando Gypsy calorosamente, e então Rico.

— É tão bom conhecê-la, Gypsy. E a Lola também. Ela não é uma gracinha?

Gypsy ficou surpresa ao perceber que a fala e a aparência de Isobel eram muito mais de uma inglesa do que de uma argentina.

Os dois irmãos se saudaram calorosamente, porém com certa reserva. As apresentações foram rápidas e caóticas. Beatriz, a filha deles, de 4 anos, era adorável, com seus grandes olhos cor de chocolate, e estava claramente entusiasmada por conhecer a nova prima.

Rico surpreendeu Gypsy ao erguer Beatriz nos braços e fazê-la soltar gritinhos de deleite, antes de dizer:

— Assim que Lola se instalar, você poderá conhecê-la melhor...

— Está bem, tio Rico.



Ao ser, conduzida para dentro, onde uma governanta esperava por eles, Gypsy chegou à conclusão de que Rafael e Isobel eram muito felizes.

Isobel se deteve junto à porta de um quarto, alguns minutos depois.

— Você deve estar esgotada. Sei bem como o vôo da Inglaterra para cá pode ser cansativo. Eu estudei lá, junto à família do meu pai. Mas aqui estou eu, falando sem parar, quando você, certamente, quer se refrescar e descansar um pouco.

Isobel estava embalando o seu bebê e Gypsy teve a sensação de que elas poderiam se tornar boas amigas. Ela nunca havia tido uma amiga próxima antes.

— Para dizer a verdade, foi tudo um pouco apressado... Mas eu estou muito feliz em conhecê-la, e seus filhos são adoráveis.

— Na maior parte do tempo — disse Isobel, com um sorriso —, como você deve saber muito bem.

Gypsy compartilhou um sorriso cúmplice com ela e apreciou o fato de ela não ter lhe feito nenhuma pergunta. Foi então que Rico apareceu e Isobel fez um gesto em direção ao quarto enorme e luxuosamente mobiliado.

— Espero que ele sirva bem a vocês dois e Lola. Eu montei um berço para ela no quarto que serve de vestiário, para que ela ficasse perto de vocês. Também deixei rádios à mão, caso queiram usá-los, à noite. Se precisar de mais alguma coisa, é só gritar. Alguém trará o restante de sua bagagem em breve, mas sugiro que descansem um pouco, enquanto isso. Nós jantaremos aproximadamente às oito horas, depois que as crianças já estiverem na cama.

— Obrigado, Isobel. Nós nos veremos mais tarde.

Ela se afastou com um pequeno aceno enquanto Gypsy e Rico ainda permaneceram junto à porta. Com uma mão em suas costas, ele a conduziu para dentro. Gypsy se agarrou a Lola como a uma tábua de salvação.

— Este quarto deve ser o meu quarto e de Lola. Onde fica o seu?

Rico cruzou os braços.

— Exatamente aqui.

Gypsy recuou e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Nós não vamos dividir a mesma cama. É evidente que Isobel supôs que nós somos um... Um casal. Vou ter que explicar a situação a ela.

Gypsy se adiantou, mas Rico a deteve. Lola, a pequena traidora, se contorceu em seus braços, em direção a Rico, ela teve que entregá-la a ele.

— Você não vai fazer uma coisa dessas. Ela se esmerou muito para montar este quarto para nós e ficaria arrasada se soubesse que você não está feliz com ele. Tudo o que teremos que fazer é compartilhar uma cama king size. Você pode construir uma barreira de travesseiros no centro, se quiser. Ou será que está com medo de não conseguir se conter e arrancar as minhas roupas?

Gypsy cerrou os punhos e sentiu o suor frio escorrer pelas costas.

— Você só está jogando comigo. Não quer realmente que eu acredite que não há mais uma dúzia de quartos, pelo menos, nesta casa, que você possa usar.

— Você pode ir incomodar Isobel com este problema minúsculo, quando ela está cheia de coisas para organizar em função do batizado, ou deixar isso para lá e lidar com a situação como uma adulta.

Mais uma vez, ela teve vontade de bater o pé. Por que aquele homem a fazia agir como uma adolescente?

— Está muito bem. Se for assim que quer, eu não terei problema algum em manter as minhas mãos longe de você. Mas quero que saiba que se você ao menos respirar perto de mim, eu vou gritar como uma louca.

Rico sorriu maliciosa e perigosamente.

— Pode até ser que você grite, mas não para fazer com que eu me afaste.

Gypsy enrubesceu, lembrando de como se entregara a ele na noite em que eles haviam dormido juntos. E do outro dia, no estúdio. Sem qualquer autocontrole.

Mortificada, mas determinada a não deixar que ele o percebesse, ela estendeu as mãos para Lola, que apenas olhou para ela, bastante satisfeita nos braços de Rico.

— Tenho que alimentá-la agora. Ela deve estar com fome.

— Por que não deixa que eu faça isso, enquanto você se refresca e descansa um pouco? Eu a trarei de volta quando ela estiver pronta para dormir. Beatriz deve estar deixando os pais loucos para vê-la outra vez.

E assim, sem mais, nem menos, ele assumiu a responsabilidade pela filha.

Completamente decepcionada e estranhando toda aquela situação, Gypsy não pôde fazer outra coisa senão observar Rico ir embora com Lola nos braços, tagarelando alegremente.

Ainda resmungando sozinha, Gypsy tomou um banho rápido e, ao sair, usando um robe felpudo e sentindo-se gente outra vez, encontrou uma moça sorridente guardando a sua roupa. A sua roupa e a de Rico. Uma estranha dor voltou a se instalar em seu peito e Gypsy gaguejou um agradecimento qualquer quando a moça desapareceu discretamente.

A cama parecia aterrorizante e convidativa ao mesmo tempo. Acreditando que poderia realmente tirar um cochilo de uns dez minutos, Gypsy se deitou.

Ela só acordou bem mais tarde, quando a noite já havia caído lá fora, com o som familiar do choro de Lola. Rico estava no quarto com a filha, evidentemente irritada, em seus braços.

Assim que a viu, Lola começou a chorar ainda mais alto. Pela primeira vez, desde que eles haviam se reencontrado, Rico não parecia tão seguro de si.

Gypsy fechou melhor o seu robe, desejando ter tido tempo de se vestir, e pegou Lola, cujo choro diminuiu quase que imediatamente.

— Não sei o que há de errado com ela. Ela almoçou e brincou com Beatriz, e então, de repente, começou a chorar...

Gypsy sabia que seria muito fácil fazer Rico se sentir mal a respeito daquilo, mas não achou certo fazê-lo. Olhou para ele, tentando não notar o quanto estava deslumbrante sob a luz suave do quarto, na intimidade daquela situação.

— Apresento-lhe a Lola cansada e irritadiça. Ela pode passar da extrema felicidade para o desespero em questão de segundos. Foram muitas novidades para um dia só, nada mais que isso. Ela só precisa se acalmar e ir para a cama... Eu vou preparar uma mamadeira e colocá-la para dormir.

Rico a surpreendeu dizendo que pegaria a mamadeira, enquanto Gypsy lhe dava um banho e a preparava para dormir. Gypsy não pôde deixar de perceber o alívio de Rico ao descobrir que não havia feito nada de errado e que Lola estava bem.

Ao voltar, Rico a encontrou embalando Lola. Gypsy pegou a mamadeira de suas mãos e, depois de testá-la, á deu a Lola, que caiu no sono depois de alguns poucos ávidos goles. Rico permaneceu com o ombro apoiado contra o batente da porta, observando ambas, e Gypsy sentiu um enorme alívio quando pôde escapar do seu intenso escrutínio e colocar Lola no berço.

— Vou tomar um banho e encontrá-la lá embaixo, se preferir. O jantar será servido daqui a pouco — disse Rico.

Gypsy assentiu e, assim que ouviu o som do chuveiro, se apressou em tirar o robe, colocar um vestido preto simples e calçar uma sandália de salto, para então prender o cabelo na nuca, domesticando-o o máximo possível. Escapar antes que Rico saísse do banheiro com apenas uma toalha em torno da cintura pareceu á coisa mais urgente a ser feita naquele momento.

Ela havia levado o rádio consigo. Uma empregada surgiu do nada e lhe mostrou o caminho para a sala de visitas. Gypsy corou até a raiz dos cabelos ao ver Isobel sentada no colo de Rafael, com as cabeças unidas, os braços dele em torno da sua cintura, e os dela em torno do pescoço dele.

Ela deu um salto assim que a viu, com um sorriso travesso estampado no rosto.

— Sinto muito, Gypsy, nós não a vimos chegar. Gostaria de um aperitivo?

Rafael também se levantou e cumprimentou Gypsy com tanta desenvoltura que acabou desfazendo o seu embaraço. Estava explicando a origem do seu nome a Rafael e Isobel quando Rico apareceu, com uma camisa branca como a neve e calça preta.

A governanta anunciou que o jantar seria servido.

Gypsy se recostou na cadeira, depois da sobremesa, tentando ignorar o olhar de Rico, do outro lado da mesa.

— Não tenho palavras para dizer o quanto isso estava delicioso... — disse ela para Isobel, sentada.

— Que bom que somos só nós, aqui, esta noite. Vocês têm sorte por ter outro compromisso amanhã. Assim, poderão evitar a chegada dos outros convidados e a desordem dos preparativos para o batizado.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Gypsy.

— De jeito nenhum. Está tudo sob controle. A sua presença já é o bastante. — Ela lançou um olhar malicioso para Rico. — Ele sempre nos disse que não esperássemos uma família como a nossa da parte dele. O que foi mesmo que você nos disse no dia do nosso casamento quanto a não retribuir o convite tão cedo?

— Já que não me lembro de ter feito nenhum pedido do casamento, creio que minhas palavras ainda continuam valendo...

Gypsy percebeu a respiração profunda de Rafael e a discreta troca de olhares entre ele e Isobel. Ela se sentiu humilhada, principalmente porque sabia que aquela declaração não deveria tê-la incomodado. Antes que ela pudesse fazer algum comentário espirituoso para provar que não estava abalada, porém, a porta se abriu e a babá de Rafael e Isobel entrou.

Ela disse algo a Isobel, que se levantou, pedindo licença.

— É o Luis. Ele não está conseguindo dormir.

Ansiando desesperadamente por escapar da mesa, Gypsy se levantou e disse:

— Acho que vou ver como está Lola.

Para sua consternação, porém, Isobel desencorajou-a.

— Não seja boba. Tome o seu café em paz. Eu darei uma olhada nela por você.

Enjoada, Gypsy se recostou e evitou o olhar de Rico. Felizmente, Rafael decidiu retomar a conversa. Ela se odiou por ter ficado tão magoada com o comentário de Rico. Ele só faltou declarar que não se casaria com Gypsy nem que ela fosse a última mulher sobre a face da Terra, mesmo sendo a mãe de sua filha. E ela nem sequer queria se casar com ele!

Rico que se arranjasse com as louras altas, de famílias ricas que certamente faziam mais o seu tipo, ou com aquela ruiva sufocante com quem ele havia dito que não tinha dormido naquela noite.

Depois do que julgou ser um tempo apropriado, ela se desculpou, dizendo a Rafael:

— Estou sentindo a diferença de fuso horário. Se vocês não se importarem, acho que vou me recolher.

Rezando para que Rico não a seguisse, ela suspirou de alívio quando ouviu Rafael dar sequência à conversa. Subiu a escada correndo e praticamente esbarrou em Isobel, que voltava.

Ela tocou o braço de Gypsy e perguntou suavemente:

— Você está bem? — perguntou ela.

Gypsy assentiu. Estava à beira das lágrimas, mas se conteve.

— Eu não tive a intenção de causar uma tensão entre você e Rico. Eu sinto muito... Vi o jeito como ele estava com você, e supus que...

Ela pareceu tão desolada que Gypsy conteve a sua vontade patética de saber o que Isobel havia querido dizer com "o jeito como ele estava com você" e balançou a cabeça.

— Não tem nada a ver com você, acredite. É que... As coisas entre nós não são exatamente como parecem... Nós não estamos... Juntos.

Isobel gemeu.

— E eu os coloquei no mesmo quarto. Sinto muito. Vou passar Rico para...

— Não! — disse Gypsy energicamente, prevendo a reação dele. — Não quero que você se preocupe com isso.

Isobel pegou o braço de Gypsy e caminhou com ela em direção ao corredor.

— Se isso lhe servir de consolo, acho que sei o que você está passando... — a confidenciou.

Gypsy franziu as sobrancelhas.

— Mas você e Rafael parecem tão...

Isobel sorriu pesarosamente.

— Agora. Mas, pode acreditar, não foi sempre assim. Considerando o passado de ambos, e o dano que o pai deles... Quer dizer, que o pai de Rafael, padrasto de Rico, causou a ambos, é fácil entender de onde vem toda a arrogância deles. Rico sofreu ainda mais porque era filho de outro homem. Rafael não sabe o que aconteceu exatamente entre Rico e seu pai biológico quando ele partiu, aos 16 anos, para encontrá-lo na Grécia.

Mortificada com aquela informação, Gypsy repetiu:

— Rico saiu de casa com apenas 16 anos?

Isobel assentiu.

— Depois de uma surra que quase fez com que ele fosse parar no hospital. Se houver alguma maneira de eu tornar as coisas mais confortáveis para você por aqui, é só me dizer.

Gypsy se forçou a sorrir.

— Eu o farei. E obrigada.

Isobel abraçou Gypsy num impulso, antes de descer.

Gypsy ainda permaneceu apoiada na porta do quarto por um longo tempo, enquanto lágrimas silenciosas deslizavam por suas faces. O afeto que Isobel havia lhe dedicado a fizera perder o controle.

Ela limpou as lágrimas que teimavam em rolar e disse a si mesma, irritada, que não estava chorando pensando num menino orgulhoso de apenas 16 anos sendo surrado a ponto de fugir de casa. Ela já havia começado a suspeitar que Rico fosse uma pessoa bem mais complexa que seu pai. Conhecer aquele intrigante pedacinho da sua infância instigara a sua curiosidade, o que podia ser muito perigoso.

Ele estava fazendo Gypsy pagar pelo que ela havia feito, assim como o seu pai agira com sua mãe, porém não porque ela havia lhe pedido para reconhecer Lola, mas justamente pelo contrário.

Embora as palavras dele, naquela noite, devessem tê-la confortado, garantindo-lhe que ele não tinha intenção de formalizar o seu relacionamento com ela, apenas por causa de sua filha, nem para obter um controle maior sobre elas, não fora esse o efeito que elas haviam surtido.

Percebendo subitamente a aproximação de Rico, Gypsy vestiu rapidamente a camisola e se enfiou na cama. Depois colocou um travesseiro no centro da cama como um aviso para Rico, sabendo, porém, depois do comentário proferido durante o jantar, que ele não tinha a menor intenção de seduzi-la.

Rico entrou no quarto e divisou as formas delgadas dela sob as cobertas. Ele se maldisse ao ver o sinal inconfundível de lágrimas em suas bochechas, sentindo o peito se, apertar.

Droga. Ele havia se arrependido do que dissera assim que as palavras saltaram de sua boca. Quisera voltar atrás assim que vira o rosto de Gypsy empalidecer e seus olhos desaparecerem uma mágoa profunda.

Ele estava desconcertado com sua necessidade de magoá-la. Sentia-se surpreso por ela não o ter esbofeteado no outro dia, depois de ele a ter seduzido em seu estúdio e quase ter explodido como um jovem inexperiente em sua calça. O que havia começado como um exercício de dominação sobre ela acabara se transformando rapidamente em algo completamente fora do seu controle.

Gypsy odiava-o, mas aquilo não lhe proporcionava a mesma satisfação que talvez tivesse lhe dado alguns dias atrás. Estava ficando cada vez mais claro para ele que havia algo por trás da determinação de Gypsy de não entrar em contato com ele quando ficara sabendo de sua gravidez.

Ela continuava fazendo comentários do tipo homens como você, ou eu sei como você age, e aquilo estava começando a irritá-lo. Mesmo assim, ela não havia feito pouco dele com seu embaraço com Lola. Fora generosa e o tranqüilizara, garantindo-lhe que a irritação da filha não era culpa sua.

E ele havia retribuído com aquele comentário infeliz.



Ele estava acostumado com pessoas que procuravam detectar as fraquezas dos outros e explorar isso, e ela não o havia feito. Gypsy não confiava nele, não queria o seu dinheiro e lutava contra a atração que sentia por ele como se sua vida dependesse disso, e Rico queria saber por quê. Naquele exato momento, apesar do desejo mais urgente que já havia sentido por uma mulher em toda a sua vida, Rico sentiu a necessidade de prosseguir com cautela.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas.

Gypsy segurou a xícara com mais força. Estava sozinha com Rico na mesa do café.

Havia ficado desmesurada mente aliviada, pela manhã, ao ver que Rico não se encontrava mais na cama. Ele já tinha descido com Lola para que ela tomasse café com Beatriz, Isobel e Luis, e depois fosse brincar com ela.

— Desculpas? — repetiu ela, desconfiada.

Rico assentiu.

— O que eu fiz ontem foi imperdoavelmente rude. Você é a mãe da minha filha e merece mais respeito.

Se não estivesse sentada, Gypsy teria caído dura. Devia ter sido muito difícil para ele dizer aquelas palavras. Ela podia ser a mãe da sua filha, mas ele ainda a desprezava pelo que havia feito. Seu coração acelerou. Será que ele estava pensando em se casar com ela?

Como se pudesse acompanhar a direção dos seus pensamentos, ele disse zombeteiramente:

— Embora não imagine uma união deste tipo entre nós, eu não tinha o direito de dizê-lo tão diretamente. Eu jamais me casaria com uma mulher que acha que pode manter a sua filha afastada do próprio pai.

Gypsy ergueu o queixo. Então ele não estava pedindo desculpas pelo que havia dito, mas pelo modo como o fizera.

— Eu tive os meus motivos.

Rico se inclinou, com uma expressão subitamente ameaçadora.

— Parece que você está determinada a acreditar no pior a meu respeito. Foi isso o que você fez desde que descobriu quem eu era. Foi por isso que nunca me procurou, não é? Pois saiba que embora ache muito difícil acreditar nisso, eu estou disposto a acreditar que você só dormiu comigo naquela noite porque realmente achava que eu não passava de um anônimo qualquer, e não sabia que eu era um dos homens mais ricos do mundo — disse ele, sem nenhuma arrogância.

Gypsy enrijeceu e confirmou as suas suspeitas.

— Eu não sabia nada a seu respeito até vê-lo no noticiário, naquela manhã...

Ela se sentia perturbada. Rico havia lançado um desafio direto e estava chegando muito perto da verdade. Ele não podia saber a respeito do seu pai, nem do passo dramático que ela tinha dado depois de sua morte. Se compartilhasse da mesma antipatia que seu pai nutria por ele, Rico certamente usaria aquela informação contra ela. Ele tampouco poderia saber da doença de sua mãe, pois se valeria do fato para fazer Gypsy parecer incapaz de exercer as funções de mãe.

Gypsy sabia que aquele medo tinha uma origem visceral e não racional, mas não conseguia controlá-lo. Não podia se imaginar confiando em Rico. Na verdade, ela já não se lembrava da última vez que havia confiado em alguém.



— Como já lhe disse uma vez — a reiterou —, eu não tenho a menor intenção de ser arrastada pelos tribunais, e sua partida, naquela manhã, deixou bem clara a sua total falta de vontade de me rever.

Rico pensou por algum tempo e então disse asperamente:

— E eu já lhe disse que me arrependi do modo como a deixei.

Gypsy engoliu em seco.

— Eu liguei para o hotel... — disse ele. — Provavelmente pouco depois de você ter me visto na TV... Mas você já tinha ido embora.

Gypsy parou de respirar. Tinha uma vaga lembrança de ter ouvido o telefone tocar ao deixar o quarto. Quer dizer, então, que havia sido ele? Para dizer o quê? Que queria vê-la outra vez?

Ela desviou o seu olhar do dele, muito abalada com aquela conversa.

— Isso já não faz diferença agora.

— É verdade — disse Rico, num tom grave, pousando o guardanapo na mesa e se levantando abruptamente. — Tenho que ir ao escritório hoje. O evento desta noite é a rigor. Vamos angariar fundos para uma instituição de caridade da qual sou patrono. Esteja pronta às sete.

Rico deixou o recinto, e a ausência de sua intensa energia fez Gypsy murchar como um balão sem ar. Ela havia comparecido a dezenas de eventos do tipo, já que seu pai fora patrono de muitas instituições de caridade, embora apenas para massagear o próprio ego, aproveitar-se dos benefícios referentes aos impostos e até mesmo meter a mão no dinheiro, de vez em quando.

Ele nunca havia sido pego, mas Gypsy sempre soubera de tudo, embora tivesse muito medo do que poderia lhe acontecer se o denunciasse à polícia.

Naquela noite, Gypsy se sentou ao lado de Rico, na mesa principal, num salão de baile deslumbrante de um dos melhores hotéis de Buenos Aires. Isobel havia se prontificado a ajudá-la a se arrumar e a cuidar de Lola.

Ela havia alisado o cabelo e prendido num coque clássico. Rico, porém, pareceu horrorizado ao entrar no quarto e perguntado o que ela havia feito com o cabelo, fazendo com que Gypsy voltasse a se sentir uma jovem desajeitada e insegura.

— Isobel alisou-o para mim. Fica mais arrumado assim... Achei que era mais adequado para um jantar...

— Vamos embora, senão chegaremos tarde demais — disse ele apenas, bruscamente.

Ela estava fazendo o possível para não olhar para Rico e para ignorar o fato de que sua coxa roçava a dela.

De repente, o apresentador fez um sinal para a multidão e o silêncio caiu sobre o salão. Gypsy ouviu o profundo suspiro de Rico, a seu lado, e olhou furtivamente para ele.

Seu rosto não tinha expressão alguma, mas seu maxilar estava tenso e ela teve certeza de que ele também odiava tudo aquilo. Apesar disso, ela o viu se levantar com uma graça atlética e fluida depois de ser apresentado, e ser conduzido ao palco sob uma salva de palmas.

Rico começou a discursar e Gypsy ficou hipnotizada com suas palavras simples e sua óbvia paixão pela causa da instituição.

Ele sabia muito bem do que estava falando. Não havia levado nada por escrito, mas com sua eloquência conseguiu convencer a multidão a fazer doações.

Assim que conseguiu angariar uma quantia obscena em dinheiro, Rico voltou para a mesa, e para a surpresa de Gypsy agarrou seu braço num gesto decidido e disse sucintamente:

— Já chega, vamos embora daqui.

Gypsy seguiu-o, vendo as pessoas tentarem se aproximar dele, mas recuando, intimidadas com a sua expressão.

— Não quer ficar mais um pouco, conversar com as pessoas?

— Não, a menos que eles queiram pagar pelo meu tempo e doar mais algum dinheiro para a instituição. Você quer ficar?

Gypsy balançou a cabeça.

— Não.

Uma expressão de curiosidade brilhou nos olhos dele por um segundo para logo depois desaparecer, enquanto ele a conduzia até o carro. Rico já estava soltando a sua gravata-borboleta com uma careta e abrindo o botão superior de sua camisa. Gypsy parecia hipnotizada por aquelas mãos, aqueles dedos longos...

De repente, a mão dele se deteve e, tomada de pânico, Gypsy olhou instintivamente para os seus especulativos olhos acinzentados.

— Se continuar olhando para mim deste jeito, eu terei de fazer algo a respeito. Eu estava falando sério quando disse que a queria, Gypsy, e pretendo tê-la, em minha cama, debaixo de mim...

Com o rosto em chamas, Gypsy disse entre dentes:

— Pare com isso agora mesmo.

Ele deu de ombros.

— Vai acontecer, Gypsy, mesmo que nós não confiemos um no outro. Mas eu não vou forçá-la a nada. Você vai acabar admitindo que me queira. Eu estou preparado para esperar... Por enquanto. Mas já a advirto de que não sou um homem muito paciente.

Gypsy tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. Sentiu um calor consumi-la por dentro diante da óbvia intenção dele e estava extremamente suscetível a ele depois de ter testemunhado a sua repugnância a toda aquela cena no baile.

Estava muito confusa, porque aquele homem que ela havia acabado de ver em ação era alguém que ela gostaria muito que gostasse dela. Trêmula, ela murmurou rebeldemente:

— Melhor esperar sentado...

## CAPÍTULO NOVE

Três dias depois, eles estavam no avião de Rico outra vez, a caminho da Grécia. Rico parecia mergulhado em seu trabalho, no fundo do avião, e Lola dormia no colo de Gypsy, esgotada, depois de ter passado vários dias às voltas com seus primos. Ela já estava adorando o chão que Beatriz pisava e cuidando de Luis como se ele fosse seu próprio irmão.

Gypsy havia conhecido a mãe de Rico, uma mulher pequena e morena com os olhos mais tristes que ela já tinha visto. Era evidente que não existia nenhum amor familiar entre os irmãos e ela, apesar dos valorosos esforços de Isobel para incluí-la em tudo. Ela nem sequer parecera surpresa ou feliz ao ser, apresentada à nova neta.

Sem que Gypsy soubesse identificar exatamente por que, sua impressão a respeito de Rico havia mudado consideravelmente nos últimos três dias.

Além da repugnância que tinha demonstrado, em mais de um evento, à elite endinheirada do lugar, Rico a havia deixado desconcertada com sua reação ao ver o seu cabelo alisado outra vez.

— Eu não quero ver o seu cabelo assim outra vez — reclamara ele ao entrar no carro.  
— Deixe-o natural de agora em diante.

Suas palavras tiveram um tremendo impacto sobre ela, depois de anos ouvindo as recriminações de seu pai sobre seus cabelos revoltos. Sentindo-se cada vez mais desconfortável por se agarrar a seus preconceitos contra Rico, Gypsy pedira a Isobel para usar o computador de sua casa e fez o que deveria ter feito assim que descobriu que estava grávida: pesquisou o nome de Rico na internet.

Ela leu o máximo que pôde com um aperto no coração e um frio na barriga. Ao contrário do que seu pai afirmava a respeito dele, Rico Christofides era elogiado por todos como sendo um dos empresários mais honestos do mundo. Era realmente severo e implacável, mas justo.

O nome de seu pai era mencionado em artigos que se referiam a algumas tentativas fracassadas de sua parte de passar a perna em Rico. Não era de admirar que ele o odiasse tanto.

Gypsy descobriu ainda que, enquanto estivera em Londres, Rico havia salvado uma empresa de equipamentos eletrônicos da falência e ajudado a criar novos empregos.

Seu constrangimento foi ainda maior ao se dar conta de que tinham sido essas as negociações às qual Rico havia se referido quando ela zombara dele no dia em que ficara presa na cobertura por causa da presença dos paparazzi.

Ela ouviu um barulho ao seu lado e viu Rico se sentar do outro lado da cabine. Um desejo traiçoeiro correu pelas veias de Gypsy. Ele recostou a cabeça e fechou os olhos.

Gypsy sentiu um aperto no peito ao ver as olheiras de cansaço sob os olhos dele. Ao se lembrar, porém, da delicadeza com que ele havia segurado Luis no dia anterior, durante o batizado, ela sentiu algo ainda mais assustador.

Ele baixou a cabeça, de repente, abriu os olhos e olhou diretamente para ela. Seu rosto ficou em brasa ao se lembrar de quando havia encontrado Rico, naquela manhã, apoiado sobre um dos braços, olhando para ela com uma expressão maliciosa e seu peito amplo e musculoso descoberto.

Arfante, ela o viu jogar longe o travesseiro que ficara no centro da cama.

Repentinamente tomada de emoções nebulosas e profundamente conscientes do quanto o havia julgado mal, ela lhe suplicara com a voz rouca "não, Rico", temendo que ele se desse, conta de toda a sua vulnerabilidade.

Mas ele se aproximara, cruzando a distância que os separava. Sua pele estava quente e sedosa ao prendê-la com seu braço forte.

— Sim, Rico. Minha paciência está chegando ao limite.

Todas as terminações nervosas do corpo de Gypsy entraram em estado de alerta, evidenciando a sua incapacidade de negar o seu desejo. Ele havia baixado a cabeça e colado a boca à dela, calando qualquer outra coisa que ela pretendesse dizer. Depois de uma tentativa inútil de não retribuir ao beijo e à sua proximidade, a boca de Gypsy se entreabriu e Rico a invadiu impiedosamente com sua língua, fazendo todo o corpo de Gypsy se arquear.

Ela enterrara as mãos instintivamente nos braços dele, escavando os seus músculos firmes com os dedos. Antes que ela pudesse dar-se conta de como ele o havia feito, Rico abriu os botões da parte de cima do seu pijama e estava afastando as duas pontas para expor os seus seios. Os mamilos rosados e enrijecidos formigaram quando ele roçou a mão, primeiro sobre um e depois sobre o outro.

A respiração de Gypsy ficou mais rápida e superficial e ela quase saltou da cama quando ele baixou a cabeça para sugar um deles.

Justo na hora em que a mão dele estava deslizando em direção ao cóis da sua calcinha, Lola choramingou no quarto ao lado.

Ambos se detiveram, esperando, mas o som se repetiu ainda mais forte e mais alto.

Lola havia acordado. Num verdadeiro tumulto de emoções e desejos frustrados, Gypsy afastou Rico e se levantou apressadamente, abotoando a parte de cima do pijama outra vez. Relutantemente, ela olhou de novo para a cama e viu Rico deitado com os braços por trás da cabeça e a excitação mal encoberta pelo lençol, com seu peito amplo e imponente à mostra.

Ele lhe sorria maliciosamente e dissera numa fala arrastada:

— Da próxima vez, não haverá interrupções, eu prometo...

Gypsy fugira.

Agora, com os olhos de Rico injetados nos dela, ela se sentia arder por todo o corpo.

— E então, encontrou alguma coisa interessante na internet? — perguntou ele laconicamente.

Todo o calor que havia aquecido há pouco o rosto dela se desfez.

— Do que você está falando?

— Você sabe exatamente do que eu estou falando. Isobel me contou que você havia usado a internet, e eu pesquisei o histórico. Agora você já sabe tudo a meu respeito, com exceção do número que eu calço.

Ela não havia descoberto nada a respeito de sua vida pessoal, ou de seu pai, na Grécia, nem do que tinha acontecido a ele entre os 16 e os 20 anos, quando ele se tornou um milionário do dia para a noite.

Gypsy abraçou Lola com mais força.

— Achei que deveria lhe dar o benefício da dúvida. Compreendi que não havia realmente fundamento para o meu...

Ela hesitou.

— Acho que a palavra que você está procurando é preconceito. Talvez nós dois sejamos culpados do mesmo crime. Afinal... Você não me contou muito a seu respeito...

Gypsy estremeceu.

— Não há muito que contar.

— Pois eu acho que isso não é verdade. Você é um verdadeiro enigma. Pode não ter vindo atrás de mim para arrancar o meu dinheiro, mas a facilidade com que se portou num evento de caridade de alto nível revela que conhece muito bem esse mundo, embora estivesse morando naquela pocilga quando eu a encontrei.

Pela primeira vez, Gypsy teve a impressão de que poderia lhe contar algo a respeito de sua vida, mas o medo se apoderou dela logo em seguida. Apesar do que sabia agora a respeito de Rico, ela ainda não conseguia confiar nele. Havia muita coisa em jogo. Ele podia ser justo nos negócios, mas talvez não o fosse quando se tratasse de questões pessoais, especialmente àquelas relativas à própria filha, e ele lhe dissera que jamais a perdoaria pelo que ela fizera.

— Não há realmente nada para contar — reiterou-a.

Depois de manter os seus olhos injetados nos dela por um bom tempo, até ela ficar ofegante, Rico disse:

— Por que não vai dormir um pouco com Lola, no quarto? Eu ainda tenho muito trabalho a fazer.

Mais para escapar dele do que qualquer outra coisa, Gypsy aceitou a sua sugestão e saiu.

Depois de algumas horas de trabalho que mais lhe serviram para tentar afastar as lembranças eróticas do beijo que ele havia trocado com Gypsy pela manhã e de como fora difícil deixá-la se afastar, Rico se espreguiçou e levantou.

Ele seguiu silenciosamente até o quarto para ver como estavam Gypsy e Lola, e se deteve na porta, sentindo um aperto no peito. Gypsy estava deitada de lado, com seus cachos soltos, o joelho erguido e a mão protetoramente pousada sobre o peito de Lola, que dormia em completo abandono.

Rico foi tomado por uma intensa sensação de possessividade, não apenas em relação a uma, mas às duas pessoas que estavam na cama. Ele entrou no quarto e cobriu primeiro Gypsy e depois Lola. Nenhuma das duas se mexeu enquanto ele permaneceu ali, observando Gypsy e tentando lutar contra o turbilhão de emoções que ela sempre provocava dentro dele.

Havia acabado de lhe dar uma chance para que ela lhe contasse a verdade a seu respeito por conta própria, mas ela não o fizera, e Rico queria saber por que ela relutava tanto em lhe contar sobre o seu passado.

Estava ficando cada vez mais difícil se ater à idéia de que ela havia sido injusta por ter mantido segredo a respeito da existência de Lola, assim como se lembrar do motivo pelo qual ele se recusava a casar com ela. Aquela perspectiva, que na hora fora tão repugnante, parecia agora ter um novo apelo. Ele não podia fingir que não sentia um pouco de inveja da relação que Rafael tinha com Isobel, e, embora não acreditasse que pudesse viver algo semelhante, ele certamente não era mais avesso à idéia de tentar formar uma família com ela... Baseado no desejo mútuo.

A presença de Gypsy á seu lado nos eventos sociais fora uma revelação. Ele sempre havia tido que lidar com o mau humor de suas namoradas ou acompanhantes quando queria fazer a sua parte e então ir embora o quanto antes. Havia tido uma exata impressão, porém, de que Gypsy gostava tão pouco daqueles eventos quanto ele.

O que era mais desconcertante era a facilidade com que ele havia se acostumado à vida doméstica. Reencontrar Lola todas as noites, ver como ela estava ouvir Gypsy levantar para acalmá-la quando ela despertava no meio da noite, sentir a cama ceder quando ela voltava e ansiar por puxá-la para junto de si e fazer amor com ela até convencer a si mesmo de que o que acontecera entre eles tinha sido apenas fruto de sua imaginação.

Rico sentiu um aperto no coração ao olhar para ela e ser tomado por aquele já conhecido latejar de desejo. Arrogantemente, ele havia dito a Gypsy que esperaria que ela o procurasse certo de que estava louca por ele, mas fora ele quem perdera o controle naquela manhã. A vulnerabilidade voltou a mostrar as suas garras. Ele controlaria aquele desejo, esperaria até que soubesse mais a respeito da mãe de sua filha. Faria com que ela o desejasse tanto quanto ele a ela. Espaço. Era isso o que ele teria que impor entre ambos, ainda que a simples idéia disso o mortificasse.

Lola soltava gritinhos alegres enquanto Rico a lançava para o alto, outra vez, agarrando-a em suas mãos firmes, pouco antes de ela tocar a água azul-celeste da piscina, que era em parte interna, em parte ao ar livre. Rico havia lhe explicado que aquela era a piscina aquecida, para o inverno. Gypsy vira outra piscina idílica ao ar livre, do terraço onde eles tinham tomado o café naquela manhã.

— De novo! — gritou Lola em êxtase.

Gypsy conteve um sorriso ao ver Rico ter que lidar com os perigos de uma criança incansável que estava aos poucos descobrindo uma brincadeira emocionante e o poder da linguagem.

Sentiu uma pontada de culpa ao ver Lola tão feliz naquele ambiente e pensar na casa insalubre em que morara com ela antes.

Eles tinham aterrissado em Atenas tarde da noite e tomado um avião menor que os levara até a ilha de Zakynthos. Em meio à noite surpreendentemente fria, Rico as havia conduzido num jipe até a mansão, que ficava perto da sua pista de pouso particular.

Gypsy estava muito cansada para examinar os arredores e mal se dera conta da simpática governanta a quem fora então apresentada — Agneta. Percebera, no entanto, uma perturbadora distância da parte de Rico. Ele não lhe lançava mais aqueles olhares quentes e determinados, mas ela decidiu não se deixar perturbar com o fato. Rico certamente estava tentando desestabilizá-la outra vez.

Agneta havia saudado a ela e a Lola com um amplo sorriso e as conduzira até onde Rico estava lendo seu jornal e tomando o café da manhã, num terraço coberto. Gypsy ficara surpresa por ele ainda não ter ido trabalhar. Também havia notado o cadeirão à espera de Lola e todas as adaptações que tinham sido feitas na casa para garantir a sua segurança.

— Vocês dormiram bem? — perguntou Rico.

Gypsy assentiu.

— Sim, obrigada. Nossos quartos são muito confortáveis.



Ela não quis admitir que houvesse sentido a falta dele em sua cama, apesar de continuar dizendo a si mesma que havia ficado aliviada ao perceber que teria seus próprios aposentos.

Havia um vestiário, um banheiro e uma sala de estar, além do quarto enorme, com uma cama de quatro colunas e cortinas transparentes de musselina. Agneta também tinha lhe mostrado uma espaçosa ante-sala onde havia sido montado o quarto para Lola. Gypsy sentira um nó na garganta, que atribuíra ao cansaço da viagem.

O mesmo nó, porém, ameaçava reaparecer agora, ao ver Rico e Lola brincarem na água. A cada dia que passava, Lola ficava cada vez mais ligada a Rico. Ia para os seus braços sem a menor hesitação e já o estava usando como uma saída quando não queria fazer algo que Gypsy lhe ordenava.

Sentindo-se muito vulnerável diante daquela constatação, sem falar na visão por demais provocante de Rico seminu, ela se aproximou da piscina com uma toalha, indicando que já estava na hora de Lola sair.

— Vai ser impossível colocá-la para dormir depois do almoço se ela ficar excitada demais agora.

Os dois pares de olhos se voltaram na direção dela e Gypsy se sentiu uma estragaprazeres. Apesar de aborrecido, Rico foi até a borda da piscina e entregou Lola a ela. Como já era de se esperar, Lola não gostou nada da interrupção.

Ele saiu da piscina num movimento fluido que deixou Gypsy sem fôlego. Só podia agradecer aos céus por ele estar usando uma bermuda, e não um calção mais revelador.

— Preciso tratar de alguns negócios em Atenas. Não me esperem para jantar. Devo chegar muito tarde.

Gypsy mal olhou para cima, temerosa do que poderia ver. Estava com uma terrível sensação de que o havia magoado.

Rico teve vontade de arrancar a gravata e abrir a camisa a se ver no trânsito infernal do centro de Atenas. Ele sempre adorara voltar para lá, mal podendo esperar para retomar seu trabalho, rever suas antigas amantes ou arranjar uma nova. Nada daquilo, porém, lhe parecia atraente no momento. Tudo no que ele conseguia pensar era na expressão de reprovação contida nos olhos de Gypsy ao tirar Lola da piscina, na sua sensação de que havia feito algo de errado e no quanto preferia estar lá, com elas.

Ele se maldisse por sua fraqueza. Maldisse sua decisão de se manter distante de Gypsy e foi tomado por uma onda de ansiedade ao pensar no que seus funcionários poderiam ter descoberto a respeito dela.

Ao fim da primeira semana passada na mansão, Gypsy soube que seus nervos permaneceriam constantemente à flor da pele. Rico se encontrava com elas todas as manhãs, para tomar o café e brincar um pouco com Lola. Logo em seguida, desaparecia num helicóptero, rumo a Atenas, para trabalhar. Voltava na maioria das noites a tempo para o jantar, ocasião em que eles conversavam muito afetadamente, já que toda vez que Rico tentava propor algum assunto mais pessoal, Gypsy recuava.

Ela já ouvira o som do helicóptero havia algum tempo e estava esperando, ansiosa, pela chegada dele para o jantar.

Ao vê-lo entrar na sala, tão silencioso e ágil quanto uma pantera, ela perdeu o fôlego, como sempre acontecia. Era evidente que ele havia acabado de tomar banho e trocar de

roupa. Seu cabelo ainda estava úmido, todo penteado para trás. A camiseta escura e o jeans desbotado fizeram com que ela se lembrasse da noite em que o havia conhecido.

Gypsy engoliu em seco e desviou o olhar, grata pela chegada de Agneta com o primeiro prato. Rico perguntou por Lola e Gypsy lhe contou que elas haviam feito um piquenique numa praia próxima. Rico lhe dera as chaves do jipe em seu primeiro dia na ilha.

Ele terminou a sua entrada e se recostou na cadeira, apreciando-a com aqueles indecifráveis olhos prateados.

Gypsy estava sentindo cada vez mais calor, desejando ter vestido algo mais leve que o suéter de algodão e a calça jeans.

— O que foi? — perguntou ela, finalmente. — Tem alguma coisa no meu rosto?

Rico balançou a cabeça, e então sorriu, deixando Gypsy momentaneamente sem fôlego. Ele estendeu um braço e enroscou os dedos numa mecha do seu cabelo. Seus olhos se encontraram com os dela.

— Quem fez você acreditar que deveria alisar seu cabelo?

O toque dele estava mexendo demais com ela. Gypsy afastou a cabeça e empurrou o seu prato. Tinha perdido o apetite.

Rico inclinou-se na sua direção.

— Gypsy, ou você me conta algo a seu respeito, ou esses 15 meses se tornarão um verdadeiro inferno. Se for este o seu plano, é melhor desistir, porque eu não vou abrir mão do que você me deve.

Ela mordeu o lábio inferior e ficou remexendo no guardanapo, sentindo-se prestes a saltar num abismo.

— Foi o meu pai. Ele não gostava dos meus cachos.

Ela estava; tremendo. Jamais havia falado a respeito de seu pai a quem quer que fosse.

— Ele era um idiota — disse Rico suavemente.

Gypsy lançou-lhe um olhar furtivo e depois o desviou outra vez. Sua expressão a fez lembrar o modo como ele, por vezes, olhava para Lola.

— Ele me dizia que eu parecia com as ciganas que moravam na rua... Exigia que eu os alisasse toda vez que saíamos juntos.

— Mesmo quando criança?

Gypsy assentiu.

— E quanto à sua mãe? O que ela achava disso?

Gypsy enrijeceu perceptivelmente, mas nem mesmo a entrada de Agneta para tirar a louça e trazer o prato principal desviou a atenção de Rico. Ele apenas repetiu a pergunta quando eles voltaram a ficar a sós.

Gypsy olhou para ele.

— Minha mãe adoeceu quando eu tinha 6 anos, e eu fui morar com o meu pai.

Ela achou melhor não mencionar que a menor das preocupações de sua mãe, na época, era o seu cabelo.

Rico pousou o seu garfo.

— Eles não eram casados?

Gypsy balançou a cabeça.

— Conte-me a respeito dela.

Gypsy deixou um leve sorriso alcançar seus lábios, sem se dar conta de que o olhar de Rico havia acompanhado o seu movimento.

— Ela era irlandesa... E pobre. Muito ingênua. Meu pai era o seu chefe. Ele a seduziu, prometendo mundos e fundos, mas não assumiu a responsabilidade quando ela engravidou.

— E como você sabe disso?

Gypsy olhou para ele sem compreender o motivo da veemência por trás da sua pergunta, mas suspeitou que houvesse algo de sua história pessoal que se assemelhava à experiência de Rico.

— Minha mãe sempre o manteve informado a respeito do nosso paradeiro, mas ele nunca nos procurou nem ajudou financeiramente. A coisa toda ficou ainda mais evidente quando ela adoeceu e quis que ele me acolhesse. Ele se recusou, no início — disse Gypsy, sem conseguir esconder a sua mágoa. — Só me aceitou depois de ter feito um teste de DNA. — Ela voltou a olhar para Rico e perguntou: — Você passou por algo semelhante?

Rico balançava o cálice de vinho na mão. Sua tensão era visível.

— Mais ou menos — disse ele, sem olhar para ela. — Minha mãe teve um caso com um magnata grego, mas ele fugiu quando ela engravidou. Ela foi obrigada a se casar com outro homem, a fim de poupar a reputação de sua família. — Ele olhou para Gypsy. — Só que a história não foi bem assim. Eu saí de casa aos 16 anos, determinado a descobrir por que meu pai havia nos deixado. Quando finalmente o encontrei, aqui em Zakynthos, ele já havia perdido quase tudo e tinha apenas um ano mais de vida pela frente. Sempre acreditara que minha mãe havia feito um aborto. Disse-me que implorara para que ela se casasse com ele, mas ela lhe falou do suposto aborto e lhe disse que fosse embora e nunca mais voltasse. — Rico comprimiu os lábios. — Tantos anos desperdiçados; ele achando que eu nunca havia nascido e eu acreditando que ele não havia querido saber de mim. Meu padrasto transformou a minha vida num verdadeiro inferno porque eu o fazia lembrar, diariamente, o outro homem que havia compartilhado a cama de minha mãe.

— Eu sinto muito, Rico — disse Gypsy emocionada. — Não posso imaginar como deve ter sido doce e ao mesmo tempo doloroso reencontrar seu pai depois de tanto tempo e perdê-lo outra vez.

Rico riu gravemente.

— Não se deixe levar pelo excesso de romantismo. Ele já era um velho muito amargo quando eu o conheci. A melhor coisa que fez por mim foi me deixar a sua taverna. Eu fiz algumas melhorias nela e a vendi com grande lucro, alguns anos depois. — Ele inclinou a cabeça. — Também mudei o meu nome para ao menos poder dar isso a ele no momento de sua morte.

Gypsy não conseguia olhar para ele. Sentiu um enorme nó na garganta, mas disse mesmo assim:

— Compreendo agora porque você ficou tão zangado ao saber da existência de Lola... Eu não teria feito o que fiz se soubesse que podia confiar em você.

— E por que achava que não podia confiar em mim, Gypsy?

— Ainda não sei se posso. Desde que voltou a fazer parte da minha vida... De nossas vidas, você domina e controla tudo. Eu cresci com alguém que fazia o mesmo e sei das

mágoas que isso me causou. Não quero correr o risco de fazer Lola passar pela mesma situação.

Os olhos dele brilharam em meio à crescente escuridão da noite.

— Parece que estamos num impasse. Você admite que não possa confiar em mim, e eu não sei se sou capaz de perdoá-la.

Gypsy tentou sorrir.

— Nós só precisamos suportar isso por 15 meses. Depois você estará livre para encontrar alguém à altura de seus exigentes padrões morais.

Rico reagiu de maneira visceral àquela provocação, depois de ter acabado de lhe revelar tanto a respeito do seu passado. Ele tomou o queixo dela em sua mão e puxou-lhe o rosto em direção ao dele. Sentiu que ela havia tensionado o maxilar e até mesmo aquilo provocou uma espiral de desejo dentro dele.

— Você não vai a lugar nenhum até que tenhamos saciado este desejo que há entre nós, Gypsy.

Ela tentou se libertar, mas não foi capaz de fazê-lo.

— Vamos para a cama, então, resolver isso agora mesmo.

Gypsy viu algo arder nas profundezas dos olhos dele e se arrependeu imediatamente do que havia dito. Ele finalmente a soltou e se recostou na cadeira, terminando o seu vinho, antes de dizer casualmente:

— As coisas vão acontecer do jeito que eu quiser Gypsy, e não para provar alguma coisa a alguém. Pode me provocar o quanto quiser, mas é melhor estar preparada para o grande final.

Gypsy jogou o guardanapo na mesa e deixou a sala.

Rico conteve o impulso de puxá-la de volta e beijar sua boca. Sentia muito desejo por ela, mas havia uma série de emoções ambíguas povoando o seu peito. Ele já sabia muito bem que a perdoara, sem mesmo ter se dado conta disso.

Gypsy teve um sono agitado naquela noite. Tinha ido ver Lola depois do jantar, mas estava inquieta demais para dormir logo em seguida. Pareceu-lhe loucura ficar confinada em seu quarto só para não cruzar com Rico. Ela se lembrou da piscina aquecida e chegou à conclusão de que um pouco de exercício a ajudaria a se cansar.

Foi só quando estava prestes a chegar à piscina que ela ouviu o som de braçadas poderosas. Hipnotizada, e meio escondida por trás de uma planta enorme, Gypsy observou com a respiração suspensa enquanto Rico boiava languidamente.

Ele estava completamente nu, seu corpo longo e macio iluminado apenas pela luz do luar e alguns poucos holofotes. Quase tropeçando em meio à pressa de fugir dali antes que ele a visse, Gypsy saiu correndo para o quarto, sabendo que nada mais conseguiria arrancar aquela imagem de sua mente.

Agora, lá estava ela, mais uma vez acordada, revirando-se na cama e suspirando profundamente. Pensou ter ouvido um choramigo de Lola, mas não teve certeza se era sonho ou não. Na dúvida, achou melhor checar.

Gypsy perdeu o fôlego ao chegar à porta, diante da visão à sua frente. Rico estava adormecido numa cadeira com suas longas pernas estendidas envoltas numa calça jeans e uma camiseta velha que ele devia ter colocado depois de nadar. Seus braços fortes seguravam Lola, adormecida, junto ao peito.

Ela estava com um polegar na boca e a outra mão pousada confiantemente no peito de Rico. Gypsy chegou a ter medo de começar a chorar, tamanha a emoção que se abateu sobre ela.

Depois de se controlar a muito custo, ela percebeu que, embora tivesse adormecido Rico devia estar muito desconfortável naquela posição. Foi até ele, então, pé ante, pé e quase sem respirar se abaixou cuidadosamente para tirar Lola de seus braços.

As mãos de Rico enrijeceram imediatamente num gesto protetor e seus olhos se abriram abruptamente. Sem dizer uma palavra, Gypsy entrou em contato com ele e conteve a reação de seu corpo à proximidade dele, sentindo-se repentinamente muito consciente da sua curta camisola.

Rico relaxou e deixou que Gypsy pegasse Lola. As pernas dela bambearam ao sentir o contorno firme do seu peito. Ela colocou a filha no berço e a cobriu, torcendo para que Rico já tivesse ido embora quando ela se virasse.

Ele, porém, estava sentado com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, olhando languidamente para ela. Uma mecha de cabelo havia caído sobre a sua testa. Ardendo de desejo, Gypsy voltou para o seu quarto e ela arregalou os olhos ao ver Rico se levantar e segui-la.

Tomando-a pela mão, ele levou um dedo à boca antes que ela pudesse dizer alguma coisa e olhou para Lola. Gypsy assentiu e deixou que ele a conduzisse.

Assim que eles saíram, ela tentou puxar a mão, mas Rico não a soltou. Ela olhou para ele e tudo o que viu foram seus olhos ardentes e tempestuosos.

Ela conhecia aquele olhar. Ansiava por ele. Havia visto aquele olhar por dois anos em seus sonhos, mas mesmo assim balançou a cabeça. Ela abriu a boca para protestar, mas Rico tocou-a com o dedo outra vez e a pressionou contra a parede, ficando tão perto dela que Gypsy não conseguiu mais pensar. Um calor explodiu em seu baixo-ventre ao se lembrar dele nu, na piscina.

— É inevitável — disse ele com uma voz grave e rouca. — Tão inevitável quanto a dois anos. Nós dois estamos esperando por isso... Desejando isso...

Gypsy balançou a cabeça outra vez, inutilmente. Rico enterrou as mãos no cabelo dela e afagou o seu maxilar com as pontas de seus polegares.

— Você é minha, Gypsy, e eu não vou mais esperar para tomá-la para mim. O seu corpo revela o que você se recusa a dizer.

Ele baixou a cabeça e a beijou apaixonadamente, inclinando a cabeça dela para trás a fim de poder mergulhar a língua fundo em sua boca. O desejo foi instantâneo e esmagador. Gypsy não tinha mais como se defender dele.

Sentindo-se impotente, e irritada com sua fraqueza, Gypsy respondeu na mesma moeda, acariciando a língua de Rico com a sua e exultando ao ouvi-lo arfar diante de sua capitulação.

As mãos de Gypsy deslizaram sob a camiseta dele. Ela precisava sentir o seu peito.

Notou que os músculos da barriga dele se contraíam á medida que ela arranhava levemente a pele lisa dele com suas unhas, subindo cada vez mais, até alcançar os mamilos.



Impaciente por vê-lo, ela lhe puxou a camiseta. Rico a arrancou e se abaixou para tomá-la nos braços e carregá-la até a cama. Ele a fez deslizar pelo seu corpo antes de pousá-la sobre o colchão, fazendo com que a camisola lhe subisse pelas coxas.

Gypsy tentou se desvencilhar, mas com as mãos firmes em sua cintura, ele não deixou que ela se mexesse. Seus olhos ardiam de desejo, incendiando os dela. Ela não conseguiu desviar o olhar e sentiu um calor subir pelo seu rosto quando ele roçou os quadris contra o corpo dela, pressionando toda a extensão de sua excitação contra a sua barriga.

Um calor líquido inundou o seu baixo-ventre e Gypsy se contorceu. Arfante, ela enroscou os braços em torno do pescoço dele, procurando a sua boca e saboreando a plenitude e a firmeza do seu lábio inferior. As mãos grandes dele deslizaram até suas nádegas, por dentro da calcinha, que ele puxou enquanto a acariciava, retornando em seguida para a base de sua camisola, a fim de puxá-la para cima.

Gypsy hesitou por um momento, com a calcinha presa em suas coxas e a camisola amontoada pouco abaixo dos seios. Então, com um suspiro profundo e trêmulo, ela ergueu os braços e deixou que Rico a tirasse completamente. Sabia que ele não recuaria e estava tão ávida por aquilo quanto ele.

Ela sentiu o cabelo cair sobre os seus ombros e viu Rico estender a mão para enroscar os dedos em seus cachos. Ela cobriu os seios e ele sorriu, com um olhar malicioso.

— Um pouco tarde para tanto pudor, não acha?

Gypsy mordeu o lábio inferior. Rico se inclinou e beijou o seu ombro. Tremendo, ela deixou a cabeça pender para trás e sentiu as mãos dele puxarem a calcinha dela pelas pernas.

Percebeu vagamente que ele havia tirado algo do bolso antes de tirar a calça e ficar gloriosamente nu diante dela.

Incapaz de se conter, ela baixou o olhar. Parte dela se assustou com o tamanho da sua virilidade, apesar de já ter estado com ele antes, mas a outra parte se excitou intensamente.

— Toque-me, Gypsy... Por favor... — disse ele com a voz rouca.

Ela fechou uma mão em torno dele, sentindo-o estremecer. Ela o havia tocado daquela mesma maneira em sua primeira noite juntos. Rico se aproximou ainda mais dela e levou a mão até sua nuca, enquanto Gypsy mantinha a dela em torno de Rico, movendo-a para cima e para baixo. Rico puxou o rosto dela na direção do seu e a beijou.

Ele arrastou a outra mão pelo seu corpo, acariciando a lateral de um dos seios, e depois todo o seu contorno, fazendo com que ela se detivesse por um momento. Depois prosseguiu, descendo pela sua cintura e barriga.

Com a boca ainda fundida à dele, Gypsy gemeu profundamente ao sentir a mão dele entre suas pernas, afastando-as e afagando os seus pelos, onde ela ardia por ele. A mão dela parou de se mover novamente ao sentir os dedos longos de Rico mergulhar em sua umidade.

O corpo dela se contraiu numa reação automática.

Ele afastou a boca da dela e disse com a voz rouca:

— Dio. Como eu pude me esquecer de como você reagia às minhas carícias...

Gypsy gemeu. Seus mamilos latejavam tão enrijecidos que quase doíam.



Como se percebesse a sua crescente agitação, Rico afastou a mão dele e a ajeitou na cama.

— Gypsy, eu acho que não vou conseguir ir devagar...

Ela ergueu a cabeça, letárgica e desperta ao mesmo tempo.

— Eu não quero que você vá devagar — disse ela, louca de desejo.

Ela o ouviu rasgar um pacote, antes de se infiltrar entre as suas pernas e roçar o peito contra os seus seios. Depois cruzou as pernas na altura das nádegas dele e agarrou os seus quadris.

Rico colocou um braço sob as costas dela, puxando-a para junto de si e sugou o seu seio com força enquanto a penetrava. Gypsy teve que morder a mão para não gritar alto.

Passado e presente se mesclaram na mente dela, mas o que estava acontecendo naquele momento era ainda mais forte que qualquer coisa que ela pudesse lembrar ter vivido com ele. Sua pele ardia, recoberta de suor. Ela mal podia esperar para atingir o clímax. Seus quadris se moviam ritmadamente com os de Rico. Ele era um mestre da tortura, retrocedendo a cada vez que eles quase alcançavam o ápice, para deixá-los mais tempo à beira do prazer maior.

Já quase deixando as lágrimas que ela não tinha mais força para esconder rolares por sua face, ela implorou com a voz rouca:

— Rico, por favor...

Finalmente, Rico cedeu ao demônio que havia dentro dele e conduziu Gypsy a um orgasmo avassalador, antes de segui-la, ele próprio.

Depois de uma breve pausa, foi Gypsy quem se voltou para Rico e começou a beijar levemente o seu peito e barriga. Ele enrijeceu quando ela encontrou aquela parte de seu corpo rapidamente recuperável e a tomou em sua boca.

Respirando fundo de pura excitação e lutando para manter o controle, ele a afastou antes que ela o fizesse atingir o clímax. Puxando-a para cima, a fim de que ela montasse nele Rico agarrou-a pelos quadris e a ajeitou sobre o seu corpo de modo que o seu centro molhado e quente deslizasse pela sua virilidade, envolvendo-o por inteiro em seu calor apertado.

Com as pernas dobradas, Rico tencionou o maxilar para não explodir, só de ver Gypsy buscar o seu ritmo e deslizar por ela, cada vez mais inchado e duro do que ele era capaz de se lembrar. Ele cobriu os seios dela com as mãos, acariciando os seus mamilos com os polegares, antes de se erguer para tomar um deles na boca.

Quando os movimentos de Gypsy se tornaram mais frenéticos e ela se abaixou para beijar sua boca com ardor e roçar seus mamilos enrijecidos contra o peito dele, Rico teve certeza de que a noite que eles haviam passado juntos, dois anos atrás, fora realmente tão estupenda quanto ele havia guardado em sua memória.

## CAPÍTULO DEZ

— Eu sei quando você está acordada, Gypsy. Você fica muito quieta e sua respiração muda. Sempre soube quando você estava fingindo dormir, em Buenos Aires.

Gypsy abriu os olhos e encontrou os de Rico. Seu coração bateu com força dentro do peito e suas bochechas coraram intensamente. Ela não suportava se lembrar do abandono com que havia se entregado a ele na noite anterior.

Rico estava apoiado sobre um cotovelo. As cortinas se encontravam abertas e ela viu que ele havia se barbeado e estava usava uma camiseta branca e uma calça jeans. Tomada de pânico, ela pensou em afastar as cobertas e sair correndo, mas lembrou que estava nua.

— Que horas são? Onde está Lola?

— Ela já está vestida e brincando com Agneta e o neto dela. Eles têm a mesma idade.

Gypsy olhou-o desconfiada.

— Você trocou a fralda dela?

Rico fez uma careta.

— Sim, depois de algumas tentativas.

Algo no fundo do coração de Gypsy se derreteu, mas ela tentou não ceder àquela sensação.

— Eu preciso me levantar.

Rico se recostou com as mãos por trás da cabeça.

— Fique à vontade. Eu não vou detê-la.

— Eu estou nua — esbravejou ela.

— Eu sei — respondeu ele, maliciosamente.

Gypsy quase gemeu e ficou ainda mais vermelha. Ela agarrou as cobertas e olhou desesperadamente ao redor, à procura de algo para se cobrir. Compadecido, Rico se levantou da cama, foi até o banheiro e voltou com um robe. Ele, porém, não se virou e ficou observando zombeteiramente enquanto Gypsy se contorcia para vesti-lo sem revelar sua nudez.

A nudez do corpo sobre o qual ela já podia ver as marcas deixadas pela noite de amor que passara com ele. Gypsy acabou por se levantar, mas ofegou quando Rico a agarrou pelas lapelas e a puxou para junto de si.

Gypsy olhou para ele, sentindo um frio traiçoeiro na barriga.

— Rico, nós não podemos... Não aqui, não agora...

— Por mais que deseje fazer amor com você outra vez, eu não o farei agora. Só não quero ouvir uma única palavra de arrependimento, nem de recriminação. Você vai se mudar para os meus aposentos hoje, e Lola vai ser acomodada num quarto contíguo ao meu.

Gypsy quis dizer algo, mas Rico a impediu, colando a sua boca à dela. Em questão de segundos, as chamas da paixão voltaram a arder, e antes que Gypsy se desse, conta Rico havia parado de beijá-la e ela estava agarrada à sua camiseta. Ela viu a intenção ardente nos olhos dele e estremeceu. Como poderia negar que também desejava aquilo, depois da noite anterior?

A idéia, porém, de que Rico só estava querendo controlá-la invadiu a sua mente e a fez recuar.

— Eu não vou me arrepender, nem recriminá-lo, mas quero continuar no meu próprio quarto. Nós temos um rádio. Se eu for até você, poderemos ouvir caso Lola acorde.

Rico acariciou o rosto dela com um dedo.

— Ainda tem tanta certeza assim de que há algo a temer?

Gypsy conteve as palavras que estavam na ponta de sua língua. Tinha efetivamente muito pelo que temer.

— Faça como achar melhor. Contanto que você esteja em minha cama; todas as noites... Ou eu na sua... A questão geográfica não importa.

Nas duas semanas que se seguiram, Rico provou que as reivindicações de Gypsy não tinham qualquer fundamento. Quando era ele quem ia até sua cama, jamais a deixava antes da manhã, quando então seguia nu até seu quarto, só para provocá-la. Quando era ela quem despertava na cama dele, ele não permitia que ela fosse embora tão facilmente.

Tudo o que eles faziam em seus próprios quartos, portanto, era trocar de roupa e tomar banho.

Toda vez que via Rico voltar do trabalho, à noite, Gypsy sentia um calor que não conseguia deter, por mais que tentasse.

Ele emanava de seu coração e envolvia Rico que, no momento, estava brincando com Lola no terraço.

— Kalispera, mi pequena — disse ele, antes de erguê-la e beijar suas bochechas.

— Você vai acabar confundindo-a usando duas línguas diferentes — provocou Gypsy, arfando levemente pela maneira como seu corpo havia reagido ao olhar quente de Rico.

Ela desejou que ele fosse até ela e a beijasse também, e se odiou por isso.

— Bobagem. Ela é minha filha, portanto tem uma inteligência acima da média e já será bilíngüe quando fizer 3 anos.

O coração de Gypsy bateu com tanta força que ela chegou a levar a mão ao peito, temendo que Rico pudesse ouvi-lo.

— Tenho um compromisso em Atenas, amanhã à noite. Gostaria que você me acompanhasse.

Gypsy conteve uma careta.

— Mais um evento para angariar fundos para uma instituição de caridade?

Rico sorriu.

— Não, é uma festa para comemorar a abertura de um novo hotel de um amigo.

— Oh...

Gypsy vacilou. Ela não podia continuar escondida naquela ilha para sempre, mas a idéia de aparecer em público ao lado de Rico, agora que seus sentimentos por ele eram evidentes para qualquer um, parecia-lhe muito perigosa.

— Está bem...

— Ótimo. Pedirei a Demi que venha pegá-la às quatro da tarde e a conduza até lá de helicóptero. Eu a encontrarei no hotel.

— E quanto a Lola?

— Agneta estará aqui. Ela pode cuidar dela durante a noite.

Gypsy ofegou.

— Nós vamos passar a noite toda fora? Eu nunca a deixei sozinha por tanto tempo. Rico voltou a assumir seu ar implacável.

— Parece-me, então, que esta é uma ótima hora para mudar isso. Eu recebo muitos convites para todo tipo de evento, e é bem mais prático permanecermos em Atenas. Nós podíamos levá-la conosco se ela tivesse uma babá, mas como não tem...

— Nós não precisamos de uma babá. Eu posso cuidar dela.

— Mas não o tempo todo — disse ele, entrando novamente em casa, sem dar margens para discussões. — E já que você trouxe o assunto à tona, eu agendei algumas entrevistas com determinadas candidatas.

— Você está fazendo a mesma coisa outra vez — disse Gypsy, quase tendo que correr para alcançá-lo, observando-o entregar Lola a Agneta para que ela a alimentasse.

Assim que Agneta se afastou com Lola, Rico se virou para ela com uma expressão perigosa no rosto.

— Eu sou um homem muito ocupado. Parte do nosso acordo reza que você deve me acompanhar aos eventos a que sou convidado e nós não podemos fazer isso com um bebê. Ela ficará bem. Rafael e Isobel também têm uma babá exatamente para esse propósito.

— Mas o caso deles é diferente.

Ele se aproximou dela e Gypsy recuou, intimidada com seu olhar.

— Porque eles são um casal de verdade?

— Mais ou menos — respondeu Gypsy, torcendo para que Rico se detivesse, mas ele não o fez.

— Não há nenhum motivo para que não sejamos um casal também, Gypsy... Sentimos desejo um pelo outro...

Gypsy balbuciou, chocada por perceber que aquele comentário havia despertado uma perturbadora esperança dentro dela.

— Esse acordo que você mencionou é unicamente seu. Não sei se você lembra, mas eu não tive voz alguma na ocasião. E Rafael e Isobel sentem bem mais do que apenas desejo um pelo outro. Você nem mesmo gosta de mim!

— Acho que posso dizer que o que sinto por você está se modificando profundamente, e para eu ser honesto, 15 meses estão me parecendo cada vez menos satisfatórios. Eu prevejo uma união bem mais longa. Seria prático em todos os aspectos... Especialmente quando o nosso desejo parece não diminuir nem um pouco com o passar do tempo...

Tomada de pânico diante daquelas palavras frias, ansiosa por saber qual havia sido a sua intenção ao dizer que seus sentimentos estavam mudando, e temendo se, ver presa a uma união sem amor, ela balbuciou:

— Eu não posso garantir que o meu desejo perdure por muito mais tempo e tenho certeza de que o seu ego não suportaria levar para a cama uma mulher que não o desejasse mais. Talvez fosse melhor você pensar um pouco mais nisso antes de fazer qualquer declaração imprudente.

Aquilo havia soado falso até mesmo para os próprios ouvidos. Se havia alguém ali propenso a perder o seu desejo, esse alguém era Rico. Ela viu a expressão dele mudar e soube que teria que fugir rápido. Chegou a se virar, mas Rico a agarrou pela cintura.

Gypsy lutou contra a reação do seu corpo ao dele e protestou inutilmente quando Rico a carregou até o estúdio, fechando a porta atrás de si.

As costas dela estavam junto à porta e Rico a prendia contra ela.

— O que você estava dizendo mesmo? — perguntou ele, num tom perigoso.

Gypsy não conseguiu abrir a boca. Os dedos dele agiram rápidos e abriram os botões da camisa dela. Seus quadris se colaram aos de Gypsy enquanto ele afastava as laterais de sua camisa, expondo os seios cobertos pelo sutiã rendado.

Ela sentiu seus mamilos enrijecerem e despontarem sob a renda. Rico também o notou e um sorriso selvagem curvou seus lábios ao tomá-los em suas mãos e roçar a ponta dos seus polegares sobre os bicos. Gypsy conteve um gemido.

— Eu não vejo nenhuma evidência de que o seu desejo esteja diminuindo. Isto não acontece com todo mundo... — disse Rico, num tom gutural. — Foi instantâneo entre nós desde que nos conhecemos. Acha que se extinguiu mesmo depois de ter resistido a uma ausência de dois anos?

Gypsy lutou contra as ondas de desejo que ameaçavam tragá-la e disse desafiadoramente:

— Nada dura para sempre.

Tomado de raiva e desejo, Rico avançou sobre a boca de Gypsy, num beijo rude. As mãos traiçoeiras de Gypsy agiram independentemente da sua vontade e arrancaram a gravata dele. Ela abriu os botões da camisa dele com urgência, ouvindo alguns deles caírem ao chão. Enquanto levava suas mãos ao cinto dele, Rico baixou as taças de renda do sutiã e libertou-lhe os seios para que pudesse tomá-los em sua boca, a fim de sugá-los e morder os bicos sensíveis.

Gypsy baixou a calça dele e libertou-lhe a virilidade poderosa. Rico abriu o zíper da calça dela e a puxou para baixo, junto com a calcinha.

— Tire-as e enrosque as suas pernas em minha cintura.

Gypsy quase gritou de frustração quando o seu jeans ficou preso na sua perna, dobrando-se para tirá-lo antes de voltar a agarrar o pescoço e ombros de Rico, enquanto ele enrascava as pernas dela em torno da própria cintura. E eles nem sequer haviam se afastado da porta.

Com um único e poderoso impulso, ele a penetrou. Gypsy ofegou em voz alta, agarrando-o com força quando ele se afastou lentamente para então golpeá-la outra vez.

Rico a soltou e a apoiou de novo contra a porta, abrindo algum espaço entre eles para que pudesse baixar a cabeça e tomar um dos seios rosados em sua boca enquanto a penetrava ritmadamente.

Quando ele afastou a boca de seu seio, Gypsy abriu os olhos e o fitou. Suas bochechas estavam rubras, seu rosto completamente contraído de desejo e paixão, seus olhos quase negros. Movida por uma intensa emoção, ela tomou o rosto dele em suas mãos e colou a sua boca à dele.

À medida que eles foram se aproximando do clímax, suas bocas se uniram e Rico engoliu o gemido alto dela quando Gypsy contraiu seus músculos com força em torno dele. Ele então se deixou levar e jorrou a sua semente dentro dela com uma intensidade inimaginável.

Depois enterrou a cabeça no ombro dela e permaneceu assim por um bom tempo, ainda intimamente unido a ela. Gypsy afagou o seu cabelo, sem sequer se dar conta da ternura de seu gesto.

Naquele momento, algo mudou para sempre dentro de Rico. Ele podia ter acabado de engravidá-la, e para falar a verdade esperava mesmo que aquilo tivesse acontecido.

Não havia mais como negar. Ele tinha que encarar o fato de que seus sentimentos por Gypsy haviam mudado completamente.

A resolução lhe deu forças para se mexer. Ele pousou Gypsy cuidadosamente no chão, segurando-a enquanto suas pernas ainda estavam bambas. Podia sentir os tremores que ainda percorriam o corpo dela. Ele lhe entregou as suas roupas, antes de pegar as dele e vesti-las.

— Você está bem?

Gypsy olhou para ele depois de subir o seu jeans, parecendo atordoada, e disse:

— Acho... Que sim.

Rico franziu as sobrancelhas.

— Eu a machuquei?

Gypsy corou e negou com a cabeça, deixando o cabelo cair sobre o rosto para que ele não visse a sua expressão.

— Não...

Rico lhe ergueu o queixo. Suas bochechas estavam vermelhas, seus lábios inchados e seus olhos brilhantes.

— Se acha mesmo que o nosso desejo está declinando ou que isto é algo que acontece mais do que uma vez na vida, você é mais; louca do que eu podia imaginar.

Gypsy olhou para ele com o coração aos pulos. Rico a olhava com uma expressão indecifrável.

— Você não sabe quem eu sou, Gypsy, porque desde aquela manhã em que descobriu quem eu era, formou uma opinião fechada a meu respeito.

— Eu não sei do que você está falando, Rico — disse ela, agitada.

— O que estou dizendo é que você tem que se abrir para mim. Tem que confiar em mim. Eu vou fazer parte da sua vida e da de Lola para sempre, de modo que teremos que chegar a alguns acordos.

Abalada com aquela afirmação e sentindo-se extremamente exposta ao pensar que ele poderia ter feito amor com ela só para provar que estava certo Gypsy balbuciou:

— Assim como tenho que estar disponível para uma rapidinha quando você tiver vontade?

Rico acariciou a pele dela com o polegar.

— Nós dois quisemos isso, não finja que não. Eu nunca senti por ninguém essa urgência que sentimos um pelo outro. Você mexe comigo, Gypsy Butler.

Foi então que eles ouviram a falação de Lola. Agneta certamente havia acabado de alimentá-la e estava procurando por eles. Gypsy empurrou Rico e abriu a porta do estúdio, tentando fingir que estava tudo normal, quando seu mundo, na verdade, havia acabado de virar de cabeça para baixo.

Ainda na porta, ela se virou e disse para Rico, evitando encará-lo:

— Estou muito cansada hoje. Vou para a cama cedo. Sozinha.



— Não se preocupe Gypsy — disse ele num tom zombeteiro. — Eu não irei até sua cama. Vou sair cedo amanhã, mas esteja pronta para me encontrar às quatro horas.

Gypsy passou aquela noite em claro, ansiando por Rico, apesar do que havia lhe dito.

Ela precisava pensar, mas sua mente estava muito confusa. Tivera a impressão de que Rico parecia vislumbrar algum futuro para ambos. Mas de que, exatamente, se tratava? Será que ela teria coragem de lhe perguntar?

Rico tinha razão. Ela o havia prejudicado desde o início, e ele, na verdade, era muito diferente do seu pai.

Envergonhada, ela teve que reconhecer que parte de sua reação podia se dever à inveja que sentira ao ver Rico aceitar Lola sem reservas. Ela jamais havia recebido um tratamento igual por parte do próprio pai. Grande parte da arrogância inicial de Rico deveria estar relacionada ao choque por causa da novidade, e talvez ao medo de que ela tentasse fugir outra vez.

Mas o pior era o modo como ela se sentia a respeito de Rico. Agora que o conhecia um pouco melhor, ela suspeitava que ele houvesse se permitido viver uma versão mais leve e menos cínica de si mesmo na noite em que eles tinham se conhecido, talvez por, assim como ela, ter se sentido mais livre em seu anonimato.

Se fosse realmente sincera consigo mesma, ela teria que admitir que a coisa que mais a havia magoado tinha sido a frieza com que ele a deixara, fato do qual ele já dissera que tinha se arrependido, tendo, inclusive, tentado entrar em contato com ela.

Gypsy jamais tinha pensado que Rico poderia olhar para ela com a mesma ternura que ela havia visto entre Rafael e Isobel, mas naquele exato momento seu coração tolo não conseguia deixar de sonhar com aquela possibilidade.

Ela não podia nem pensar em se apaixonar por Rico. Eles só haviam se reencontrado algumas poucas semanas atrás. Como poderia confiar em seus sentimentos quando a felicidade de sua filha estava em jogo? Quem podia afirmar que Rico não a estava seduzindo apenas para manter a ela e a Lola sob seu domínio?

Aquele medo era praticamente um vício entranhado em seu coração depois de anos de convivência com um homem que a havia amedrontado e controlado apenas porque ela fazia com que ele se lembrasse da sua fraqueza. Um homem que havia deixado sua mãe morrer à míngua porque ela não pertencia à sua classe social e o havia obrigado a reconhecer a sua filha.

Gypsy olhou para o seu reflexo no espelho do guarda-roupa da luxuosa suíte do hotel que seria inaugurado naquela noite.

Ela havia encontrado uma série de trajes diferentes à sua espera no guarda-roupa.

Assim que optou por um deles, o restante da equipe se pôs em ação. O cabeleireiro sorria para ela, dizendo:

— Recebi ordens expressas para não alisar o seu cabelo.

Gypsy apenas retribuiu o sorriso, sentindo um frio na barriga, como se estivesse caindo num abismo, rumo ao desconhecido.

Ela já estava outra vez sozinha, contorcendo-se para checar a sua imagem no espelho, sentindo-se ao mesmo tempo ridícula e perturbadoramente sexy. O vestido era dourado escuro, e ia até a altura do joelho, com apenas uma alça larga sobre um dos ombros, deixando o outro descoberto.

As sandálias de salto alto douradas pareciam á coisa mais delicada que ela já tinha visto, e seu cabelo estava solto, afastado do rosto por tiaras douradas no estilo grego. As únicas jóias eram um par de argolas de ouro.

Foi só então que ela se deu conta do homem alto e imponente junto à porta. Gypsy se virou, sentindo-se repentinamente desprotegida. Rico estava deslumbrante com seu terno preto, sua camisa branca e gravata preta. Ele foi até ela e Gypsy percebeu que ele tinha uma garrafa de champanhe na mão e duas taças. Seu estômago revirou imediatamente, mas ela se conteve. Talvez já estivesse na hora de superar o seu trauma de adolescência.

Rico olhou para ela como se nunca a tivesse visto antes.

— Você está linda.

Gypsy fez uma careta.

Ele sorriu.

— Diga, obrigada, Rico.

Ela olhou para ele e se sentiu tomada por uma estranha leveza.

— Obrigada, Rico — disse Gypsy, com um sorriso. — Você também está encantador.

Ele serviu o champanhe e lhe estendeu uma taça. Gypsy conteve a respiração enquanto tomava um gole. O líquido deslizou pela sua garganta como um raio de sol efervescente e, ela quase gritou de alívio. Ficou tensa por um momento, esperando sentir o costumeiro enjôo, mas ele não veio. Tomou mais um gole, deleitada.

Rico bateu a sua taça de leve na dela:

— Parece até que você nunca tomou champanhe antes.

Ela olhou no fundo dos seus olhos.

— Já faz muito tempo que não.

Ele arqueou uma sobrancelha e perguntou:

— Segredos de uma juventude transviada?

Gypsy disfarçou a pontada de dor e disse:

— Dificilmente.

Uma deliciosa tensão se alojou em seu baixo-ventre ao olhar para Rico; ele era tão alto, tão grande...

Num impulso, ela balbuciou:

— O que houve com o seu nariz?

Ele enrijeceu.

— Meu padrasto, no dia em que deixei Buenos Aires, como um lembrete de seu afeto.

Gypsy se lembrou de quando Isobel havia lhe dito que Rico quase tinha sido hospitalizado.

— Ele também foi o responsável pelas cicatrizes nas suas costas?

Ela as havia notado numa das manhãs em que Rico tinha se levantado para voltar para o seu quarto, e as sentira quando fizera amor com ele, mas não tivera coragem de lhe perguntar a respeito.

A boca de Rico se contorceu.

— Sim. Elas fazem parte do legado que meu padrasto me deixou por não ser filho biológico dele. É difícil desviar da mira de um cinto de couro quando se é pequeno...

Gypsy foi tomada de horror e compreendeu, subitamente, o quanto era importante para Rico que Lola pudesse contar com ele.

Ela se aproximou e tocou o maxilar dele.

— Se eu estivesse lá, teria me colocado entre vocês dois, para que ele batesse em mim, em vez de em você — disse ela com a voz rouca.

Gypsy olhou para ele. Parte dela não podia acreditar no que havia acabado de dizer, enquanto a outra sentia intensamente o que dissera.

Foi então que ela se deu conta. Meu Deus, ela estava apaixonada por ele.

Para seu alívio, Rico pousou o champanhe e tomou a sua mão antes que pudesse perceber alguma coisa.

— Acho que é melhor descermos — disse ele, com a voz rouca, parecendo emocionado. — A inauguração começará a qualquer momento, e eu tenho um discurso a fazer.

Gypsy o seguiu com a nítida sensação de que a terra havia mudado de eixo, com a sua mão na dele. Ela passou o trajeto todo do elevador olhando para o chão, temendo que ele pudesse perceber o que ela estava sentindo se o olhasse nos olhos.

Rico ainda estava abalado com a afirmação dela. Sabia que ela havia sido sincera por causa de sua expressão chocada assim que as palavras saíram de sua boca, como se não acreditasse que as tivesse proferido.

A única pessoa que sabia exatamente o que ele havia passado nas mãos de seu padrasto era Rafael, pois havia vivido a mesma coisa, embora não na mesma medida. Rico tivera a sensação, muitas vezes, de que seu irmão havia querido lhe dizer algo semelhante, mas nunca o articulara com a mesma doçura e simplicidade de Gypsy.

Respirando profundamente pouco antes de as portas se abrirem, Rico apertou a mão dela com mais força e Gypsy retribuiu o gesto, em silêncio. Seu peito se expandiu, a porta se abriu e eles saíram.

Rico já havia feito o seu discurso e estava agora de volta à mesa, segurando a mão dela outra vez.

Eles mal precisavam circular, já que todas as pessoas iam até ele. A única vez que ele cruzou efetivamente o salão foi para falar com outro casal, um homem bastante bonito e sua esposa, que já se encontrava num estágio avançado de gravidez.

— Gostaria de lhe apresentar dois amigos meus recém-casados: Leo Parnassus e Angel, sua esposa.

A mulher sorriu timidamente, com a mão sobre a barriga. Gypsy perguntou com quantos meses ela estava e as duas entabularam uma conversa a respeito de gravidez e partos. Gypsy percebeu que Rico estava tenso, e assim que o casal se afastou ele se virou para ela e disse:

— Eu não sei nada a respeito da sua gravidez, nem do nascimento de Lola...

Tomada de culpa, Gypsy imediatamente soltou a mão da dele.

— Eu sinto muito... Não pensei... — começou ela.

Rico, porém, pegou a mão dela novamente e balançou a cabeça.

— Eu não estou zangado com você... Não mais. Mas gostaria que me contasse a respeito, alguma hora, está bem?

Gypsy assentiu, sentindo-se cair ainda mais fundo no abismo. Naquele exato momento, porém, alguém perto deles declarou em voz alta:

— Oh, meu Deus! Alexandra Bastion é você?

## CAPÍTULO ONZE

O sangue de Gypsy gelou em suas veias. Sem que ela se desse, conta sua mão agarrou a de Rico com mais força. A mulher foi até ela e agarrou o braço de Gypsy, que a reconheceu em meio ao choque. Elas haviam freqüentado a mesma escola, um internato distante e muito caro, na Escócia. O lugar mais distante para o qual o seu pai havia conseguido enviá-la.

— Alexandra... Eu não acredito! Já faz... O quê? Sete anos desde que deixamos aquele lugar? Como você esta? O que tem feito?

Os olhos da mulher seguiram apreciativamente na direção de Rico. Era óbvio que ela esperava ser apresentada a ele. Mas Gypsy não conseguia falar, e percebeu, de repente, que o champanhe estava começando a deixá-la enjoada.

Como se compreendendo o seu mal-estar e certo de que aquela mulher estava louca, Rico passou o braço em torno da cintura de Gypsy.

— Eu sinto muito... Acho que você a está confundindo com outra pessoa — disse ele, levando-a embora dali.

— Eu preciso ir ao banheiro — disse Gypsy.

Em poucos segundos, eles estavam no elevador a caminho do quarto. Gypsy respirou fundo, concentrando-se para não vomitar, mas tudo no que conseguia pensar era no champanhe fermentando em sua barriga e na mulher que a havia feito voltar no tempo.

Assim que chegaram ao quarto, ela correu para o banheiro e fechou a porta, curvando-se sobre a pia para vomitar. Ao perceber que Rico havia entrado, ela estendeu a mão e pediu num fio de voz:

— Saia, por favor...

Como era de se esperar, porém, ele a ignorou. Ela ouviu a água correr e depois sentiu uma toalha úmida no rosto que lhe proporcionou um enorme alívio. Quando seu estômago se esvaziou por completo, Rico lhe estendeu uma escova de dente já com pasta.

Gypsy escovou os dentes e jogou um pouco de água no rosto. Depois Rico a tomou nos braços, apesar do seu protesto, e a acomodou numa das poltronas do quarto.

Ele se sentou na ponta da cama, perto dela, e ficou observando-a com as mãos enfiadas entre as pernas. Gypsy sabia que precisava lhe dizer alguma coisa. Agora.

Sentindo um nó na garganta ela respirou; fundo e disse:

— Quando eu tinha 15 anos, meu pai me pegou bebendo um restinho de champanhe de uma garrafa que havia sobrado de uma de suas festas. Ele me arrastou até o seu estúdio, abriu outra garrafa e me forçou a beber toda uma caixa. Não me deixou sair até

todo o champanhe acabar. Quando eu vomitei, ele me obrigou a limpar o chão e me disse que talvez aquilo me servisse de lição da próxima vez que eu decidisse experimentar champanhe.

Ela olhou para Rico. Com os olhos injetados nos dela, ele disse:

— Seu pai era John Bastion.

Gypsy nem sequer se surpreendeu por ele saber. Apenas assentiu, esgotada.

— Quando foi que você descobriu?

— Antes de voltarmos para Atenas.

Quer dizer, então, que ele já sabia de tudo há semanas, mas não tinha dito nada.

— Eu queria que você mesma me contasse. Por que não quer falar sobre ele comigo?

Gypsy sentiu um aperto no peito e mordeu o lábio inferior. Por onde começar?

— Porque eu o odiava e quis esquecer que ele havia existido depois que morreu.

Rico franziu as sobrancelhas.

— E de onde surgiu Alexandra?

— O único motivo pelo qual meu pai me aceitou em sua casa foi a sua necessidade de manter as aparências e não criar atrito com o Serviço Social. Ele queria evitar qualquer repercussão negativa à sua reputação a todo custo. Assim que passei a morar na sua casa, porém, ele insistiu em mudar o meu nome para Alexandra e espalhou o boato de que havia me adotado, num gesto de extrema bondade. Não queria que ninguém soubesse que eu era sua filha biológica. Tinha vergonha de ter tido um caso com a sua faxineira. Tinha vergonha de tudo o que dizia respeito a mim, especialmente por eu não ser uma loura, como a mãe dele ou a sua nova esposa.

Rico se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— E quanto à sua mãe? Onde ela estava?

Gypsy olhou para baixo.

— Nós não vivíamos nada bem. O lugar onde eu morava com Lola era um verdadeiro palácio comparado ao lugar onde eu morava com a minha mãe. Ela era doente. Chegou a tentar se matar... Foi por isso que ela quis que eu fosse morar com o meu pai. Ele insistiu em que ela fosse enviada a um hospício para uma avaliação psiquiátrica... Sem recursos, nem ninguém com quem conversar, ela acabou se perdendo no sistema, e foi esquecida. Morreu lá quando eu tinha aproximadamente 13 anos, mas eu não soube disso até o meu pai morrer e eu encontrar uma carta do hospital.

— Seu pai e sua madrasta morreram num acidente de avião?

Gypsy assentiu.

— Sobre o Canal da Mancha, voltando da França.

— Por que você estava na boate àquela noite, Gypsy? — Perguntou ele, pegando-a de surpresa.

Ciente de que se continuasse investigando, ele acabaria descobrindo tudo por conta própria, ela contou.

— Como era a parenta mais próxima do meu pai, apesar do que a opinião pública acreditava, eu herdei toda a sua fortuna. Ele nunca fez nada para garantir que eu não ficasse com o dinheiro, o que, certamente, era a sua intenção, pois acreditava que era infalível, e não contou com a possibilidade de uma morte súbita... Já haviam se passado seis meses desde a morte dele naquela noite, e eu tinha transferido todos os bens dos

Bastion para as instituições de caridade das quais ele havia sido patrono e a quem ele roubara, durante anos. Eu me sentia tão culpada por nunca ter tido coragem suficiente de denunciá-lo à polícia que aquilo era o mínimo que eu podia fazer. Doei o restante do dinheiro para hospícios e pesquisas psiquiátricas, e insisti em que tudo fosse feito anonimamente. Não queria nenhuma repercussão disso na mídia. Aproveitei também para reaver o meu nome de batismo, o que foi relativamente fácil, já que era o que constava em minha certidão de nascimento. Eu estava finalmente livre, dele e do seu legado. Não queria um único centavo dele. Não depois do que ele havia feito a mim e à minha mãe. — Ela deu de ombros. — Entrei naquela boate, ouvi o ritmo da música e quis dançar, celebrar, me libertar...

Rico voltou a se sentar na cama.

Gypsy prosseguiu apressadamente, querendo fazer com que Rico entendesse.

— Meu pai sabia que eu havia descoberto as suas transgressões, por isso, quando fiz 17 anos, ele me levou a um evento de caridade e me leiloou para trabalhar durante o verão, numa missão na África. Ele queria se, ver livre de mim e demonstrar o seu controle, mas fui eu quem ri por último, porque aquela foi a melhor experiência da minha vida, a que me inspirou a estudar Psicologia. — Ela mordeu o lábio. — Ele falava muito de você. Tinha inveja da sua fortuna e dizia que você era implacável. Essa foi outra razão pela qual eu sempre pensei o pior a seu respeito. Achei que você usava os mesmos métodos que ele...

— Eu nunca tive nada a ver com esse homem. Não tinha nenhum respeito pelo modo como ele fazia negócios.

Triste, Gypsy disse:

— Agora eu sei disso. — Ela se levantou repentinamente. Nunca havia revelado tanto de sua história a ninguém e estava se sentindo muito desprotegida. — Importa-se se não falarmos mais sobre este assunto? Alexandra Bastion, na verdade, nunca existiu. Eu gostaria de voltar para casa para ficar com Lola, se for possível.

Rico também se levantou, com uma expressão indecifrável.

Gypsy quase desfaleceu de alívio quando ele disse:

— É claro que é possível. Vou chamar Demi agora mesmo. Por que não se troca para que possamos partir?

Rico permaneceu em silêncio durante todo o trajeto de volta à ilha, e então até a mansão, e Gypsy ficou imensamente grata por isso. Assim que entraram, porém, e constataram que Lola estava dormindo tranqüilamente, Rico acariciou o rosto dela e disse:

— Conversaremos amanhã...

Seu tom de voz não permitia nenhuma resposta. Era óbvio que ele não iria deixar aquela conversa terminar ali. Gypsy assentiu, relutantemente, e Rico seguiu para o seu quarto, deixando-a sozinha, no dela.

Naquela noite, pela primeira vez, depois de muito tempo, ela dormiu como um bebê.

Na manhã seguinte, Gypsy acordou deleitada com a falação de Lola, que esperava que alguém fosse cuidar dela. Estava apreensiva, com a sensação de que alguma coisa importante iria acontecer. Ela não conseguia esquecer o fato de que Rico já sabia a respeito do seu passado. Talvez não tudo, mas o suficiente, e mesmo assim, havia querido esperar até que ela lhe contasse tudo, sem usar o que sabia contra ela.



O que aconteceria agora que ela não tinha mais defesa alguma contra ele?

Gypsy se levantou e foi cuidar de Lola, que exclamou extasiada:

— Mamãe!

Gypsy tirou-a do berço e a segurou junto de si, inalando o seu cheirinho delicioso, mas Lola já havia começado a se contorcer em seus braços, ansiosa por explorar o espaço.

Foi só quando a viu escapar pela porta do quarto que Gypsy percebeu que ela estava à procura de Rico, que a tomou nos braços, para seu deleite.

Ele olhou para Gypsy, sem nenhuma expressão discernível no rosto.

— Posso levá-la lá para baixo, se você quiser se trocar. Para podermos conversar.

Pouco depois, Gypsy desceu. Agneta estava brincando com Lola. Gypsy tomou um pouco de café e tentou comer um croissant, mas o nó em sua garganta a impediu de fazê-lo.

Agneta levou Lola para trocar de roupa e Rico pousou o seu guardanapo na mesa.

— Pode me acompanhar até o estúdio?

Gypsy olhou para ele e algo perverso a fez dizer:

— Oh, quer dizer que agora você pergunta?

Foi um erro, porque Rico olhou ameaçadoramente para ela e tudo no que Gypsy conseguiu pensar foi no encontro sensual que eles haviam tido ali.

Assim que entraram no estúdio, Rico virou-se para encarar Gypsy, que instintivamente cruzou os braços a fim de se proteger. Rico apoiou o quadril na ponta de sua mesa e ela lutou para não olhar para as suas coxas firmes.

— Eu não tinha idéia do quanto você havia sofrido nas mãos daquele homem.

Gypsy desviou o olhar e deu de ombros.

— Como poderia? Ninguém sabia.

— Foi por isso que você não quis me contar a respeito de Lola, não foi?

Gypsy engoliu em seco e voltou a encará-lo.

— Em grande parte, sim. Entretanto, por mais que você não acredite, eu pretendia lhe contar. Só queria estar numa situação melhor... Não queria que você me visse fraca, e a idéia de ser arrastada aos tribunais para provar a sua paternidade me apavorava. Eu não queria que as pessoas descobrissem que eu havia sido Alexandra Bastion e se perguntassem aonde havia ido parar toda a fortuna da família. Jamais achei que poderia engravidar aquela noite. Eu realmente pensava estar segura.

Rico estremeceu.

— Eu já lhe expliquei a respeito daquele caso. Foi uma coincidência extremamente infeliz você ter visto aquela notícia, justo naquela manhã.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro, fazendo o pulso de Gypsy acelerar.

Rico se deteve para encará-la, e num gesto pouco habitual de impaciência, passou a mão pelo cabelo.

— Está claro, agora, que nós dois tivemos nossas razões para reagir da maneira que reagimos um ao outro. Eu achei que você era igual à minha mãe, afastando-me intencionalmente de Lola somente porque isso servia a seus propósitos. A idéia de Lola poder vir a ser criada por outro homem, depois de ter passado pelo que eu passei... Era insuportável para mim.

Gypsy surpreendeu-se ao ouvi-lo falar de outro homem. Jamais haveria outro homem além dele em sua vida. Não mais.

— Eu estava aterrorizada com a idéia de que você pudesse ser como o meu pai... Ou pior... Porque você era ainda mais poderoso que ele. Achei que iria querer me riscar da vida de Lola do mesmo modo como o meu pai havia feito com a minha mãe.

Rico balançou a cabeça.

— Eu fiquei zangado com você, mas jamais pensei em fazer tal coisa. Confesso que cheguei a pensar num futuro com Lola ao meu lado sem você... Mas já não vejo mais as coisas desse jeito.

— Não?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu nos vejo todos juntos. Não quero que isto acabe ao final dos 15 meses. Não quero deixar você e Lola irem embora. Quero que formemos uma família...

Gypsy começou a tremer dos pés à cabeça. Rico estava falando de algo muito importante. Ele queria que ficassem juntos. Para sempre? Aquilo lhe pareceu á coisa mais estimulante e aterrorizante de todas ao mesmo tempo.

Uma vozinha no fundo de sua mente teimava em lhe dizer que homens como Rico eram mestres em conseguir o que queriam e que ela não tinha a menor idéia do que ele realmente sentia por ela. Ele podia estar disposto a perdoá-la agora, mas o que aconteceria se o seu ressentimento se mostrasse mais forte, ou se o seu desejo por ela diminuísse e ele se interessasse por outra mulher?

Gypsy balançou a cabeça e começou a recuar, notando o brilho nos olhos de Rico.

— Espera que eu concorde com os seus planos assim, sem pestanejar? Você só passou a participar de nossas vidas há um mês e acha que podemos formar uma família?

Ele enrijeceu.

— Você só está dizendo isso porque tem dificuldade de confiar em mim.

— Não me subestime Rico. Você fez as coisas do seu jeito desde o começo. Era exatamente isso que eu temia.

— Gypsy... — disse ele, parecendo frustrado. — Você não está sendo racional.

Algo há muito tempo enterrado dentro dela veio à tona naquele momento.

— Eu não sou a minha mãe, Rico. Não tenho problemas mentais. Tenho habilidades e posso cuidar de mim e de minha filha.

— Eu não estou dizendo que você não é capaz. Tudo o que quero é participar disso. Quero que fiquemos juntos.

— Porque você quer nos controlar.

Gypsy percebeu que estava sendo irracional, mas não conseguiu se conter.

— Droga, Gypsy, não é nada disso. Eu amo Lola e não quero me separar dela, e eu...

— Ele se deteve, preocupado com a expressão no rosto dela. — O que foi?

Ele se aproximou dela, mas Gypsy o afastou. Se ele a tocasse agora...

Por um momento, ela chegou a pensar que ele ia dizer que a amava, e quando não o fez, ela se sentiu desmoronar... É claro que ele amava Lola e queria fazer o que era melhor para ela.

— O que eu preciso fazer para lhe provar que você pode confiar em mim e que eu não sou igual ao seu pai?

Gypsy olhou para Rico sentindo-se muito culpada.

— Eu quero ter certeza de que você nos deixará ir embora se assim o quisermos e que não vai se afastar de Lola apenas para me punir.

Pálido e com o rosto contraído, Rico permaneceu um bom tempo em silêncio e então deixou o estúdio. Antes que Gypsy pudesse se perguntar o que ele estava fazendo, Rico voltou e lhe estendeu a chave do jipe.

— Vá em frente. Eu disse a Agneta para fazer as suas malas.

Num torpor, Gypsy pegou a chave e olhou nos olhos de Rico, frios e da cor do granito.

— Vai nos deixar ir embora agora mesmo, sem mais nem menos?

— Não é isso o que você quer?

Totalmente confusa e supondo que Rico talvez já estivesse farto de toda aquela história, Gypsy assentiu. Ela certamente não significava nada para ele.

Em pouco tempo, as malas de Gypsy foram colocadas no jipe e Lola foi presa em sua cadeira.

A única coisa que Rico disse, foi:

— Isso não significa que vocês deixarão de fazer parte da minha vida. Lola sempre saberá que pode contar comigo.

Gypsy entrou no jipe e tentou ligar o carro, mas sua mão tremia. Ela não tinha a menor idéia do que fazer e nem para onde ir, mas mesmo assim deu a partida para deixar a mansão.

Um pranto queixoso soou no banco de trás.

— Papai!

Chocada, Gypsy quase perdeu a direção. Ouvir Lola chamar Rico de pai pela primeira vez, como se só tivesse estabelecido aquela conexão agora que elas estavam partindo, á desmontou completamente. Ela teve que parar no meio-fio porque seus olhos se encheram de lágrimas.

Para aumentar ainda mais a sua aflição, Lola começou a chorar a plenos pulmões.

As duas estavam lá, soluçando, quando de repente a porta de Gypsy se abriu e Rico a interpelou:

— O que foi? Você bateu?

Gypsy não conseguiu dizer coisa alguma. Estava chorando copiosamente, apesar de Lola já ter parado e repetir sem parar:

— Papai... Papai...

Rico voltou sua atenção para Lola e disse maravilhado:

— Ela acabou de me chamar de papai... Está tudo bem, mi pequena. Você quer ir para casa?

Lola devia ter feito alguma coisa para indicar uma resposta afirmativa, pois Rico passou Gypsy para o assento ao lado, assumiu o comando e conduziu o jipe de volta à mansão.

Gypsy viu Rico tirar Lola do carro e beijá-la, antes de entregá-la a Agneta. Logo em seguida, foi á vez da própria Gypsy ser retirada do jipe.

Rico levou-a direto para o quarto e se sentou numa poltrona, com ela no colo. Gypsy ainda estava soluçando e respirando com dificuldade.

Assim que se recompôs e tomou consciência de que estava sentada no colo de Rico, ela enrijeceu.

— Acredita agora que eu a deixarei partir, se você quiser?

Ela olhou desconfiada para ele.

— Você não estava muito longe.

— Responda à pergunta, Gypsy Butler. Acredita em mim agora?

Ela assentiu.

— Eu as segui para saber se estavam bem. Você parecia muito atordoada e eu fiquei preocupado. É bom mesmo que acredite em mim, porque eu nunca mais vou deixá-la ir embora outra vez.

Os olhos de Gypsy voltaram a se encher de lágrimas.

— Não é que eu queira ir embora, só não consigo entender como o amor que você sente por Lola será suficiente para fazê-lo feliz. Não acha que vai querer encontrar alguém daqui a algum tempo, para se casar e formar uma família? Eu sei que você adora a Lola e ela também o adora... Mas o problema é que eu também o adoro e não quero que você me mande embora. Eu confio em você, e isso é assustador porque eu jamais confiei em alguém antes...

Rico envolveu-a nos braços e enxugou as lágrimas do seu rosto.

— Pode parar de falar e chorar por um momento? — disse ele suavemente.

Ele havia falado com ela de forma tão calorosa que Gypsy efetivamente parou de chorar e enrubesceu ao sentir a excitação dele pressionando as suas nádegas.

— Gypsy Butler... — disse Rico, assegurando-se de que ela estivesse olhando apenas para os seus olhos, que brilhavam, fazendo o coração dela acelerar. — Será que não é capaz de perceber o quanto eu amo você, profunda e irrevogavelmente?

Chocada e sem palavras, ela apenas balançou a cabeça.

— Pois eu estou apaixonado por você. Pensei em lhe dizer isso antes, mas você parecia prestes a desmaiar. Eu comecei a me apaixonar por você na noite em que a vi, naquela boate. Eu estava prestes a ir embora, maldizendo-me por ter ido até lá, quando você apareceu, e eu não consegui mais tirar os olhos de você. Parecia tão selvagem e livre totalmente diferente das outras mulheres de lá.

Ele acariciou o seu rosto e Gypsy se inclinou contra ele, derretendo-se toda.

— Aquela noite foi mágica. Eu tive a sensação de que tinha encontrado a pessoa que havia conseguido entrar em contato com quem eu era de verdade. Fui um verdadeiro idiota ao deixá-la daquela maneira pela manhã, mas fiquei apavorado com o que você havia provocado em mim.

— Foi assim comigo também — disse Gypsy, ainda tímida, sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

— Depois você sumiu e tudo o que eu sabia era que havia passado a noite com uma sedutora chamada Gypsy, sem nem ter certeza de que esse era mesmo o seu nome. Você assombrou a minha vida e os meus sonhos nestes últimos dois anos. Eu estava ficando cada vez mais cínico e desiludido até reencontrá-la.

— Mas... Você acabou de me deixar partir...

Uma luz intensa brilhou nos olhos dele.

— Eu tinha que fazê-lo, caso contrário você jamais confiaria em mim. Você e Lola significam tudo em minha vida, mas eu jamais as manteria aqui contra a sua vontade. Tenho que adverti-la, porém, de que eu as seguiria para onde quer que vocês fossem...

Ele puxou o rosto dela para junto do seu e começou a beijá-la, com tanta delicadeza e carinho, como se ela fosse feita de porcelana. Impaciente, Gypsy aprofundou o beijo e acariciou a língua dele eroticamente com a sua até ouvi-lo gemer e finalmente ceder à paixão.

De repente, ela se viu rolando na cama com Rico e suas mãos estavam por toda parte.

O desejo crescia e se intensificava enquanto ambos lutavam para arrancar as roupas, ansiosos por se unir mais profundamente um ao outro.

Finalmente nua Gypsy arqueou todo o seu corpo contra Rico. Ele a pressionou contra a cama e se moveu sobre ela tomando o rosto dela em suas mãos.

Ele olhou para ela com os olhos repletos de amor.

— Só mais uma coisa.

— O que foi? — perguntou ela, desconfiada.

— Se não for assustador demais para você, e se eu prometer que não a controlarei e lhe darei toda a liberdade que quiser, acha que seria capaz de confiar suficientemente em mim para se casar comigo, Gypsy Butler?

O amor e a paixão invadiram todas as células do corpo dela e Gypsy se sentiu finalmente liberta de todos os seus antigos temores.

— Eu confio em você de todo o meu coração e adoraria me casar com você.

Rico viu lágrimas encherem os seus olhos novamente e recomeçou a beijá-la, movendo o seu corpo sobre o dela para que Gypsy pudesse sentir toda a sua excitação.

— Nada mais de lágrimas. Daqui por diante, só teremos sorrisos e gargalhadas... E muito amor.

Ele, então, uniu o seu corpo ao dela e Gypsy ofegou, sem conseguir mais pensar em lágrimas, mesmo que fossem as de alegria.

## EPÍLOGO

Lola passou o celular para Rico e disse por entre o espaço dos dois dentes da frente que haviam caído:

— Aí está, papai, agora você tem o toque mais moderno de todos.

Rico conteve uma careta ao lembrar-se do efeito que o último toque havia causado numa importante reunião.

— Obrigado, Lola. Eu não havia gostado muito do último.

Lola passou os braços em torno do pescoço de Rico e beijou-lhe o rosto.

— Você vai adorar este. Ele é bem alto e você nunca vai deixar de ouvir quando ligarmos.

Rico balançou a cabeça e ficou observando-a enquanto ela corria para brincar com o neto de Agneta, de quem havia se tornado inseparável.

Foi então que Gypsy apareceu, usando um vestido de verão curto que fez o seu pulso acelerar.

Ela trazia um menininho resmungão pela mão: Zack, que obviamente havia despertado antes da hora de sua soneca, Rico abriu os braços para que ele pudesse se aninhar em seu peito, e cair no sono outra vez, com o polegar enfiado na boca, exatamente como sua irmã mais velha costumava fazer.

Rico puxou Gypsy suavemente para junto de si, na espreguiçadeira. Ela se inclinou sobre ele e o beijou demoradamente. Quando eles finalmente se afastaram, Rico acariciou o seu maxilar, esfregando o seu lábio inferior com o polegar, e suspirou de frustração, embora com bom humor. O olhar que eles trocaram dizia tudo.

Gypsy sorriu e colocou a mão sobre sua barriga inchada.

— Eu me esqueci que nunca consigo cochilar quando estou grávida...

Rico sorriu também.

— Nesse caso, acho que é melhor irmos cedo para a cama esta noite... Já faz muito tempo que eu não sinto o seu corpo nu contra o meu Sra. Christofides.

Gypsy corou pensando em como eles haviam acordado enrascados um no outro naquela manhã. Bastava que Rico fizesse um único movimento sutil para criar um contato mais íntimo entre eles. Tudo havia acontecido de maneira lenta e muito sensual. Repleta de amor. Ela sorriu.

— Você é insaciável.

— Só por você, mi amor — disse Rico com um sorriso, cheio de ternura. — Só por você.

**Fim**